

Análise Espacial dos Espaços Funerários Medievais em Lisboa entre os séculos V e XIII

Filipa Silva Dimas

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(Versão melhorada e corrigida após defesa pública)

Nota: lombada (Filipa Dimas,
Análise Espacial dos Espaços
Funerários Medievais em Lisboa
entre os séculos V e XIII, 2022)
- Encadernação térmica -

Abril, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Catarina Tente.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Filipa Silva Dimas

Lisboa, 5 de janeiro de 2022.

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Trabalho de Projecto se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,



Lisboa, 5 de janeiro de 2022.

À memória do meu avô António e da minha avó Julieta

AGRADECIMENTOS

A finalização desta dissertação marca um novo capítulo não só da minha vida, mas também da minha formação. Tendo sido realizada não só graças ao fruto do meu trabalho, mas também com os conselhos, indicações e orientações de pessoas, que passo a indicar nos seguintes parágrafos.

Primeiro, queria agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Catarina Tente, que me acolheu muito bem e me encorajou em todo este processo, pelas suas reuniões mensais, onde não só procurou saber o desenvolvimento das nossas teses, mas também por demonstrar uma preocupação com o nosso estado de saúde mental no decorrer deste contexto pandémico. Bem como, pelo encorajamento para a publicação de um artigo, o seu constante feedback, correções, paciência relativamente à entrega de textos. E por me introduzir na temática da Arqueologia Medieval.

Em segundo lugar, agradeço à Sílvia Casimiro, por indicar à Professora Catarina, o tema da minha dissertação e por se mostrar sempre disponível para esclarecimentos de dúvidas, fornecimento de dados e revisão de textos. E ao Professor Rodrigo Banha da Silva, que quando lhe pedi indicações ou dúvidas, esteve sempre ao dispor.

Ao LABOH, por me fornecer o espaço, onde muitas vezes fiquei a trabalhar na tese, funcionando como uma espécie de refúgio, durante a pandemia. Agradecendo também aos meus colegas de laboratório, a Inês Belém, a Ana Inês, a Natacha, o Sérgio e a Mariana, pela sua companhia constante e pelas palavras de encorajamento.

Por fim, agradeço à minha família, especialmente aos meus pais pelo voto de confiança e paciência neste percurso que parecia sem fim. Ao meu avô Abílio, que me encorajou pelos caminhos da História e da Arqueologia. E uma lembrança especial para o meu avô António e à minha avó Julieta que não viram o fim deste caminho.

RESUMO

Análise Espacial dos Espaços Funerários Medievais em Lisboa entre os séculos V e XIII

Filipa Silva Dimas

Palavras-Chave: Necrópoles, Sepulturas, Mapeamento, SIG, Lisboa, Alta Idade Média, Medieval Islâmico, Plena Idade Média

A presente dissertação tem como objetivo a inventariação, caracterização, análise espacial e mapeamento das necrópoles medievais em Lisboa, datadas entre os séculos V e XIII, isto é, desde o final da ocupação romana até à implantação dos cemitérios paroquiais e assim determinar a sua influência na morfologia urbana.

O estudo do mundo funerário em ambiente urbano é profundamente marcado por intervenções de cariz preventivo que impossibilitam, em muitos casos, uma boa preservação e interpretação dos sítios. Não obstante, têm contribuído para um aumento do conhecimento sobre os espaços funerários medievais na cidade. Ocorre ainda que o espaço temporal analisado se caracteriza por uma diversidade de formas de inumação, das quais a escassez de espólio dificulta as atribuições cronológicas.

Para o estudo destas realidades foi realizado um levantamento sistemático das ocorrências relacionadas com os espaços funerários medievais quer em bases de dados arqueológicas, quer na bibliografia, relatórios não publicados e em referências históricas existentes, de modo a conjugar a informação com a análise espacial. Esta foi realizada através do *QGIS*, obtendo uma imagem da distribuição espacial destes espaços funerários para determinar a existência de possíveis relações com outros espaços significativos da cidade, tais como as muralhas, portas, igrejas, mesquitas, edifícios romanos, estradas e caminhos e outras condicionantes, tais como o tipo de solos e a altimetria. Desta forma pretendeu-se aplicar uma abordagem diferente a este tipo de contextos que tivesse em conta o seu posicionamento, características e alterações ao longo do tempo coberto neste estudo.

ABSTRACT

Spatial Analysis of Medieval Funerary Spaces in Lisbon between the 5th and 13th centuries

Filipa Silva Dimas

Keywords: Necropolis, Graves, Mapping, GIS, Lisbon, Early Middle Ages, Medieval Islamic, Middle Medieval Ages

The present dissertation aims to inventory, characterize, spatially analyze, and map the medieval cemeteries of Lisbon, between the 5th and 13th centuries, that is, from the end of the Roman occupation to the establishment of parish cemeteries and thus determine their influence on urban morphology.

The study of the funerary world in an urban environment is deeply marked by interventions of a preventive nature, that in many cases make it impossible, for a good preservation and interpretation of the sites. Nevertheless, they have contributed to an increase in knowledge about medieval funerary spaces in the city. It also occurs that the temporal space analysed is characterized by a diversity of burial forms, of which the scarcity of grave goods hinders chronological attributions.

To study these realities, a systematic survey of occurrences related to medieval burial grounds was carried out, either in archaeological databases or in bibliography, unpublished reports, and existing historical references, to combine information with spatial analysis. This was carried out through QGIS, obtaining an image of the spatial distribution of these funerary spaces to determine the existence of possible relationships with other significant spaces in the city such as walls, doors, churches, mosques, Roman buildings, roads, paths, and other constraints, such as types of soils and altimetry. Thus, it was intended to apply a different approach to this type of contexts and consider their positioning, characteristics and changes over the time covered in this study.

Índice

I. Introdução.....	10
1.1. Apresentação.....	10
1.2. Objetivos.....	11
1.3. Estado da Arte.....	12
1.3.1. Arqueologia da Morte e Arqueologia Medieval.....	12
1.2.2. Lisboa Medieval.....	16
1.2.3. Aplicação de Sistemas de Informação Geográfica na Análise Espacial Arqueológica.....	19
1.3. Problemáticas.....	21
1.4. Enquadramento.....	24
1.4.1. Enquadramento Geográfico.....	24
1.4.2. Enquadramento Histórico.....	25
II. Metodologia.....	33
2.1. Levantamento e inventariação de vestígios.....	33
2.2. Compilação da Informação.....	34
2.3. Análise Espacial.....	36
2.3.1. Mapeamento.....	36
2.3.2. Geoprocessos.....	39
III. Descrição dos sítios.....	41
3.1. Necrópoles e/ou sepulturas alto-medievais (Séculos V-VIII).....	41
3.1.1. Praça da Figueira.....	41
3.1.1. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros.....	43
3.1.2. Palácio dos Condes de Penafiel.....	45
3.1.3. Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau.....	46
3.1.4. Rua da Prata n.º 88 a 114.....	47
3.1.5. Convento <i>Corpus Christi</i>	49
3.1.6. Rua da Adiça.....	50
3.2. Necrópoles e/ou sepulturas medievais islâmicas (VIII a XII).....	51
3.2.1. Castelo de São Jorge - Praça Nova.....	51
3.2.2. Castelo de S. Jorge – Palácio das Cozinhas.....	54
3.2.3. Calçadinha do Tijolo n.º 37/43.....	55
3.2.4. Largo do Sequeira n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena).....	56
3.2.5. Largo de Santa Marinha.....	57
3.2.6. Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18 – Espírito Santo II.....	58
3.3. Necrópoles do Medieval Pleno (de 1147 até ao século XIII).....	59
3.3.1. Castelo de São Jorge – Rua Espírito Santo n.º 31-35.....	59
3.3.2. Mosteiro de São Vicente de Fora.....	60
3.3.3. Rua da Saudade/ Largo de São Martinho.....	62

3.3.4.	Palácio dos Condes de Penafiel	63
3.3.5.	Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio dos Condes de Penafiel	64
3.3.6.	Sé de Lisboa	65
3.3.7.	Cruzes da Sé	68
IV.	Análise espacial e discussão dos resultados	70
4.1.	Enquadramento administrativo e planos diretores municipais	70
4.2.	Variáveis altimétricas e geológicas	76
4.3.	Variáveis arqueológicas	81
4.3.1.	Relação com as principais estruturas da cidade romana de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>	83
4.3.2.	Relação com a topografia funerária romana	85
4.3.3.	Comparação com a decoração arquitetónica alto-medieval, possíveis templos e necrópoles.....	90
4.3.4.	Relação com as Portas da Cerca Velha e troços de muralha (Séculos I até 1147)	94
4.3.5.	Relação entre a possíveis templos alto-medievais, cristãos-muçárabes, com as mesquitas e as necrópoles alto-medievais e islâmicas	98
4.3.6.	Relação entre os templos cristãos-muçárabes, as mesquitas, a rede paroquial, as freguesias e os enterramentos islâmicos e cristãos	101
4.3.7.	Relação com edifícios religiosos e necrópoles no século XIII-XIV	105
4.3.8.	Relação com edifícios religiosos no século XIV/ XV	107
	Considerações finais	110
	Bibliografia	114
	Bases de Dados Digitais	114
	Fontes Historiográficas	114
	Fontes Iconográficas e Cartográficas	114
	Legislação	115
	Relatórios Técnico-Científicos.....	115
	Estudos	116

I. Introdução

1.1. Apresentação

A presente dissertação, intitulada “*Análise Espacial dos Espaços Funerários Medievais em Lisboa entre os séculos V e XIII*”, tem como finalidade apresentar uma síntese e compreender a organização espacial dos contextos funerários no concelho de Lisboa, dentro da baliza cronológica estabelecida.

A dissertação está dividida em cinco apartados. O primeiro capítulo consiste na *Introdução* e encontra-se estruturado em cinco subcapítulos. O primeiro apresenta a dissertação, o que se pretende alcançar com este estudo, o panorama da investigação sobre a Arqueologia da Morte aplicada a contextos medievais, o conhecimento histórico e arqueológico sobre Lisboa Tardo-Romana e Medieval, e ainda, a aplicação de sistemas de informação geográfica neste tipo de realidades. A partir deste texto é possível enumerar consoante o período, as principais problemáticas da investigação. Fechando o capítulo com duas sínteses, uma direccionada ao enquadramento geográfico do concelho e a segunda, à sua contextualização histórica entre os séculos V a XIII.

Seguidamente, é definida a linha metodológica ao longo do trabalho, desde a consulta em bases de dados patrimoniais e arqueológicas ao levantamento de sítios, a organização do núcleo central de sítios a analisar e outros vestígios para estabelecer uma lista de parâmetros a relacionar com as necrópoles e, por fim, o tipo de ferramentas SIG a utilizar para a análise.

O terceiro capítulo é constituído pela descrição dos sítios que integram o objeto de estudo da dissertação. Divididos em três categorias, as necrópoles Alto-Medievais, as Medievais Islâmicas e as do Medieval Pleno. São referidos um conjunto de pontos, como o seu enquadramento administrativo, o tipo de intervenção realizada, a diacronia de ocupação dos sítios, a caracterização do contexto funerário e a sua proximidade relativamente a outros vestígios arqueológicos.

O Capítulo IV constitui-se como o núcleo central da dissertação, onde se expõem os resultados obtidos através do mapeamento e análise espacial dos sítios. Organizando-se em três partes: no enquadramento administrativo das necrópoles e a sua localização mediante os níveis de intervenção arqueológicos definidos pelo Plano Diretor Municipal. De seguida, são

explorados condicionantes como a implantação geológica, a altimetria e o tipo de solos que caracteriza cada ocorrência. Por último, aplica-se uma série de variáveis de cariz arqueológico e cronológico (divididas por períodos históricos), no sentido de compreender de que forma estas condicionavam a localização destes espaços funerários.

O quinto capítulo representa uma síntese do que foi tratado ao longo da tese, com vista a perceber se os objetivos definidos foram cumpridos e um resumo dos resultados obtidos no capítulo anterior, abordando também o potencial das ferramentas de informação geográficas aplicadas a este tipo de estudos.

Num documento separado, apresentam-se os anexos, divididos em três apartados. O primeiro, corresponde à cartografia de base, nomeadamente ao enquadramento administrativo e geográfico do concelho de Lisboa, incluindo algumas das representações cartográficas e iconográficas históricas da cidade, entre os séculos XVI e XVII. Optou-se por individualizar os mapas referidos no Capítulo I e II, das tabelas, que integram assim o *Anexo II*. Terminando com o *Anexo III*, que diz respeito, ao Capítulo III, incluindo documentação fotográfica, gráfica e uma tabela de caracterização de cada um dos sítios.

1.2. Objetivos

O panorama arqueológico neste espaço é marcado por um grande número de intervenções arqueológicas de cariz comercial e preventivo, que tem fornecido vários elementos para o estudo da paisagem funerária medieval. Através de uma abordagem de carácter marcadamente espacial, pretende-se compreender a evolução da paisagem funerária medieval da cidade de Lisboa.

Os objetivos da dissertação consistem no mapeamento funerário de 20 vestígios do concelho de Lisboa que datam desde a presença tardo-romana até à implementação dos cemitérios paroquiais, envolvendo três grandes blocos cronológicos da Idade Média: a Alta Idade Média, o período Medieval Islâmico e a Plena Idade Média, cada uma com características funerárias específicas.

O segundo objetivo foi, através do mapeamento, analisar um conjunto de situações como a preferência ou concentração espacial por período, a relação com a expansão da cidade, a ligação entre as necrópoles e outros elementos da paisagem (especialmente com espaços religiosos –

rede paroquial), bem como o sistema viário, as portas da cidade e as muralhas. Desta forma pretendeu-se compreender de que forma estes elementos determinaram ou não a sua localização. Foram também analisadas condicionantes como a implantação geográfica destes espaços, salientando a proximidade a cursos de água, a geologia, o tipo de solos e a altitude.

Não obstante os objetivos maiores acima apresentados, no decorrer da investigação foram efetuadas algumas alterações. Inicialmente, pretendia-se desenvolver um levantamento das necrópoles tardo-romanas e alto-medievais (entre os séculos III e XII) para a sistematização dos dados disponíveis e releitura das cronologias. Contudo, a cronologia inicialmente estabelecida foi ajustada para séculos V-XIII, devido ao elevado número de vestígios que se inserem entre os séculos III até ao V, ultrapassando assim o limite de páginas estabelecido para este trabalho. Não esquecendo que a Tardo-antiguidade e a Alta Idade Média muitas vezes, são realidades não muito distantes e dessa forma, foi tido em consideração para o conjunto estudado, no capítulo da análise espacial. Relativamente ao alargamento até ao século XIII, prende-se também por motivos de limitação de espaço e pelo interesse em perceber a localização das necrópoles imediatamente após a conquista cristã da cidade. Num momento inicial foram identificados um conjunto de cerca de 60 vestígios, e após a nova definição de cronologia o mesmo foi reduzido a 20 vestígios, o que possibilitou uma análise mais assertiva do conjunto.

Frisando que o foco deste trabalho não foi o material bioantropológico, nem o espólio e o mobiliário funerário. Mas sim, a caracterização arqueológica de cada necrópole, para situá-las no tempo tendo em conta o seu posicionamento na cidade.

1.3. Estado da Arte

1.3.1. Arqueologia da Morte e Arqueologia Medieval

A Arqueologia Medieval revela um percurso tardio quando comparada com outras cronologias, resultante da ausência de interesse e valorização da comunidade arqueológica numa fase inicial (Azkarate Garai-Olaun, 2002, p. 115-116; Fernandes, 2005).

Os primeiros trabalhos sobre contextos funerários alto-medievais em Portugal, surgem no século XIX, através de figuras como, Estácio da Veiga, que se dedica ao estudo de necrópoles em Mértola e Fernando Paula e Oliveira sobre a região de Cascais. Destacando-se também José Leite de Vasconcelos, ao publicar alguns achados isolados como, epígrafes e

sepulturas na revista, *O Arqueólogo Português* (Tente & Carvalho, 2015, p. 126; Vasconcelos, 1895, p. 7; 1896, p. 248).

Não obstante, na primeira metade do século XX, em Espanha a temática, atrai investigadores, paralelamente com o ressurgimento dos nacionalismos. Caracterizando-se pela elaboração de tabelas cronotipológicas e com os vestígios germânicos e visigodos na Península Ibérica, intimamente ligados com a presença e/ou ausência de adornos pessoais. Neste âmbito enquadram-se os trabalhos de Júlio Martínez Santa Ollala fortemente influenciado, pela escola alemã. Assistindo-se mais tarde, nos anos 50, à contestação de algumas destas ideias, através de Pedro de Palol (Azkarate Garai-Olaun, 2002, p. 118; Quirós Castillo & Vigil-Escalera Guirado, 2011, p. 162). Em Portugal, destacam-se as intervenções de Manuel Heleno, na década de trinta, nas necrópoles de Silveirona, cujo espólio só foi muito posteriormente estudado (Tente & Carvalho, 2015, p. 126; Cunha, 2007).

No entanto, foi a partir da década de sessenta, com o contributo de D. Fernando de Almeida, através de trabalhos realizados em Odrinhas, Idanha-a-Velha, juntamente com o estudo de elementos de decoração arquitetónica visigóticos identificados no território português, que ganha peso a temática da Arqueologia Medieval (Almeida, 1962; Fernandes, 2003).

Transitando para as décadas de oitenta e noventa, outro importante contributo foi de Philippe Ariès, que ao sintetizar a história da morte no ocidente, destaca o contraste entre a perceção da morte no mundo romano comparativamente ao medieval, culminando na aproximação do espaço dos mortos com o dos vivos (Ariès, 1988). Em Portugal, adaptado para a realidade hispânica, José Mattoso, coordenou em 1996, uma obra em que retoma muitas das ideias de Ariès, aplicadas ao contexto hispânico, como a comparação entre os dois espaços funerários, na basílica de Mértola, onde foi identificado um contexto de necrópole inicialmente paleocristã e numa fase seguinte, islâmica, sendo mencionados todos os processos que acompanhariam cada ritual (Macias, 1992; Torres & Macias, 1996). Inclusive, textos de carácter mais litúrgico, que assinalam algumas das práticas funerárias típicas do mundo hispânico a partir dos séculos V-VII (Mattoso, 1996).

Nos finais dos anos oitenta, surge outro trabalho de base, da autoria de Mário Barroca, sobre as sepulturas e necrópoles medievais do Entre Douro e Minho, dentro de um âmbito cronológico mais alargado, os séculos V a XV. No qual, resume inicialmente os diferentes ritos funerários que acompanharam este período e a caracterização dos vestígios de natureza

funerária nesta região do país (Barroca, 1987). Destacam-se ainda as intervenções e publicações dos dados relativos às necrópoles alto-medievais identificadas no concelho de Cascais, em Talaíde, cuja diacronia se estende entre os séculos III d. C. ao IX (Cardoso & Cardoso, 1995). Recentemente, o conjunto funerário alto-medieval de Cascais foi estudado no âmbito de uma dissertação de mestrado que adotou uma abordagem multidisciplinar a um conjunto de cinco necrópoles, desde o material antropológico, ao espólio cerâmico e metálico, para compreender e estabelecer possíveis relações entre os sítios (Meira, 2015).

Na viragem para o século XXI, crescem o número de publicações sobre sepulturas escavadas na rocha. São um tipo de estrutura pouco ou nada frequente nos contextos lisboetas, determinando assim uma breve referência a alguns estudos sobre o tema. Em 1990, os trabalhos de António Valera na vila de Forno de Algodres (Tente, 2018, p. 62), em 2002, o levantamento e comparação de sepulturas escavadas na rocha em Gouveia e Carregal do Sal e também na região de Évora (Tente & Lourenço, 1998; 2002). Multiplicam-se outros trabalhos pelo Norte do país (Tente, 2018, p. 62) e dissertações de mestrado, como o estudo das necrópoles alto-medievais dos concelhos de Castelo de Vide e de Marvão, onde se expõem um conjunto de problemáticas que revolvem dentro do tema, desde a diversidade de tipos de sepulturas à constante reutilização de materiais de época Romana (Prata, 2012).

Em Espanha, num âmbito mais recente, entre os investigadores que se dedicaram ao tema, destacam-se Agustín Azkarate Garai-Olaun, que produziu um estado da arte do tema, desde as perspetivas nacionalistas até primeiras críticas e revisões da teoria prevalente desde a década de trinta, salientando a variabilidade na transição do mundo romano ao medieval (Azkarate Garai-Olaun, 2002). Em 2010, é publicada uma monografia que sintetiza os contextos funerários situados entre os séculos V a X, sem antes abordar a conjuntura anterior, referindo-se novamente a diversidade que caracteriza este período (López Quiroga, 2010). No território português, importa destacar as teses de mestrado e de doutoramento de Andreia Arezes, sobre as necrópoles da Antiguidade Tardia em Portugal, a primeira incide sobre os objetos de adorno metálicos e a segunda na qual é feita um estudo que trate a problemática da etnicidade, mas também a caracterização dos espaços funerários, como a arquitetura funerária, e os objetos de vidro, metálicos, cerâmicos, adornos corporais (Arezes, 2010; 2017). Em Coimbra, alguns temas de mestrado têm recaído na análise antropológica de necrópoles de cronologia tardo-romana e alto-medieval, nomeadamente nas Necrópoles de São Brás, da Serra da Carnaxide (Amadora) e em Santarém, onde além da caracterização dos contextos funerários, a análise incide especialmente sobre o perfil biológico e a análise de patologias (Duarte, 2015;

Lopes 2016). Um dos artigos que melhor explana o tema e o estado de arte da investigação das necrópoles e sepulturas deste período, é da autoria de Catarina Tente e António Faustino Carvalho (2015), que resume a investigação dedicada ao tema desde o século XIX, os principais impulsionadores e trabalhos dentro da temática e a crescente importância da Arqueologia Preventiva na identificação de novos contextos, exemplificando a região do Alqueva e as intervenções em âmbito urbano (Tente & Carvalho, 2015).

No que concerne ao período islâmico, as primeiras referências correspondem a vestígios epigráficos, estudados por Estácio da Veiga e David Lopes (Catarino, 1995, p. 460-461; Lopes, 1895).

Já em pleno século XX, um dos contributos para o estudo do urbanismo islâmico foi de Torres Balbás (1970), que na sua obra, *Ciudades Hispanomusulmanas*, além de descrever as várias estruturas que constituiriam a cidade islâmica, dedica um capítulo às necrópoles, salientando a designação destes espaços na sociedade islâmica, a sua localização e os diferentes tipos de edifícios e mobiliário funerário, com base em fontes históricas e literatura existente (Torres Balbás, 1970).

Entre os anos 80 e 90 somam-se uma série de escavações na região algarvia, no sítio do Tejo do Praia, em Loulé, intervencionado em contexto preventivo nos anos oitenta, onde foi identificado um espaço habitacional e uma necrópole islâmica com mais de 50 enterramentos, relativamente próximas (Almeida et al., 2003). Bem como o sítio do Vale do Boto, também em Loulé, onde se registou uma necrópole islâmica com inumações orientadas canonicamente (Catarino et al., 1981). Isabel Cristina Fernandes e Santiago Macias referem num artigo de síntese que ainda existem muitas lacunas nestes contextos, como a questão da datação e a possível existência de fenómenos de transição islâmica para a cristã nos casos algarvios (Fernandes & Macias, 2011, p. 177). Algo presente, também em Santarém, onde se identificou três necrópoles, uma paleocristã, visigótica e islâmica. A primeira estaria ligada a um templo. As sepulturas visigóticas, respeitando a orientação canónica e com objetos de adorno, seriam sobrepostas pelas islâmicas até aos séculos XI e XII (Liberato, 2012).

Mais recentemente, em 2006, foi publicado um artigo que sintetiza os diferentes rituais funerários no *Al-Andalus*, ressaltando mais uma vez a transição das formas do enterramento tardo-romano para o islâmico, com a introdução do ritual *malikí* no século X, que vai condicionar o tratamento do corpo e a sua deposição no solo, entre outros procedimentos (Chávet Lozoya et al., 2006). Três anos mais tarde, Alfonso Vigil-Escalera Guirado publicou

um artigo com a mesma baliza cronológica que a presente dissertação, sobre contextos funerários em âmbito rural na região de Madrid, privilegiando uma abordagem transdisciplinar, com o auxílio do radiocarbono, análises ADN e de espólio funerário (Vigil-Escalera Guirado, 2009). Por último, no “*The Oxford Handbook of Archaeology of Death and Burial*” (2020) assinala-se uma nova síntese, que denota a questão de casos especiais (crianças, suicídios, vítimas de doença, mártires) e dos espaços destinados aos mortos, salvo a existência de algumas situações de enterramentos no interior da cidade, relacionadas com fenómenos de abandono do espaço urbano, a presença de mártires, entre outros (Petersen, 2021).

No âmbito cristão, um dos artigos de base é da autoria de Iñaki Martín Viso, que se foca nos contextos do noroeste peninsular entre os séculos V d. C. a XII, englobando um conjunto distinto de realidades funerárias que rompem com os espaços funerários romanos, traduzindo-se numa grande variabilidade de contextos entre os séculos V a VIII. Sendo que alguns apontam para balizas cronológicas mais largas como as sepulturas escavadas na rocha e o progressivo aparecimento de espaços controlados pelo poder religioso, resultando em cemitérios comunitários em torno de uma paróquia (Martín Viso, 2014). Também José Mattoso (1996) reúne alguns artigos dedicados a esta temática na sua obra, apesar de apresentarem um âmbito cronológico excluído da tese, entre os séculos XIII a XV, entre os quais se denota a preocupação da localização das sepulturas no interior dos edifícios religiosos e a hierarquização deste espaço sepulcral (Bastos, 1996; Pina, 1996; Costa, 1996). Uma vez mais, no “*The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial*” são alvo de estudo, os enterramentos na Baixa Idade Média, com destaque na heterogeneidade dos enterramentos no mundo cristão, desde o tratamento do corpo à associação a espaços religiosos. Quando o sistema paroquial se implementa e agrega todos os enterramentos da comunidade, há uma clara necessidade de destacar alguns grupos sociais, sendo que o espaço ocupado na igreja (quanto mais próximo do altar-mor, mas destaque se obtinha), as pedras de sepultura gravadas ou epigrafadas, bem como a construção de capelas funerárias de cariz nobre evidenciam essa hierarquização da sociedade também na morte (O’Sullivan, 2021).

1.2.2. Lisboa Medieval

Entre os demais que contribuíram para a história da cidade de Lisboa, distingue-se a figura do Engenheiro Augusto Vieira da Silva, que publicou um conjunto de obras sobre a cidade, desde a Época Romana até à Medieval. Publicando em 1943, um volume sobre as

freguesias de Lisboa, desde a sua génese em época medieval até ao século XX (Silva, 1943). Um ano mais tarde publica a recolha e compilação, num único volume, os vestígios epigráficos romanos da cidade com a sua leitura e tradução (Silva, 1944a). Em 1950, publica um estudo sobre as plantas topográficas da cidade, desde a Planta de Tinoco de 1650 até ao século XX (Silva, 1950). Lançando outras monografias dedicadas ao estudo das muralhas da cidade, nomeadamente a Cerca Moura, as Muralhas da Ribeira e a Cerca Fernandina, onde procede à descrição dos vários lanços das muralhas, apontando para uma possível localização das estruturas à época, correlacionando com o urbanismo do século XX (Silva, 1987a,1987b,1987c). Na primeira metade deste século, inclui-se também os vários volumes publicados por Júlio de Castilho denominados *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, combinando os vestígios arqueológicos com a documentação e conhecimento histórico da cidade desde a Pré-História até ao século XX, com alguns volumes dedicados às freguesias mais antigas da cidade e sobre os principais edifícios religiosos da cidade (Castilho, 1935; 1936).

Na segunda metade do século XX, destaca-se um conjunto de obras cujo tema é a Idade Média na cidade, que se apoiam maioritariamente no registo histórico (Pradalié, 1975; Marques, 1988a, 1988b; Marques et al., 1990). Algo que se modifica nos anos noventa com a publicação de monografias e catálogos, onde se denota uma colaboração conjunta com os dados provenientes de escavações arqueológicas e fontes históricas, nomeadamente *O Livro de Lisboa*, editado por Irisalva Moita e o catálogo *Lisboa Subterrânea* (Moita, 1994; Museu Nacional de Arqueologia, 1994). Em 1999, Hélder Carita publica uma obra dedicada ao urbanismo do período manuelino, abordando as transformações urbanas da cidade desde o período islâmico até ao século XVI (Carita, 1999).

Na viragem para o século XXI, tem surgido vários volumes dedicados à Lisboa Medieval, nomeadamente em 2002 e 2007, no qual algumas comunicações se dedicaram ao comentário de fontes históricas, topografia e urbanismo da cidade (Núcleo Científico de Estudos Medievais, 2002; Krus et al., 2007) e em 2015, um outro volume que se distancia dos anteriores, pela presença de uma forte componente arqueológica (Fontes et al., 2016). Recentemente, numa tese de doutoramento da Faculdade de Letras de Lisboa, foram analisadas as transformações urbanas entre os séculos VIII a XIV, com recurso a dados arqueológicos e documentos históricos, e ao mapeamento da cidade (Silva, 2017). Por fim, em 2020, com a criação do projeto *Lisboa Romana*, foram publicados alguns volumes dedicados aos vestígios arqueológicos romanos da cidade, destacando-se os volumes dedicados à morfologia urbana e

à transição da cidade romana para a alto-medieval (Fabião, 2021; Fernandes & Fernandes, 2021a). É ainda de referir a publicação de alguns artigos isolados sobre as ocupações romanas e tardo-romanas na cidade por Carlos Fabião e Rodrigo Banha da Silva, que produziram uma síntese das principais estruturas da cidade (Silva, 1999; 2011; Fabião, 2009; 2021). De destacar também a bibliografia produzida por Paulo Almeida Fernandes, que analisou a cidade na Alta Idade Média e a sua transição para o domínio islâmico, através de vestígios arquitetónicos de cariz “moçárabe” (Fernandes, 2002; 2005b; 2020; Fernandes & Fernandes, 2021b).

Sobre a cidade islâmica, nos anos noventa surgem dois artigos de síntese sobre o tema, o primeiro serve como uma contextualização histórica deste período e as respetivas estruturas urbanas, como a Alcáçova, as Portas e o *almocavar* muçulmano (Torres, 1995). Três anos mais tarde, a publicação do catálogo da exposição “Portugal Islâmico: os últimos sinais do Mediterrâneo”, conta com artigos onde são mencionadas as intervenções arqueológicas na cidade com vestígios islâmicos. Em particular, as intervenções no Castelo de S. Jorge a cargo da DGEMN e os trabalhos arqueológicos na década de oitenta e noventa que resultaram na identificação de vestígios como o troço da Cerca Velha identificado na Casa dos Bicos, os vestígios no Claustro da Sé, os silos na Igreja de São Lourenço e os vestígios oleiros do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Amaro, 1998). Em 2001, a publicação das atas de «*Lisboa, encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos*», trata um conjunto de artigos direcionados à divulgação dos resultados de intervenções arqueológicas na cidade realizadas no Castelo (Gaspar & Gomes, 2001), na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (Gomes & Sequeira, 2001) e no Mandarin Chinês (Bugalhão & Folgado, 2001). Todavia, é apenas em 2009, que a síntese produzida por Jacinta Bugalhão oferece um panorama mais completo e atualizado (Bugalhão, 2009).

Sobre os espaços da morte alto-medievais no concelho de Lisboa, é de referir que estão na sua maioria indissociáveis das ocupações romanas, normalmente associadas a antigos equipamentos públicos romanos. Estes dados são conhecidos sobretudo devido ao trabalho de investigadores como Rodrigo Banha da Silva e Sílvia Casimiro que, com outros, têm estudado e publicado extensivamente estes contextos em Lisboa (Alves-Cardoso et al. 2021; Casimiro & Silva, 2013; Casimiro et al., 2016; Casimiro et al., 2017; Casimiro, 2021; Casimiro et al., 2021a, 2021c; Dimas & Casimiro, 2021a; Dimas & Casimiro, 2021b; Loja et al., 2018, 2020; Oliveira et al., 2021; Silva & Casimiro, 2013; Silva, 2015a; Silva, 2021a, 2021b; Silva & De Man, 2015; Silva et al., 2021a, 2021b). Sobre as necrópoles islâmicas, é um conjunto que é

fruto das intervenções arqueológicas preventivas realizadas na cidade, excetuando o núcleo identificado no Castelo de São Jorge, mediante o *Projecto Integrado do Castelo* (Filipe et al., 2017; 2020; Filipe, 2020; Gomes & Gaspar, 2003; 2013). O estudo do material osteológico proveniente de alguns contextos, tem sido alvo de uma abordagem multidisciplinar, com a análise antropológica e de isótopos feita aos materiais do Castelo de São Jorge, da Calçadinha do Tijolo e do Largo de Santa Marinha, entre outros (Toso et al., 2019; 2021; Filipe et al., 2020). Sendo relativamente menor, o volume de informação para cronologias mais tardias, apontando-se neste âmbito para a tese de doutoramento de Maria Margarida Nunes, na qual foi elaborada uma síntese dos vestígios funerários e epigráficos identificados em espaços religiosos da cidade entre os séculos XII-XV (Nunes, 2010).

1.2.3. Aplicação de Sistemas de Informação Geográfica na Análise Espacial Arqueológica

Na década de setenta, a temática da análise espacial em arqueologia é explorada com maior detalhe, através da publicação de obras pioneiras como *Spatial Analysis in Archaeology*, de Ian Hodder e Clive Orton (1976) e *Spatial Archaeology*, de David Clarke (1977) (Djindjian, 1998; Santos, 2006).

A década de noventa demarca-se pelo crescente interesse na temática, que se concretizou no aumento de conferências sobre o tema, novas obras de base, como *Interpreting Space: GIS and Archaeology*, (1990), marcando a introdução do GIS em casos de estudo arqueológicos, aumentando o número de publicações e debates sobre a utilização de sistemas de informação geográfica e as interpretações que associam as variáveis territoriais ou geográficas como principal fator de atividade cultural (Wheatley & Gillings, 2002, p. 17).

Na viragem para o século XXI surgem mais obras de renome, *Spatial technology and archaeology: a guide to the archaeological applications of GIS* de David Wheatley, 2002, no qual apresenta uma síntese dos SIG aplicados à arqueologia (Wheatley & Gillings, 2002). Quatro anos mais tarde, com a publicação de *Geographical Information Systems in Archaeology*, dentro da mesma premissa que o anterior, é referido um caso de estudo sobre um cemitério anglo-saxão (Brookes, 2007). E por fim em 2020, foi publicada a obra *Archaeological Spatial Analysis*, aborda de forma mais abrangente os vários tipos de análises e softwares disponíveis para a análise espacial (Gillings et al., 2020)

A aplicação de sistemas de informação geográficos no contexto português tem início nos anos noventa, através do Instituto Português de Arqueologia (IPA), recorrendo a esta

ferramenta para a criação do *Endovélico* (Gonçalves, 2013, p. 128). E em 1998, é defendida uma tese de mestrado, na Universidade do Minho, *Sistema de Informação Geográfica para a Arqueologia: o caso de Bracara Augusta*, a primeira dissertação sobre a aplicação SIG em arqueologia em Portugal (Giestal, 1998). A partir do século XXI o número de publicações, comunicações, trabalhos académicos e workshops sobre o tema aumenta. Sobre as teses académicas produzidas neste período destaca-se a dissertação de doutoramento sobre a aplicação de modelos preditivos para a identificação de *villae* romanas em Portugal, por Helena Rua, no Instituto Superior Técnico (Botica et al., 2003). No mesmo ano, Natália Botica, da Universidade do Minho, defende a sua tese de mestrado sobre a utilização de *data mining* com dados arqueológicos georreferenciados, como auxílio à construção de um modelo preditivo de apoio à prospeção arqueológica (Botica, 2004). Num campo menos especializado, mas ligado às várias potencialidades dos sistemas de informação geográfica, na Universidade Nova de Lisboa, é defendida uma tese de mestrado sobre a aplicação dos SIG em arqueologia, com destaque na deteção remota (Santos, 2006). No Algarve, nos últimos têm sido desenvolvidos vários trabalhos académicos neste âmbito, especialmente ligados a cronologias Pré-Históricas (Sequeira, 2009; Gonçalves, 2014; Maio, 2018). Nos últimos anos tem-se verificado iniciativas por parte da Universidade de Coimbra no âmbito do seminário SIG em Arqueologia do mestrado de Arqueologia e Território em 2013 e 2014, no qual são apresentados os trabalhos realizados pelos alunos no âmbito das unidades curriculares, incidindo sobre diferentes temas e debates dentro da análise espacial e SIG em arqueologia (Osório, 2013b; 2014b)

Para o estudo de contextos mortuários, a maior parte da bibliografia produzida até então, relaciona-se com a análise micro espacial de necrópoles e não tanto com contextos macro espaciais, muito ligados a casos de estudo da Pré e da Proto-História (Šmejda & Turek, 2004; Hackwitz & Lindholm, 2015). Num artigo que funciona como estado da arte, refere-se que muitos dos estudos se têm focado fundamentalmente em monumentos pré-históricos, onde surge cada vez mais a preocupação de que estes estudos reconheçam a complexidade da implantação espacial destas realidades, condicionada pela existência de diferentes critérios para uma determinada sociedade, grupo ou período cronológico (Dédérrix, 2014).

Relativamente ao período Medieval, destaca-se o projeto de investigação “*Espacios y usos funerarios de Corduba*”, onde se recorreu ao mapeamento das necrópoles de época romana à islâmica da cidade, não só a nível da sua organização interna, mas também numa macro-escala, para determinar como o espaço urbano, a paleopaisagem e a topografia do terreno influenciaram a sua localização, aplicando ferramentas como *buffers* ao espaço muralhado da

cidade (Soriano Castro, 2006; Teresa et al., 2006). Também, no âmbito de estudos inter-espaciais, destaca-se a utilização destas ferramentas em análises de visibilidade ou de custo ótimo para contextos cemiteriais anglo-saxões com outras realidades, como o sistema viário romano (Brookes, 2007). Dez anos mais tarde, o mesmo autor aborda a questão da análise espacial da necrópole de sepulturas escavadas na rocha, de São Gens, em Viseu, comparando com os cemitérios anglo-saxões do Sul de Inglaterra (Brookes et al., 2017).

Mais recentemente, a aplicação desta ferramenta em espaços funerários medievais em Portugal, foi realizada numa dissertação de mestrado da Universidade de Coimbra, que recorreu ao SIG, para o estudo dos espaços funerários do *Gharb* português, relacionando com variáveis como as evidências toponímicas, documentais e orais, variações na posição e/ou orientação canónica islâmica, os tipos de sepulturas, entre outros. Para o estudo do mapeamento funerário islâmico, foi pouco desenvolvida a utilidade do SIG (Gonzaga, 2018). Inclusive, é uma ferramenta cada vez mais aplicada ao estudo das sepulturas escavadas na rocha, como demonstra a monografia coordenada e publicada recentemente por Mário Barroca (2021). Com maior incidência para contextos no norte de Portugal, de âmbito rural e muito ligados às dinâmicas de povoamento, destacando-se o estudo sobre a Beira Interior, no qual através do SIG, se procede a uma análise de micro e macro escala, com os tipos de sepulturas, a relação com o povoamento e referências históricas a igrejas (Tente et al., 2021). No concelho de Santa Comba Dão, em Viseu, onde se procurou estabelecer uma ligação entre as sepulturas rupestres, as fontes históricas e a toponímia (Matos & Catarino, 2021). E noutros casos, analisando as diferentes tipologias de espaços funerários com outros elementos da paisagem alto-medieval, na região do rio Távora e *Cabrum* (Guedes, 2021), na região transmontana (Oliveira, 2021) e ainda em Castelo de Vide, no Alto Alentejo (Cuesta-Gómez & Prata, 2021).

1.3. Problemáticas

O mundo funerário medieval implica uma rutura com as práticas e ritos funerários romanos, que, todavia, numa fase inicial ainda deixa alguns traços e influências visíveis no registo funerário. O urbanismo romano marcado pelo *pomerium*, funcionava como limite entre a cidade e os espaços extramuros, nomeadamente as necrópoles (Pereira 2018, p. 16). Desde o século II d. C. que a inumação, ocorre simultaneamente com as cremações. A partir de então verifica-se um aumento deste rito comparativamente às cremações que, contudo, são utilizadas até aos séculos III e IV (Pereira, 2018, p. 37). A partir do século IV, a presença de espólio e

mobiliário funerário torna-se progressivamente mais escassa. Surgindo igualmente a necessidade de áreas funerárias mais extensas, que vão resultar na aproximação do espaço dos mortos à cidade (Pereira, 2018, p. 56). Registando-se também uma grande variabilidade de novas topografias funerárias, uma delas, associadas à presença de um mártir, que vão resultar na aglomeração de inumações junto da sepultura de um mártir, designado *ad sanctos* (López Quiroga, 2010, p. 55).

Sobre o tema do mundo funerário alto-medieval já muito foi escrito, contudo, a própria investigação arqueológica tem ainda várias questões, que pela própria natureza dos vestígios se torna difícil de responder. Uma das grandes problemáticas é a ambiguidade cronológica deste período, para alguns autores do século V ao VIII é ainda considerado ou designado como Antiguidade Tardia (Arezes, 2017). Por outro lado, no estado de arte recentemente elaborado por Catarina Tente e António Faustino Carvalho (2015), esta baliza de tempo é considerada pertencente à Alta Idade Média (Tente & Carvalho, 2015). Outra questão é a larga diacronia destas sepulturas, que decorre do século IV até aos cemitérios paroquiais (séculos XII/XIII), o que coloca muitas dúvidas no momento da atribuição cronológica, que se agravam pela falta de espólio arqueológico e osteológico de muitas dos vestígios funerários. A grande variabilidade de geografia funerária deste período é também um elemento que caracteriza este período (Martín Viso, 2012), o que impossibilita igualmente atribuições cronológicas e sociais simples. Consequentemente, a elaboração de crono-tipologias revela-se uma tarefa impossível, a que acresce o facto de existir uma constante reutilização de materiais de construção de época romana, e ainda o facto de estas soluções arquitetónicas coexistirem com um novo modelo funerário que percorrerá toda a Idade Média, que são as sepulturas escavadas na rocha (que não irão ser abordadas neste estudo). Deste modo, torna-se a difícil estabelecer uma tipologia de sepultura a uma cronologia específica. No caso de Lisboa, a maioria dos materiais são provenientes de arqueologia preventiva, onde, por vezes, a limitação do tempo e de outras condicionantes, acaba por influenciar o registo dos contextos, e pela sua localização em espaços urbanos vivos, acarreta problemas de integridade dos próprios contextos. Acresce ainda a constante reutilização de materiais de construções anteriores na definição dos espaços sepulcrais e a utilização de espaços não funerários como locais de inumação, como por exemplo a presença de sepulturas associadas a antigos equipamentos públicos romanos como ocorre no contexto lisboeta.

Para o período medieval islâmico, os contextos funerários escavados em Lisboa são de cronologias variadas: uma do século X, algumas relacionadas com a Conquista Cristã da cidade e outras com a movimentação da população islâmica para a Mouraria. Existem algumas referências às quais é difícil atribuir uma cronologia, devido à ausência de espólio funerário (Filipe et al. 2017). Os cemitérios islâmicos são designados como *maqbaras* e, tal como as necrópoles romanas, também se localizavam fora da cidade, junto às portas das cercas ou muralhas (Torres Balbás, 1970, p. 235). Por vezes, surgem núcleos de pequena dimensão associados a um espaço ajardinado privado, o *rawda* no interior do espaço amuralhado, destinados à elite governativa, como também a presença de *qubbas*, um edifício de cariz religioso onde se localizava a sepultura de um santo e de sepulturas que o rodeavam (Torres Balbás, 1970, p. 236-237). A presença deste tipo de situações pode estar relacionada com o crescimento da cidade que acaba por integrar no perímetro urbano antigos cemitérios ou o abandono de parte da cidade, cujo espaço, passa a ser utilizado para sepultamento (Petersen 2013, p. 250). Por definição, o rito funerário utilizado era a inumação do corpo em decúbito lateral direito, com a cabeça orientada a sul-sudoeste e a face a este, geralmente sem espólio associado, por influência religiosa. Os inumados eram depositados numa fossa sem ataúde, envoltos num sudário (Macias, 1992, p. 428-42; Petersen, 2021, p. 253; López Quiroga, 2010, p. 281-282).

No período Medieval Pleno, dá-se uma progressiva, mas lenta, mudança na mentalidade sobretudo a partir do século XI, para o norte da Península, onde o cemitério assume paulatinamente a noção de cemitério como a atualmente a entendemos (Nunes, 2010, p. 25). Esta noção é verdadeiramente acompanhada pela alteração do espaço das necrópoles, que entre os séculos X e XIII, passa a estar sob o controlo da igreja, com a implementação do sistema paroquial (Martín Viso, 2012). Não obstante, no caso de Lisboa, o processo só se inicia depois da conquista da cidade, por volta de meados do século XII e com maior vigor no século XIII. Nas igrejas monásticas a hierarquia social torna-se bastante patente na escolha dos locais para enterrar dividindo-se entre os enterramentos no interior e os que ocupam o adro (O’Sullivan, 2013, p. 270-274). Os principais elementos que caracterizam os espaços funerários cristãos são a longa diacronia de ocupação, geralmente entre os séculos XII a XVIII/XIX, a escassez de espólio que dificulta a datação, a orientação canónica das sepulturas e, ainda, a deposição em decúbito dorsal (O’Sullivan, 2013, p. 269).

1.4. Enquadramento

1.4.1. Enquadramento Geográfico

O concelho de Lisboa situa-se na costa ocidental de Portugal, na margem direita e norte do rio Tejo, junto à foz com 84 km² de dimensão (Alcoforado et al., 2009, p. 57) (I.1 Mapa 1). Localiza-se no distrito homónimo, constituído por 24 freguesias (I.2 Mapa 2), pertencendo à Área Metropolitana de Lisboa (AML), à NUTS II e à Região de Lisboa e Vale do Tejo, na sub-região da Grande Lisboa. Os limites administrativos do concelho caracterizam-se a norte pelos concelhos de Odivelas, Loures e Sacavém, a oeste pela Amadora e Sintra e a sul e a este pelo rio Tejo e margem sul (I.3 Mapa 3).

Em termos geomorfológicos, a orografia do concelho é composta por 4 colinas, na direção Norte-Sul da zona Sul da cidade e a norte por um planalto. Os limites orográficos da cidade assinalam-se a oeste pela Serra de Sintra e de Monsanto, a norte pela da Serra da Carregueira e a este pelo Planalto de Lisboa (Pradalié, 1975, p. 7; Pereira, 2003, p. 43, Alcoforado et al., 2009, p. 57-58; Baltazar, 2010, p. 14). O relevo da cidade de Lisboa é composto por três unidades, a Área Planáltica, a Área acidentada e a Frente Ribeirinha (I. 4 Mapa 4). A primeira engloba o centro, Noroeste e Nordeste da cidade, também designado como “Planalto de Lisboa”, com um relevo de planície. Podendo dividir-se em dois, o Planalto Norte de Lisboa com uma densidade urbana de baixa e média capacidade “e o Planalto Sul de Lisboa com valores superiores de densidade urbana (Mendonça, 2016, p. 5; Alcoforado et al., 2005, p. 48; Baltazar, 2010, p. 16). Já a “Área acidentada”, caracteriza-se por agrupar a vertente este da Serra de Monsanto, servindo de barreira entre o planalto e a frente ribeirinha. Com uma paisagem de maior planitude, composta por aluviões do Tejo no limite sul e sudeste de Lisboa, desde Algés até Moscavide (Pereira, 2003, p. 56; Mendonça, 2016, p. 6). (I.4. Mapa 4; I.5. Mapa 5)

A geologia deste espaço (I. 6 Mapa 6) é composta por terrenos da Orla Ocidental Portuguesa e da Bacia Sedimentar do Tejo, com uma litologia posterior a 2. 6 milhões de anos (Pereira 2003, p. 57). A maior parte das formações sedimentares são do Cretácico e do Holocénico, ao último período referido associam-se os aluviões e aterros. Nomeadamente mais comuns na zona ribeirinha da cidade (Pais et al., 2006, p. 25), também pelo Complexo Vulcânico de Lisboa, calcários cristalinos e calcários margosos e margas (Mapa). Para o centro, destacam-se os solos compostos por argilas e calcários dos Prazeres, areolas da Estefânia, argilas do Forno do Tijolo, areias de Quinta do Bacalhau e calcários de Entrecampos (Pais et

al., 2006, p. 13-15). A norte, a geologia deste espaço era marcada pela formação de Benfica, os calcários de Alfovelos (Pais et al., 2006, p. 12), argilas e calcários dos Prazeres, areolas da Estefânia, o Complexo Vulcânico de Lisboa, calcários margosos e margas, calcários cristalinos com rudistas e calcários apinhoados, argilas do Forno do Tijolo, areias da Quinta do Bacalhau, areias com placuna miocénica e calcários da Musgueira (Pais et al., 2006, p. 17). Por fim, a parte oriental da cidade, difere pela presença de areolas do Cabo Ruivo, areolas do Braço de Prata (Pais et al., 2006, p. 20-21), calcários de Marvila, areolas de Grilos, argilas de Xabregas, (Pais et al., 2006, p. 18-19), calcários da Quinta das Conchas e areolas do Vale de Chelas (Pais et al., 2006, p. 17-19).

Os tipos de solos do concelho caracterizam-se por solos aluvionares junto à frente ribeirinha, na zona ocidental por solos basálticos e carbonatados, e nas restantes zonas pela presença de solos aluvionares, areníticos, argilosos e também calcareníticos e carbonatados (I. 7 Mapa 7).

A componente hidrográfica da cidade é marcada pelo rio Tejo juntamente com outros pequenos cursos de água do rio (I.8 Mapa 8). A bacia do Tejo é estreita e comprida, apresentando uma direcção geral Nordeste-Sudoeste (Alcoforado et al., 2009, p. 58). Sendo a norte é marcada por vales estreitos, encaixados, de ribeiras curtas, como a ribeira de Alcântara, englobando os concelhos de Lisboa e Amadora e a ribeira do Jamor (Magalhães et al., 2003, p. 71). A bacia hidrográfica da Ribeira de Alcântara tem 40,9 km² de área e o perímetro de 43,2 km, ocupando a zona Noroeste e Norte da cidade (Magalhães et al., 2003). Sendo que as bacias hidrográficas do Vale de Chelas e da Baixa tem uma dimensão inferior, com uma superfície anterior a 3 km² (Mendonça, 2016, p. 7).

1.4.2. Enquadramento Histórico

O panorama prévio ao século V, corresponde à ocupação tardo-romana da cidade, do século III ao V d. C (I.9 Mapa 9; I.10 Mapa 10). Neste período assinala-se um conjunto de transformações na morfologia urbana, entre as quais, a construção de uma muralha defensiva que reaproveitava materiais de equipamentos públicos romanos, como a Necrópole Noroeste (Silva, 2011, p. 205; Filipe et al., 2021, p. 69). A reconstrução das Termas dos Cássios (336 d. C.), o abandono do teatro entre finais do século IV e inícios do século V d. C. e o fim do funcionamento das unidades de preparados piscícolas, sensivelmente a partir dos séculos V-VI d. C. (Silva, 1999, p. 47-48; Fabião, 2009, p. 29; Mota & Martins, 2021, p. 42). Assistindo-se,

entre os séculos IV e VI d. C. à apropriação de espaços como a via identificada nos claustros da Sé, cujo espaço é privatizado e, no teatro com a instalação de uma habitação no espaço do *uomitorium* (Silva, 1999, p. 48; 2011, p. 206).

Em meados do século IV d. C., sublinha-se a presença de um bispo na cidade, Potâmio, no 3º Concílio de Sirmio em 357 d. C. (Mattoso, 1997a, p. 287; Fernandes, 2020, p. 148). Tendo o seu bispado datado entre 355 e 356 d. C., podendo eventualmente recuar a 343, o que levanta ainda muitas dúvidas (Alarcão, 1994, p. 63; Moreira, 2018, p. 29).

Os espaços funerários da cidade romana localizavam-se no exterior, junto às vias, algo que se verifica no território de Olisipo. Um dos maiores espaços de sepultamento foi identificado na Necrópole Noroeste de Olisipo, que compreendia o atual espaço ocupado pela Praça da Figueira, o Largo de São Domingos, a Calçada do Garcia, a Encosta de Santana, a Calçada do Lavra e a Rua das Portas de Santo Antão, e que terá tido uma duração entre meados do século I d. C. até ao século V (Silva, 1999, p. 55; 2011, p. 205; Cabaço et al., 2017, p. 1244; Rebelo & Peça, 2021, p. 256). Remete-se para o capítulo da Análise Espacial, os restantes contextos mortuários.

O conhecimento sobre a cidade alto-medieval de Lisboa contrasta um pouco com os dados existentes para outros períodos, por motivos como, um número inferior de vestígios arqueológicos e de referências documentais (I. 11 Mapa 11). Segundo Paulo Almeida Fernandes e Lúcia Fernandes, apoiando-se em Tranoy, o ano de 468, terá correspondido ao momento, em que o último governador romano da cidade a terá entregado de forma pacífica ao rei suevo Remismundo. Uma das fontes para este período, é a Crónica de Idácio de Chaves, na qual menciona a violência na tomada de posse visigoda da cidade em 469 d. C. (Fernandes, 2020, p. 147; Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 216 *apud* Tranoy, 1974, vol. 2, p. 216).

Com as transformações urbanas, referidas nos parágrafos anteriores, evidencia-se um aumento da ruralização da cidade na zona extramuros (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 221-222). Através de análises palinológicas realizadas a amostras de sedimentos de depósitos do banco do Estuário do Tejo, nomeadamente da Ribeira das Naus, foi possível obter um perfil da paisagem da cidade entre os séculos I a VI d. C. (Currás et al., 2021, p. 134). Verificando-se a partir do século V d. C., o desenvolvimento de vegetação lenhosa em antigos espaços abertos, que poderão indiciar uma diminuição da pressão humana no exterior da cidade neste período,

bem como um aumento da pecuária associado a novas unidades agrícolas em zonas rurais e à dispersão populacional (Currás et al., 2021, p. 141-142).

Sobre a diocese de Oisipo no século V pouco se sabe, existindo mais dados para o século VI (Jorge, 2018, p. 54). Entre os quais, um segundo bispo, de nome Paulo, que terá marcado presença no 3º Concílio de Toledo (589). No século VII, o prelado de Lisboa participa nos concílios em Toledo e em Mérida. No último a igreja de Lisboa é mencionada no *Decreto de Gundemar*, sendo neste século referido o nome de sete bispos. Com a entrada do poder islâmico da cidade, este período é descrito como um hiato (Jorge, 2018, p. 57-58). Podendo estar relacionado com o facto de não se conhecerem mais atas de concílios peninsulares, a sua suspensão ou não preservação das atas.

Deste período, destacam-se três edifícios, um templo na Rua de S. Mamede e dois periurbanos, nomeadamente, o Mosteiro de Santos-o-Velho e o Mosteiro de Chelas. O primeiro, no centro da cidade, onde se concentra material arquitetónico das diversas escavações na Rua de São Mamede. Bem como, a hipótese de um templo posterior à estrutura habitacional do teatro, do qual se associa um conjunto de lucernas do século VI até ao início do domínio islâmico (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 228). Na zona periurbana, localizava-se o Mosteiro de Santos-o-Velho, associado à lenda dos mártires Júlia, Máxima (o) e Veríssimo (a), que com a condenação à morte, no contexto do édito de Diocleciano, os seus corpos teriam sido lançados ao rio, que os teria devolvido num local a ocidente da cidade, onde foi construído o mosteiro (Fernandes, 2020, p. 146). Contudo, levanta uma série de questões cronológicas como a existência de referências carolíngias do século IX (Fernandes, 2020, p. 147). Inclusive, as análises radiocarbono realizadas ao material osteológico num cofre no mosteiro, que se pensou pertencer aos mártires, apontarem para um intervalo cronológico entre 423 e 634 AD com 2 sigma, com 95 % de probabilidade (Antunes & Cunha, 1991, p. 29). Deste modo o material não corresponderia aos mártires, mas poderia estar relacionado com uma renovação do culto aos mártires “...*momento de aparente consolidação do cristianismo na cidade e época a que pertence o mais importante espólio escultórico associável à edificação religiosa...*” (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 230; Gouveia, 2007, p. 398). Em Chelas, localizar-se-ia, outro mosteiro periurbano. Segundo D. Rodrigo de Cunha, no reinado de Recesvinto, as relíquias de São Félix, mártir no tempo de Diocleciano, teriam sido depositadas neste lugar, onde foram também identificadas duas inscrições funerárias de época visigótica, uma delas datada de 571 d. C. (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 229-231).

A partir dos séculos V e VI registam-se a ocorrência de enterramentos isolados em níveis de abandono de oficinas de preparados piscícolas ou outros edifícios públicos, que fazem parte do âmbito cronológico da dissertação e serão abordados em maior pormenor no terceiro capítulo e quarto, correspondente à descrição dos sítios e à análise dos resultados.

O domínio islâmico da cidade tem início no século VIII, sendo apontado o ano de 714 para o momento em que a cidade é subjugada através de um pacto que garantia em troca de um tributo a autonomia política e religiosa (Trindade, 2019, p. 46). Sobre este período existem poucos dados e referências históricas. Em termos de vestígios arqueológicos, destaca-se a identificação de um troço oriental da muralha da Alcáçova, no Palácio Belmonte, situado cronologicamente entre meados do século VIII e meados do século X, eventualmente ligado a uma remodelação do edifício (Gomes & Gaspar, 2013, p. 39; Silva, 2017, p. 163).

As referências históricas existentes para o século IX apontam para ataques viking em Lisboa em 844 e 858. Segundo Hélio Pires, que analisou a presença viking em Portugal e na Galiza, através da análise de fontes árabes, é mencionada a presença de tropas vikings em Lisboa durante treze dias e que teriam enfrentado as tropas locais. Todavia, não é certo “...*se entraram no espaço urbano de Lisboa ou se ficaram pela área em redor (...) não se sabe o estado de conservação das muralhas de Lisboa em meados do século IX...*” (Pires, 2017, p. 62-63). Para o ataque de 858, os dados são ainda mais escassos, o autor apoia-se na única referência, a *Crónica Profética*, que situa o ataque no Verão, com uma elevada perda de vidas, mas apresenta dúvidas quanto à sua localização na cidade ou arredores (Pires, 2017, p. 69-70). Os vestígios arqueológicos integrados no século IX constituem os elementos arquitetónicos identificados nas Ruas da Saudade, de São Mamede, no Mosteiro de São Félix de Chelas e na Casa dos Bicos associados à população cristã da cidade (Fernandes & Fernandes, 2014).

No século seguinte, são mencionadas duas situações de saque na cidade. A primeira por meados do século X (953), pelas tropas de Ordonho III, que resultou na destruição da muralha (Coelho, 1994, p. 84). E a segunda, no ano de 966, quando o califa *al-Hakam II*, recebe a notícia de uma frota viking em Alcácer do Sal, que teria pilhado o litoral até Lisboa, onde se deparou com o exército muçulmano (Pires, 2017, p. 83-84). É importante mencionar que associado a este período regista-se um aumento de vestígios arqueológicos na cidade, nomeadamente uma epígrafe datada de 985, referindo uma campanha de obras na cidade, por ordem de *Almansor* (Barceló, 2013; Silva, 2017, p. 251; Mota et al., 2018, p. 499). Até ao momento, dos vestígios

arqueológicos inseridos neste período, destacam-se os espaços habitacionais identificados no Claustro da Sé e na Encosta de Sant'Ana, entre os séculos X e XII (Gaspar & Gomes, 2016; Calado & Leitão, 2005) e a possível mesquita do arrabalde Ocidental identificada na Rua da Conceição (Caessa et al., 2018b). Entre a Rua Augusta e o Mandarin Chinês, registou-se a presença de estruturas oleiras, possivelmente relacionadas com a formação do arrabalde ocidental, datado do século X ou mesmo de finais do século IX (Bugalhão & Folgado, 2001, p. 124; Bugalhão et al., 2007).

O fim da dinastia omíada entre 1009 e 1031, resultou na fragmentação do califado em reinos de taifas, e Lisboa passa a integrar a taifa de Badajoz entre 1015 e 1022/27, passando depois para as mãos dos Aftássidas (Silva, 2017, p. 176). António Borges Coelho refere que, em 1034, a cidade prefere a liderança dos Abádidas de Sevilha (Coelho, 1994, p. 84) e cinco anos mais tarde, a mesma dinastia toma a cidade (Torres, 1997, p. 397). Em 1060, segundo Gérard Pradalié, é realizada uma incursão cristã, liderada por Fernando de Castela (1975, p. 16). Sendo que a cidade juntamente com Santarém é entregue a Afonso VI pelo reino taifa de Badajoz, em 1093, ficando Soeiro Mendes da Maia com o seu governo (Mattoso, 1997b, p. 496). Este período corresponde a um maior número de vestígios arqueológicos comparativamente com os séculos anteriores de domínio islâmico, destacando-se o Castelejo e a Alcáçova, no Castelo de S. Jorge, cujos vestígios datam de meados deste século (Gomes et al., 2003) e um edifício público islâmico, que possivelmente pertenceria à Mesquita, nos Claustros da Sé (Gaspar & Gomes, 2016). Nas escavações arqueológicas da Praça da Figueira, foi identificada uma estrutura viária construída em meados do século XI (Silva, 2009). A nível de vestígios de áreas residenciais, salienta-se o bairro islâmico da Alcáçova, identificado na Praça Nova, que será contemporâneo do Castelejo (Gomes et al., 2003; Gomes & Gaspar, 2013; Silva, 2017, p. 181; 186). Fora do Castelo foram também identificados outros vestígios de áreas habitacionais, tais como os da Rua das Flores, também datados de meados do século XI (Silva, 2017, p. 189); no Hotel de Santa Justa (Filipe et al., 2015); na Rua de São Miguel nº 43 (Bugalhão, 2009); e na Fundação Ricardo Espírito Santo (Gomes & Sequeira, 2001). Os dois últimos sítios fariam parte do arrabalde oriental (Silva, 2017, p. 429). Outro tipo de vestígios caracteriza-se pela presença de estruturas relacionadas à atividade oleira, nomeadamente no Núcleo Arqueológico dos Correeiros e na Rua Augusta/Mandarin Chinês (Bugalhão et al., 2007).

As fontes nórdicas relatam que em 1109, o Príncipe *Sirgurd* estaria em Lisboa, sendo a cidade referida como “...*meio cristã e meio pagã*...” (Pires, 2017, p. 173). Segundo a historiografia

tradicional, a presença nórdica teria resultado num conflito em torno da cidade, culminando na destruição das muralhas. Todavia, segundo Hélio Pires, é mais provável que o confronto e pilhagem tivessem ocorrido extramuros e que as muralhas não tivessem sido destruídas (Pires, 2017, p. 173-175). Manuel Fialho refere também que a tomada da cidade pelas tropas almorávidas em 1094, não será um dado muito fiável e que em 1111, Lisboa já estaria em mãos almorávidas (Silva, 2017, p. 198). Em 1147, ocorre a tomada da cidade de Lisboa pelas forças cristãs de D. Afonso Henriques. Através da arqueologia foi identificado um bairro islâmico na Praça da Figueira, no arrabalde ocidental, cuja cerâmica situava cronologicamente entre a primeira metade do século XII, integrando-se assim no período almorávida da cidade (Silva, 2009).

A cidade de Lisboa, é assim, em Época Islâmica, descrita por muitos autores como uma cidade que adota o modelo de tradição mediterrânica de cidades-porto, desenvolvendo-se em dois pólos: no topo da colina, a alcáçova, destinada a atividades governativas e militares e o outro pólo, situado junto à beira-rio, junto a espaços portuários, de artesanato, comércio, entre outros (I. 12 Mapa 12) (Torres, 1995, p. 62; Amaro, 1998, p. 62). Sendo a mesquita, o edifício que unia os dois pólos, localizada num espaço central (Amaro, 1998, p. 62). Mais recentemente a cidade de Lisboa islâmica foi descrita como tendo quatro unidades topográficas, a Alcáçova, a Medina, o Arrabalde Ocidental e o Arrabalde Oriental (Lourinho & Silva, 2019, p. 180). As portas da cidade são referidas na documentação árabe (geógrafos), no *De Expugnatione Lyxbonensi*, por Augusto Vieira da Silva no estudo sobre a Cerca Moura (1987a) e António Rei que apontam para a existência de seis portas (Rei, 2001). Bem como pelas intervenções arqueológicas realizadas a troços da “Cerca Velha” (Mota et al., 2018) A porta principal seria a *Porta Grande ou Ocidental (al Bâb al-Kabir)*, que faria o acesso à Medina (Silva, 2017, p. 102) e que, segundo António Rei, estaria localizada entre as Igrejas de Santo António e da Madalena (Rei, 2001). A *Porta do Postigo ou Porta da Alfofa (Bâb al-Hawha)*, situar-se ia nas Escadinhas de S. Crispim, dando acesso ao arrabalde da população cristã, em Santa Maria de Alcamim e ligando a Alcáçova aos vales da Baixa (Rei, 2001; Mota et al., 2018, p. 499). No atual Arco de Jesus ou Arco Escuro, estaria a *Porta do Mar (Bâb-al-Bahr)*. No lanço oriental, possivelmente na Rua de São João da Praça, situava-se a *Porta das Termas ou Porta de Alfama ou Porta Oriental (Bâb al-Hamma)*, constituindo um dos acessos à medina (Rei, 2001; Mota et al., 2018, p. 499; Silva, 2017, p. 98-99). Também no troço oriental, a *Porta do Estreito ou do Furadoiro*, localizava-se no atual Arco de Jesus (Mota et al., 2018, p. 499). Por fim, a *Porta do Cemitério (Bâb al-Maqbara)*, também posicionada no mesmo lanço, corresponderá à atual

Porta do Sol, e faria o acesso às necrópoles islâmicas na encosta de S. Vicente (Rei, 2001; Mota et al., 2018, p. 499; Torres, 1995, p. 431-432). Relativamente à Cerca Velha, a estrutura teria uma extensão de cerca de 1250 metros, que incorporava nos lanços ribeirinho e oriental, estruturas do período romano e tardo-romano, contrariamente ao lanço ocidental, de origem medieval. Caracterizava-se por ter uma disposição irregular que utilizava os acidentes naturais do terreno (Mota et al., 2018, p. 498).

Com a tomada da cidade pelas forças cristãs em 1147, Lisboa sofre um conjunto de mudanças na morfologia urbana (I.13 Mapa 13), as quais são percecionadas através de fontes como o Relato do Cruzado, o documento da Fundação do Mosteiro de São Vicente de Fora e a Doação do Cruzado Raul a Santa Cruz de Coimbra. Destacando-se os cemitérios para os cruzados colonienses, flamengos, ingleses e normandos “...para sepultar os que iam morrendo foram levantadas pelos francos duas igrejas: uma na parte oriental, pelos colonienses e flamengos (...) outra no lado ocidental, por ingleses e normandos.” (Nascimento, 2018, p. 109). Além das fontes já mencionadas, juntamente com outras mais tardias, como o Inventário de Compras de São Vicente de Fora (séc. XIII) e a *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa* de D. Rodrigo de Cunha (1642), entre outras é possível saber o número de Freguesias de Paróquias existentes na cidade entre os séculos XII e XIII (Silva, 1943; Vargas, 2002; Farelo, 2006; Silva 2017, p. 102 – ver Tabela II.12). Contudo, surgem algumas dúvidas quanto às datas fundacionais, como evidenciado na tabela das freguesias e da rede paroquial.

Em termos de vestígios arqueológicos, no espaço do castelo, verifica-se continuidade na utilização dos silos identificados no Beco do Forno até ao século XIV (Gomes et al., 2005). Na Praça Nova, o bairro construído em época islâmica é abandonado entre os finais do século XIII e inícios do século XIV (Gaspar & Gomes, 2001, p. 99). O Castelejo continua a manter a mesma funcionalidade, onde é construído o Palácio dos Bispos (Gomes et al., 2003; Gomes & Gaspar, 2013). Também na Rua das Flores, através das escavações arqueológicas foi possível identificar que as estruturas habitacionais islâmicas terão sido abandonadas entre os séculos XII ou XIII (Silva, 2017, p. 212). Na rua do Espírito Santo nº 31-35 foi identificada uma necrópole cristã situada entre os séculos XII-XIII (Filipe et al., 2013). No arrabalde ocidental, o bairro islâmico da Praça da Figueira é abandonado entre meados do século XII e meados do século XIII. Nos inícios do século XIV são aqui instaladas as “*Hortas de São Domingos*” (Silva, 2009). Neste arrabalde, também se situava a Judiaria Velha ou Grande, localizada num espaço central (anterior à reconquista da cidade) (Silva, 2017, p. 282; 290). Continuando a

funcionar como espaço de atividades oleiras, através dos vestígios do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Silva, 2017, p, 260). No arrabalde oriental, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, onde se havia identificado uma estrutura habitacional islâmica verificou-se que a mesma “...se manteve com a mesma funcionalidade após a transição para o domínio cristão...”, mas que terá sofrido remodelações durante o reinado de D. Afonso Henriques, sendo abandonada entre o seu reinado e o de D. Sancho I (Gomes & Sequeira, 2001, p. 107-108).

Entre os reinados de D. Afonso III e D. Dinis, regista-se um conjunto de transformações no arrabalde ocidental da cidade (I.14 Mapa 14; I. 15 Mapa 15). Até aos séculos XII e XIII, a estrutura da cidade tinha ainda um carácter marcadamente islâmico, denotando-se algumas alterações a partir do reinado de D. Afonso III (Carita, 1999, p. 30). Em particular, entre meados e o final do século XIII, ocorre uma deslocalização do centro económico da cidade, que se situava na rua da Correaria, a principal via do Arrabalde Ocidental, para junto da Ribeira, nomeadamente para o quarteirão das Fangas e Carniçarias (Silva, 2017, p. 409).

Com a abertura da Rua Nova e a deslocalização do centro económico e político da cidade para a Ribeira, ocorrida já no reinado de D. Dinis, a Judiaria Velha mantém a posição privilegiada junto ao centro comercial da cidade (Silva, 2017, p. 282). Neste período assinala-se também a construção de uma muralha com propósitos defensivos, junto à Ribeira (Silva, 2017, p. 409).

Entre 1373 e 1375 é construída uma nova muralha, a Cerca Fernandina, que vai albergar novos espaços, anteriormente no exterior da cidade (Carita, 1999, p. 38). Por fim, no reinado de D. João I, verifica-se na cidade a formação de um novo arruamento apoiado na Cerca Fernandina, a Rua Direita e também a fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos (Carita, 1999, p. 38; 52). Durante o reinado D. Manuel, ocorre uma grande reestruturação da cidade para um rumo comercial e marítimo, momento em que se evidencia o crescimento da cidade para ocidente, com a criação do Bairro Alto, a transformação das antigas tercenas medievais no principal espaço régio, e a regularização de alguns troços viários como a *Rua Nova de-El Rei* (Carita, 1999, p. 194; Silva, 2017, p. 410).

II. Metodologia

2.1. Levantamento e inventariação de vestígios

A primeira fase do trabalho consistiu no levantamento e inventariação de vestígios através de bases de dados de carácter arqueológico, administrativo e espacial (Tabela II.1; II.2). Inicialmente foi realizada uma pesquisa de contextos funerários na base de dados, *Endovélico*, direccionando a busca através dos seguintes filtros, *Período Histórico e Concelho*, sendo que a última, permaneceu igual em todas as pesquisas. No campo Período Histórico, os separadores utilizados foram: *Romano*; *Romano, Alto Império*; *Romano, Baixo Império*; *Romano, Império*; *Romano, República*; *Antiguidade Tardia*; *Idade Média*; *Alta Idade Média*; *Baixa Idade Média*; *Medieval Islâmico*; *Medieval Cristão*. Não se procurou especificar demasiado a pesquisa, por receio de se perder algum sítio arqueológico, incluindo necrópoles e sepulturas. A 14 de janeiro de 2021, com o lançamento do website da *Lisboa Romana*, foi possível confirmar algumas cronologias atribuídas e adicionar sítios/vestígios que não estivessem registados no *Portal do Arqueólogo*.

Os vestígios excluídos inseriam-se em cronologias prévias ao século V (como por exemplo: século I-IV d. C.) e do século XIII em diante (exceto aqueles que apresentassem uma longa diacronia de ocupação, exemplo: século XII-XIX). Após a eliminação das necrópoles e sepulturas tardo-romanas o número de sítios reduziu substancialmente. As dificuldades apresentaram-se nas cronologias aferidas para as necrópoles medievais em que lhes é atribuída uma datação incerta ou que se inserem entre os séculos XIII-XIV/XV. Deste modo os critérios tidos em consideração consistiram na cronologia definida e no método de datação. Excluindo-se sítios cujas datações fossem pouco fiáveis, com forte probabilidade de serem de cronologias modernas do que medievais.

Com a definição dos critérios, foram inventariados 20 vestígios no concelho de Lisboa.¹

¹ Após a defesa da tese e por conselho de um dos arguentes, optou-se por eliminar da lista de vestígios a serem analisados neste trabalho, os enterramentos identificados na Rua do Lumiar 75, por saírem dentro do âmbito geográfico coerente.

2.2. Compilação da Informação

Uma segunda etapa do trabalho consistiu, numa tarefa mais qualitativa, realizada essencialmente à base de consulta da bibliografia recomendada nas bases de dados, em portais académicos e os relatórios técnico-científicos disponíveis online e na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo de Arqueologia Portuguesa. Durante esta fase, foi realizada uma revisão de dados e de consulta com a Professora Dra. Catarina Tente, orientadora científica deste estudo, a arqueóloga Sílvia Casimiro e o Professor Dr. Rodrigo Banha da Silva, arqueólogo da Câmara Municipal de Lisboa, e especialista em Arqueologia Urbana em Lisboa, que permitiu recolher informações sobre os critérios a considerar durante o levantamento, os sítios a descartar, a leitura cronológica, e o acesso a relatórios das intervenções. Para obter coordenadas geográficas de cada uma das evidências, recorreu-se, ao *GeoPortal*, do *Portal do Arqueólogo* e, em muitos casos, recorreu-se também ao *Google Maps*.

Após a compilação de informação e inventariação, foi elaborada uma tabela geral, na qual se incluiu todos os sítios com os seguintes campos: *Número, Designação, CNS, Freguesia, Coordenadas, Espaço Funerário, Ritual, Método de datação, Cronologia, Observações, Referências* (Tabela II.3). Foi necessário também realizar fichas de caracterização de sítio. A ficha seria composta por um conjunto de critérios relacionados como: *CNS, Designação, Enquadramento Administrativo, Coordenadas, Altimetria (MDT), Enquadramento Geológico, Tipo de Solos, Período, Tipo de Espaço Funerário, Tipo de Ritual, Tipo de Sepultura, Número de Sepulturas, Orientação, Posição, NMI, Perfil Biológico, Espólio, Espaço Associado, Realidade Religiosa, Cronologia, Proximidade a Outros Espaços Funerários, Proximidade a Outros Vestígios Arqueológicos, Bibliografia*, complementando com os dados retirados da análise espacial (Tabela II.4).

Por forma a comparar os contextos funerários com os restantes elementos da cidade foi necessário o levantamento de dados administrativos e geográficos do concelho de Lisboa, nomeadamente variáveis como a carta de declives, a carta geológica e o tipo de solos (Tabela II.2). Foi também necessário proceder ao levantamento de vestígios arqueológicos de Lisboa entre os séculos I a III d. C. (Tabela II.5); entre os séculos III a V d. C. (Tabela II.6); entre os séculos V a VIII d. C. (Tabela II.7); do século VIII até 1147 (Tabela II.8); entre 1147 até ao século XIII (Tabela II.9); entre os séculos XIII a XIV (Tabela II.10); entre os séculos XIV a XV (Tabela II.11). Os campos da tabela correspondiam ao: *Nº; Sítios; Tipo; Longitude; Latitude; X; Y; Cron. Instalação; Cron. Abandono; Setor da Cidade; Observações;*

Bibliografia. Nas tabelas entre 1147 até ao século XV, foi criada uma coluna designada *Tipo de Vestígio*, para indicar se se tratava de um vestígio arqueológico ou referência histórica.

Para auxiliar e compreender o estabelecimento das freguesias e da rede paroquial medieval foi também elaborada uma tabela com base nas datas indicadas pela obra de Augusto Vieira da Silva, *As freguesias de Lisboa: (estudo histórico)* (1943), de José Manuel Vargas (2002), *As freguesias de Lisboa e do seu termo na Idade Média*, de Mário Farelo (2006), *O direito de padroado na Lisboa Medieval* e a tese de doutoramento de Manuel Fialho (2017) (Tabela II.12).

Deste modo foi possível nomear as principais variáveis a analisar relativamente à implantação espacial de necrópoles e/ou sepulturas, organizando-as consoante o período. Para o período Alto-Medieval foram consideradas as antigas necrópoles romanas, antigos edifícios públicos romanos, a muralha tardo-romana, as vias, as inscrições funerárias e espaços religiosos. Para a Lisboa Islâmica optou-se pela localização das necrópoles romanas e alto-medievais, o espaço amuralhado e as Portas da Cerca Velha. Por fim, para o período Medieval Pleno, a localização das necrópoles Medievais Cristãs foi comparada com as de cronologia islâmica, e com a rede paroquial, a Cerca Velha, a Cerca Fernandina.

Foram também compiladas outras fontes, como as históricas, iconográficas e cartográficas. Uma das fontes mais antigas que providencia uma imagem da transição de poder islâmico para o cristão em Lisboa é o *De Expugnatione Lyxbonensi*, traduzida para português por Aires Nascimento como “*A Conquista de Lisboa aos Mouros (De Expugnatione Lyxbonensi). Relato de um Cruzado.*”, que destaca a presença de necrópoles para os cruzados e para habitantes da cidade islâmica, realizando uma breve descrição da cidade em 1147. Bem como outros documentos relevantes como “*Indiculum Foundationis Monasterii Beati Vincentii Vlixbone*” (Notícia da Fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa) e a *Doação do Cruzado Raul a Santa Cruz de Coimbra* (Nascimento, 2018).

Em termos de fontes iconográficas e cartográficas, foram selecionados quatro elementos. Apesar de existirem algumas representações da cidade do século XV, deu-se preferência a elementos iconográficos do século XVI, e um do século XVII, por se tratarem de representações da cidade mais próximas da cidade á época, apesar de não existir uma representação de época Medieval (Silva, 2017, p. 16). Deste modo, foi selecionada a iluminura da Crónica de D. Afonso Henriques, de Duarte Galvão, de c. 1520, da autoria de António de Holanda (I. 16. Figura 16) (Santos, 2020, p. 14), caracterizada por Joaquim Santos como uma

“clara afinidade com a realidade” e com a presença das principais estruturas da cidade (Santos, 2020, p. 14).

O desenho utilizado consistiu no elaborado por um autor anónimo na 1ª metade do século XVI, depositado na Biblioteca da Universidade de Leiden, também caracterizado pela elevada precisão (I. 17. Figura 17) (Santos, 2020, p. 15). Em termos de gravura optou-se pela utilização da obra de Georg Braun, *Olissippo quae nunc Lisboa, civitates amplissima Lusitaniae, ad Tagum. Totis orientis, et multarum Africae et Americae emporium nobilissimum*, de 1598, por ser uma das mais antigas representações da cidade (Biblioteca Nacional; Acervo online do Museu de Lisboa). Proveniente de uma edição ampliada de 1598, designada por *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, no quinto volume, que apresentava uma vista aérea da cidade (I. 18. Figura 18) (Silva, 1950, p. 8; Santos, 2020, p. 23; Garcia, 2014, p. 35). Foram feitas algumas tentativas de identificação de alguns dos vestígios em análise nestes elementos, bem como a georreferenciação destes elementos iconográficos no QGIS, mas revelou ser uma tarefa difícil, não sendo possível georreferenciar com a cartografia atual. Optando-se também por não utilizar a cartografia histórica como, *Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar*, de João Nunes Tinoco, de 1650. Apesar de ser a primeira representação topográfica da cidade, revela alguns problemas de orientação e escala (Biblioteca Nacional; Silva, 1950, p. 17; Silva, 2017, p. 17).

2.3. Análise Espacial

2.3.1. Mapeamento

Para a análise espacial dos dados optou-se por usar o *Quantum GIS* (QGIS), um dos softwares mais utilizados do SIG, por ser *open Source* e vantajoso com vantagens a nível de armazenamento e processamento dos dados (Orengo, 2015, p. 67-75). Nesta tese foram utilizadas duas versões: a versão 3.10 *A Coruña* e a versão 3.16.8 *Hannover*.

Os tipos de dados mais comuns utilizados em SIG são os formatos vetorial e *raster*. O primeiro caracteriza-se pela representação de uma entidade geométrica através da sua primitiva e dos seus atributos, podendo ser dividida em três grupos: o ponto, a linha e o polígono. O primeiro caracteriza-se por ter um único par de coordenadas (X e Y) e sem extensão nem dimensão espacial. Seguidamente a linha diferencia-se do ponto, por ter uma dimensão e um

ou mais pares de coordenadas e o polígono por uma área de duas dimensões, com comprimento, largura e três ou mais pares de coordenadas (Wheatley & Gillings, 2002, p. 34-35; Conolly & Lake, 2006, p. 25). Os três tipos de dados vetoriais foram utilizados no capítulo da análise.

Todos os dados arqueológicos inseridos no *QGIS* foram trabalhados em formato vetorial, sendo necessário, para o efeito, a criação de uma tabela *excel* com os seguintes campos: *ID*, *Nome*, *Freguesia*, *Longitude*, *Latitude*, *X*, *Y*, *Período*, *Cronologia*, *Letra*. Guardar o ficheiro como *CSV UTF-8 (Delimitado por vírgulas) (*csv)*, por forma a permitir que o programa obtivesse uma leitura correta das coordenadas (Figura I).

ID	NOME	FREGUESIA	LONGITUDE	LATITUDE	X	Y	PERÍODO	CRONOLOGIA	Letra
1	1 Praça da Figueira	Santa Maria Mai...	-9.1377710000...	38.7137140000...	-1017212,0100...	4680746,12999...	Alto-Medieval	Século V-VI	A
2	2 Núcleo Arqueológico da Rua dos Cor...	Santa Maria Mai...	-9.1371030000...	38.7100089999...	-1017137,6500...	4680217,57000...	Alto-Medieval	Século V	B
3	3 Rua dos Douradores	Santa Maria Mai...	-9.1364150000...	38.7106550000...	-1017061,0699...	4680309,71999...	Alto-Medieval	Século VI	C
4	4 Rua da Prata, 88-114	Santa Maria Mai...	-9.1365820000...	38.7103480000...	-1017079,6600...	4680265,92999...	Alto-Medieval	Século VI	D
5	5 Corpus Christi	Santa Maria Mai...	-9.1362500000...	38.7109620000...	-1017042,6999...	4680353,51999...	Alto-Medieval	Século VI	E
6	6 Rua da Adiça	Santa Maria Mai...	-9.1309869999...	38.7119799999...	-1016456,8199...	4680498,75000...	Alto-Medieval	Século V-VI	F
7	7 Rua do Lumiar 75	Lumiar	-9.1634259999...	38.7760480000...	-1020067,9200...	4680642,95000...	Medieval Islâmico	Século X	G
8	8 Castelo de São Jorge – Palácio das Co...	Santa Maria Mai...	-9.1332790000...	38.7131400000...	-1016711,9699...	4680664,24000...	Medieval Islâmico	Século VIII a XII	H
9	9 Castelo de São Jorge – Praça Nova	Santa Maria Mai...	-9.1323050000...	38.7141400000...	-1016603,5400...	4680806,91000...	Medieval Islâmico	Século VIII a XII	I
10	10 Calçada do Tijolo n.º 37/43	São Vicente	-9.1298429999...	38.7148990000...	-1016329,4699...	4680915,19000...	Medieval Islâmico	Século VIII a XII	J
11	11 Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio d...	São Vicente	-9.1274970000...	38.7136229999...	-1016068,3199...	4680733,15000...	Medieval Islâmico	Século VIII a XII	K
12	12 Largo de Santa Marinha	São Vicente	-9.1294920000...	38.7138330000...	-1016291,1999...	4680763,11000...	Medieval Islâmico	Século VIII a XII	L
13	13 Castelo de São Jorge – Rua do Espírito...	Santa Maria Mai...	-9.1343130000...	38.7146720000...	-1016827,0699...	4680882,79999...	Medieval Islâmico	Anterior ao sécu...	M
14	14 Castelo de São Jorge – Rua Espírito Sa...	Santa Maria Mai...	-9.1330750000...	38.7130080000...	-1016689,2600...	4680645,41000...	Medieval Pleno	Século XII-XIII	N
15	15 Mosteiro de São Vicente de Fora	São Vicente	-9.1271970000...	38.7147689999...	-1016034,9200...	4680896,63999...	Medieval Pleno	Século XII-XVIII	O
16	16 Rua da Saudade/Largo de São Martinho	Misericórdia	-9.1313119999...	38.7104909999...	-1016493,0000...	4680286,33000...	Medieval Pleno	Século XII-XIX	P
17	17 Palácio dos Condes de Penafiel	Santa Maria Mai...	-9.1341220000...	38.7108899999...	-1016805,8100...	4680343,25000...	Medieval Pleno	Século XII?	Q
18	18 Rua de São Mamede ao Caldas, frente...	Santa Maria Mai...	-9.1343669999...	38.7111489999...	-1016833,0799...	4680380,20000...	Medieval Pleno	Século XII?	R
19	19 Sé	Santa Maria Mai...	-9.1322110000...	38.7098209999...	-1016593,0799...	4680190,75000...	Medieval Pleno	Século XII?	S

Figura I: Tabela de atributos da camada “necrópoles”

Para os dados que se encontravam em bases de dados de outras instituições, foram utilizados *shapefiles*, o formato vetorial mais comum.

Recorreu-se também aos *Sistemas de Gestão de Bases de Dados (SGBD)*, um dos exemplos usados é o *PostGIS*, uma extensão espacial de *PostgreSQL*, que é igualmente uma base de dados *open source* (Capdevilla Montes & Mínguez García, 2016, p. 28). Tal permitiu elaborar camadas de objetos georreferenciados, nomeadamente para elementos no interior de mapas. Para isso foi necessário criar um grupo no programa *pgAdmin 4*, e assim possibilitar a importação para o *PostGIS* (Figura II.2).

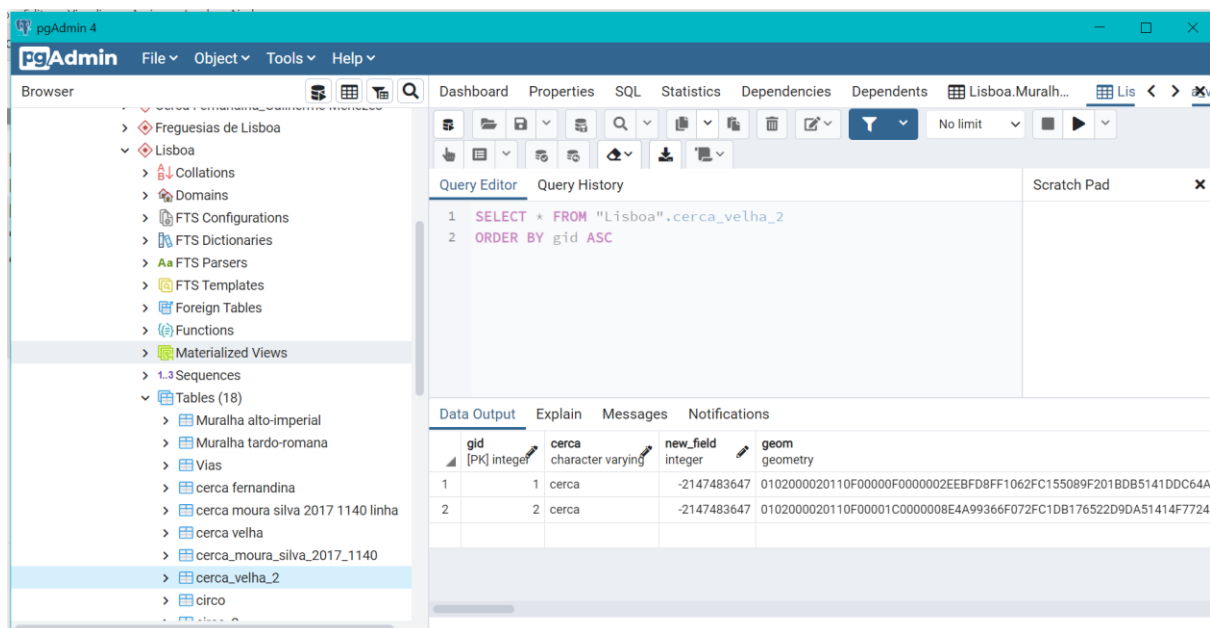


Figura II.2: Base de dados no pgAdmin 4

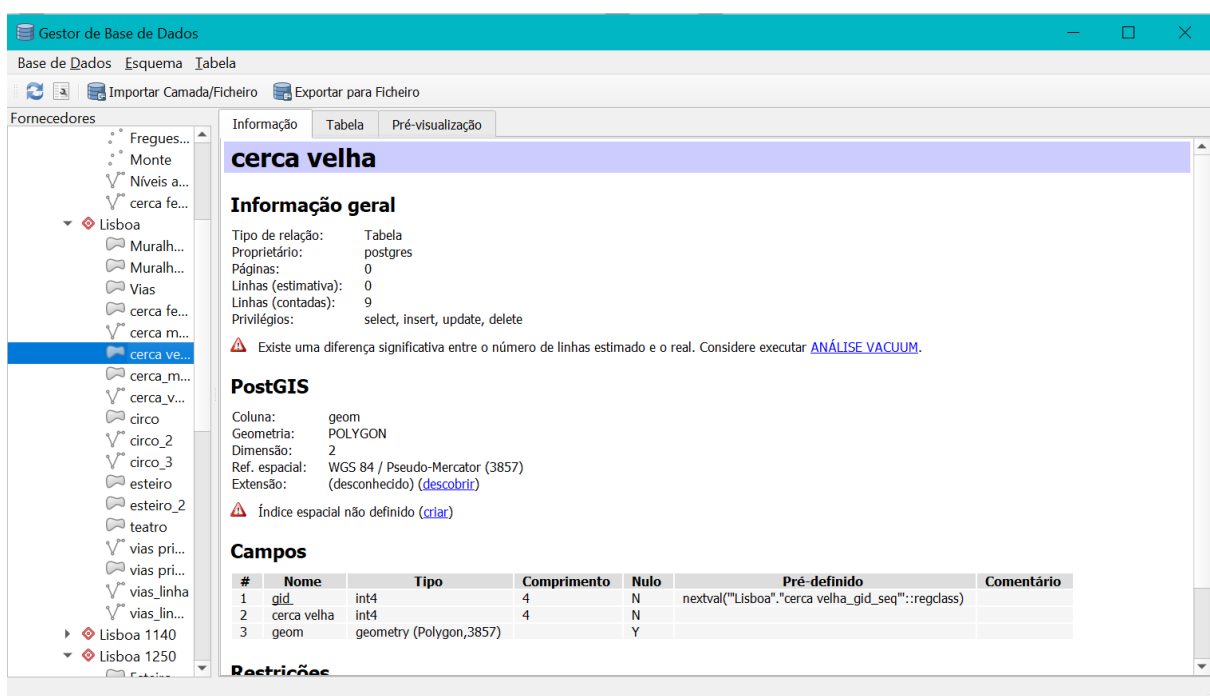


Figura II.3: Base de dados no QGIS

Após esta etapa, no Gestor da Base de Dados, foram criados esquemas e tabelas consoante os períodos e as variáveis a ser analisadas. Para numa fase seguinte proceder-se à georreferenciação, a aplicação de coordenadas a pontos conhecidos (Capdevilla Montes & Mínguez García, 2016, p. 35) de elementos cartográficos, para poder recolher as tramas a analisar posteriormente, como a delimitação das vias romanas e das muralhas - os elementos georreferenciados podem ser consultados nos anexos (Tabela II. 13).

A análise *raster* consiste numa matriz de células ou pixéis, das quais cada célula tem um valor associado (Conolly & Lake, 2006, p. 27). Ao contrário dos dados vetoriais, o formato *raster* trabalha melhor com “*modeling values*”, como a elevação ou a temperatura, sendo essencial para modelos 3D (Scianna & Villa, 2011, p. 340). Um dos exemplos é o Modelo Digital de Terreno, um ficheiro, em que cada pixel representa o valor de uma determinada variável contínua. Podendo obter-se através deles mapas de declives e de visibilidade. (Capdevilla Montes & Mínguez García, 2016, p. 35). O mesmo foi obtido através das plataformas de acesso aberto de dados da Câmara Municipal de Lisboa: *Lisboa Aberta* ou *Geodados-CML*.

Por fim, os sistemas de projeção usados consistiram em três tipos: o primeiro designado como *EPSG:4326 WGS 84 – World Geodetic System 1984*, por defeito, por utilizar o *QGIS*, foi o sistema de referências de coordenadas (SRC) recorrente. Todavia, mostrou-se difícil de utilizar em certos exercícios onde era necessário a camada estar em metros e não em graus. Para isso, optou-se por recorrer ao *EPSG:3856 WGS 84/Pseudo-mercator*, e transformar as coordenadas longitude e latitude para X e Y, respetivamente, funcionando em metros (EPSG). Por fim, o SRC de eleição e como sistema de coordenadas de projeto final foi o *Portugal: ETRS89/Portugal TMO6 – 3763*, o sistema de projeção de referência para Portugal Continental (Dg. Território) (Tabela II.14).

2.3.2. Geoprocessos

Para análises de proximidade ou de vizinhança, uma das ferramentas utilizadas foi o *buffer*. Instrumento que determina uma área de influência no interior de um raio “fixo de espaço em torno a um elemento”, por forma a reconhecer outros elementos no interior dessa distância (Capdevilla Montes & Mínguez García, 2016, p. 59-60). Sendo necessário selecionar as características a serem analisadas e a especificação do comprimento do *buffer* (Wheatley & Gillings, 2002, p. 149). Levando a que por vezes, se incluam áreas “...*que naturalmente estariam fora e excluir outras que ficariam na influência dos sítios, ao contrário do que sucede de facto...*” (Wheatley & Gillings, 2002, p. 144; Osório, 2014, p. 5). Optou-se por uma distância de 100 metros, após se verificar que uma distância inferior registava muitos dados e uma superior ocuparia uma grande superfície do mapa e dificultava a leitura de resultados. O sistema de projeção de coordenadas utilizado foi o *EPSG:3856 WGS 84/Pseudo-mercator*.

Outra ferramenta utilizada para a análise de proximidade e de vizinhança foram os *Polígonos de Thiessen ou Diagrama de Voronoy*, ferramentas que geram áreas ou polígonos que são equidistantes com respeito a pontos vizinhos (Capdevilla Montes & Mínguez García, 2016, p. 61). Determinando uma área de influência hipotética de determinados sítios arqueológicos (Santos, 2006, p. 35). Para este exercício o SRC utilizado foi o *EPSG:3856 WGS 84/Pseudo-mercator*, em camadas como a rede paroquial, cruzando estes dados com as freguesias medievais da cidade.

O *Heatmap* é um plugin do QGIS que consiste num mapa térmico que realiza uma estimativa de densidade do núcleo. Sendo necessário definir o raio de pesquisa em metros ou unidades de mapa, determinando assim a distância em torno de um ponto no qual se fará sentir a sua influência. “*Os valores altos resultam em focos de concentração mais suaves, enquanto os valores menores permitem mostrar detalhes finos na variação das densidades*” (Conolly & Lake, 2006, p. 176-177). No final obtém-se uma imagem *raster* com o resultado final do exercício (Conolly & Lake, 2006, p. 163). Está no menu das Ferramentas de Processamento < Interpolação < Mapa Térmico (Estimativa de Densidade de Núcleo), na maior parte dos exercícios foi utilizado um raio de 100 metros, uma vez que aumentando o raio não era possível realizar o exercício. Como tal o SRC utilizado foi o *EPSG:3856 WGS 84/Pseudo-mercator*.

Por fim, o Modelo Digital de Tereno caracteriza-se como resultado da interpolação de informação vetorial (Osório, 2013, p. 8-9). Arredondou-se os valores a duas casas decimais e sob ele o mapa de sombreamento ou *hillshade* que “...simula o relevo do mapa de elevação” (Osório, 2013, p. 8). Para este exercício não houve limitações a nível de sistemas de projeção.

Alguns elementos como os espaços de armazenamento e de olaria, não revelaram resultados significativos para o estudo. Especialmente o caso dos silos, pela questão da datação destes espaços (não se sabe o tempo de durabilidade) e dos quais apenas temos dados para as fases de abandono. Optou-se também por não utilizar um conjunto de ferramentas como o custo ótimo e as análises de *least cost path* para as quais era necessário conhecer as cotas originais do terreno, e na atual cidade de Lisboa já nada corresponde ao urbanismo medieval. O mesmo acontece com as bacias de visão, que estão relacionadas com a visibilidade de um determinado sítio, e o domínio visual não é uma característica significativa dos espaços funerários medievais.

III. Descrição dos sítios

3.1. Necrópoles e/ou sepulturas alto-medievais (Séculos V-VIII)

3.1.1. Praça da Figueira

Localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior, na base da encosta do Castelo, onde anteriormente se situava o fundo do esteiro do Tejo (Figura III.1.1) (Silva et al., 2011, p. 18; Silva, 2013, p. 40).

Foi intervencionada na década de sessenta por Irisalva Moita e Fernando Bandeira Ferreira, durante o acompanhamento das obras de instalação do metropolitano, resultando na descoberta do Hospital Real de Todos-os-Santos, nas dependências do Convento de São Domingos, na Ermida de Nossa Senhora do Amparo e na Necrópole Noroeste de Olisipo. Mais tarde, entre 1999 e 2001, numa escavação dirigida por Rodrigo Banha da Silva, no âmbito da construção de um parque de estacionamento, às estruturas anteriores somaram-se uma via romana, a continuidade da necrópole e um bairro islâmico (Silva, 2005; 2012, p. 74-76).

Caracteriza-se por ter uma longa diacronia de ocupação, desde a Idade do Bronze até à contemporaneidade, destacando-se a ocupação romana e medieval. A primeira, inicia-se em meados do século I d. C. até inícios do século V d. C., dividindo-se em cinco fases, sendo que, a partir da terceira, o espaço funciona como uma necrópole monumentalizada (séculos I e III d. C.). Seguidamente, a partir da *fase IV*, situada entre a segunda metade do século III e o início do V, registam-se os últimos momentos de funcionamento deste espaço funerário e o abandono da via secundária (Silva, 2012, p. 77-81), no qual o espaço adquire “(...) *a aparência de uma paisagem arruinada (...)*” (Silva & Casimiro, 2013; Casimiro et al., 2016, p. 48). A partir da primeira metade do século V, *na fase V*, a área caracteriza-se como uma zona periurbana e rural, sofrendo uma última repavimentação da via, datada pela presença de numismas do século IV/ V d. C. Nos contextos de abandono de uma pequena unidade agrária, junto ao espaço da via, foi identificada a presença de terra *sigillata* africana clara D, com as formas Hayes 76 (século V d. C.) e Hayes 91B (380-500 d. C.), bem como, o sepultamento de um indivíduo não-adulto. Num segundo momento, foram identificados três enterramentos infantis, um fragmento de uma epígrafe do século VI e terra *sigillata* paleocristã (Silva, 2012, p. 82-83; Casimiro et

al., 2016., p. 49; Silva & Casimiro, 2013). Durante o domínio islâmico da cidade, em particular, na ocupação almorávida, foi construído um bairro residencial na zona, que terá sido abandonado no século XIII, com o estabelecimento das *Hortas de São Domingos* até ao século XIV (Silva, 2009). Em Época Moderna é instalado o *Hospital Real de Todos-os-Santos que ali permanece em actividade* até duas décadas após o terramoto de 1755, momento em que é demolido e o local é convertido num mercado abastecedor da cidade até meados do século XX (Silva et al. 2011, p. 17).

Relativamente à utilização do espaço como área de inumação na *fase V* (Figura III.1.2), é um momento marcado pela ruralidade do espaço e pela presença de enterramentos de não-adultos num espaço que já não funciona como necrópole. O enterramento da *fase V* pertencia a um não-adulto, inumado numa sepultura em fossa, coberta com material cerâmico, em posição fetal, orientada na direção oeste-este, junto à via Norte. Na fase seguinte, foram identificados três enterramentos de não-adultos. Um foi depositado em decúbito supino com orientação norte-sul, sobre o muro romano alto imperial da fase III (Figura III.1.3). O segundo estava deposto na mesma posição, orientado a noroeste-sudeste (Figura III.1.4) e por fim, o terceiro indivíduo diferenciava-se dos anteriores pela orientação sudeste-noroeste (Figura III.1.5). Na generalidade encontravam-se dispersos na área e com uma orientação irregular à época (Casimiro et al., 2016).

Em Época Romana, a paisagem envolvente do local era marcada pela presença do circo, a ponte. A noroeste, pela via e os restantes sítios que compunham a Necrópole Noroeste do Oisipo como: A Encosta de Sant’Ana, a Calçada do Lavra n.º 2 a 10, o Largo de São Domingos, a Rua das Portas de Santo Antão e a Calçada do Garcia (Cabaço et al., 2017, p. 1244; Rebelo & Peça, 2021, p. 256; Silva, 2011, p. 75-77). O único vestígio alto-medieval identificado nas proximidades consiste num friso dos séculos V a VII, no Largo de Santo António (Fernandes & Fernandes, 2014, p. 240). Mais tarde, em Época Islâmica, regista-se a presença de estruturas habitacionais do Hotel de Santa Justa (Filipe et al., 2015) e se se admitir a possibilidade da existência na Igreja de Santa Justa, de um templo ligado à população cristã da cidade durante o domínio islâmico (Real, 1995; 2000). Entre 1147 até ao século XIII, a paisagem incluía as Ermidas de Nossa Senhora da Escada e de São Mateus (Alves, 2020) e a partir de 1237, a Igreja de São Domingos e a necrópole identificada no Poço do Borratém, situada entre finais do século XII e meados do XV (Belém et al., 2020) (Tabela III.1).

Bibliografia do sítio: Casimiro et al., 2016; Casimiro et al., 2017; Casimiro et al., 2021c; Pedroso, 2020; Silva, 2005; Silva, 2009; Silva, 2011; Silva et al., 2011; Silva, 2012; Silva & Casimiro, 2013; Silva et al., 2021a.

3.1.1. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros

O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior, na Baixa Pombalina, implantando-se em solos aluvionares, sendo que à época até ao terramoto, caracterizava-se por ser um espaço constituído por um longo vale (Figura III.2.1) (Bugalhão 2001, p. 15). O local foi intervencionado entre 1991-1999 e 2017, juntamente com as intervenções da Rua Augusta (de 1991-1995), nas instalações do Banco Comercial Português pela equipa do IPPC/ IPPAR. Após os trabalhos, o espaço foi musealizado sendo designado como Núcleo Arqueológico da Rua Correeiros (NARC) (Bugalhão et al. 2013, p. 244).

Tal como a Praça da Figueira, o NARC revelou um longo período de ocupação desde o século V a. C. até à reconstrução pombalina. Salientando-se a os vestígios romanos e medievais, nomeadamente o período republicano, onde funcionou uma necrópole de incineração e inumação entre o século I a. C. até meados do século I d. C., seguido da instalação de unidades de preparados piscícolas até à segunda metade do século III d. C. Simultaneamente é construído um balneário termal, que juntamente com as oficinas são abandonados no final do século IV e inícios do século V d. C. (Bugalhão, 2001, p. 30-31; 2021, p. 95; 101; Grilo et al., 2013, p. 849). Registando-se entre este momento até à ocupação islâmica, a presença de uma sepultura de inumação num antigo tanque romano, cujo perfil biológico indicava a presença de um indivíduo adulto do sexo masculino (Figura III.2.2) (Duarte, 2001, p. 161; Grilo et al., 2013, p. 850). No período Medieval Islâmico algumas das estruturas identificadas estavam ligadas à atividade oleira e à conservação e processamento de frutos (que reaproveitou uma antiga cetária) e a áreas de lixo doméstico (Bugalhão, 2001, p. 28-29).

Relativamente à presença de contextos funerários tardo-romanos ou alto-medievais neste espaço foi identificada uma sepultura de inumação (Figura III.2.3), durante a intervenção de 1999. Estaria associada a um tanque, orientada a sudeste-noroeste, coberta por uma laje de calcário e *imbrices*, depositado em decúbito dorsal, com a face orientada a sul (Duarte, 2001, p. 161-162). Interpretado como um “*enterramento isolado e esporádico*”, num momento em

que as cetárias já não se encontravam em funcionamento, provavelmente entre os séculos séc. V e IX (Bugalhão, 2001, p. 161-162; Bugalhão et al., 2013, p. 272; Grilo et al., 2013, p. 849-850).

Situava-se num local onde predominava a indústria de salga, durante a ocupação romana, evidenciado por estruturas na sua iminência, como as unidades de produção da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Sepúlveda et al., 2003); Rua dos Fanqueiros n.º 68-76 (Diogo & Trindade, 2000a); Rua Augusta n.º 137/145/Mandarin Chinês (Bugalhão, 2003); Rua da Prata²; Rua de São Julião n.º 72³. Destacando-se também a sua proximidade às Galerias Romanas da Rua da Prata (Silva, 2011) e um contexto de necrópole do século II d. C.⁴ Na Alta Idade Média, o espaço que a rodeia a Nordeste corresponde a outros sepultamentos alto-medievais que irão ser referidos nos pontos 3.1.4, 3.1.5, 3.1.6. Com o domínio islâmico, os vestígios identificados nas suas proximidades caracterizam-se pela estrutura ligada à mesquita do arrabalde na Rua da Conceição n.º 73-77 (Caessa et al., 2018b), os vestígios habitacionais, de despejo e oleiros identificados na Rua Augusta (Zara) e na Rua Augusta n.º 137 a 145/Mandarin Chinês (Bugalhão, 2009; Bugalhão et al., 2007; 2008). Bem como os silos identificados na Rua do Ouro (Rodrigues, 2020). Em época cristã, nas suas proximidades localizar-se-ia a Igreja de São Nicolau e São Julião, desde finais do século XII ou inícios do século XIII (Silva, 2017, p. 75-77) e o troço de muralha de D. Dinis identificado na Rua do Comércio n.º 173 a 93⁵ (Silva, 2017, p. 75-77) (Tabela III.2).

Bibliografia do sítio: Bugalhão, 2001; Bugalhão et al., 2013; Bugalhão, 2017; Bugalhão et al., 2017; Duarte, 2001; Grilo et al., 2013.

² Informação retirada do Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3254151>; Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/unidade-de-producao-de-derivados-de-peixe-e-necropole-rua-da-prata-88-114#search>

³ Informação retirada de Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/possivel-cetaria-rua-de-sao-juliao-72#search>

⁴ Informação retirada do Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/necropole-oriental-de-felicitas-iulia-olisipo-calcada-da-cruz-da-pedra#search>; <https://www.lisboaromana.pt/imovel/necropole-oriental-de-felicitas-iulia-olisipo-campo-das-cebolas-11-23#search>

⁵ Informação retirada do Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57185>

3.1.2. Palácio dos Condes de Penafiel

Situa-se na mesma freguesia que os sítios referidos anteriormente, tendo sido alvo de acompanhamento arqueológico em 1992 na área no jardim do Palácio (Figura III.3.1) (Guimarães & Silva 2017, p. 1280).

A diacronia de ocupação do sítio é um pouco dispersa, pelo facto de não haver um relatório arqueológico (De Man & Silva, 2016), existindo mais dados para a ocupação romana. Assinalando-se a presença de uma sepultura infantil em ânfora do século I d. C., de um muro cuja construção poderá situar-se entre os meados e a segunda metade do século I d. C. e uma fossa de acumulação detritica com forma em V com 2 metros de profundidade com material integrado entre a primeira metade do século I e meados do século VI d. C., cuja construção datará deste último momento (Silva, 2015a, p. 2; Silva, 2021d, p. 117). Alguns dos materiais que cobriam esta estrutura tratavam-se de material cerâmico como terra *sigillata* clara africana A, cerâmica africana de cozinha, ânforas de produção regional/local, lusitanas, entre outras que se inseriam-se na primeira metade do século III (Guimarães & Silva, 2017). Outros materiais que constavam no interior da fossa eram de numismas de Cláudio I, dois baixo-imperiais e 1 disco de ferro, com paralelos no século V. Bem como elementos cerâmicos e epigráficos, correspondentes ao século VI d. C., nomeadamente terra *sigillata* fuceense, clara africana, ânforas orientais (Man & Silva, 2016, p. 59-60) e uma inscrição funerária do século VI d. C. (Diogo, 1997; Silva & De Man, 2015).

Os contextos funerários identificados em período Tardo-romano ou Alto Medieval, trata-se de uma sepultura isolada numa camada de despejo de resíduos, afetado por ações posteriores. Tendo sido deposto no solo e coberto com “*telhão disposto em telhado de duas águas, depois colmatado por fragmentos de telha*”. A inumação estará balizada entre “*momentos avançados do século IV ou já do V d. C.*” (Silva, 2021d).

Nas suas proximidades, em período Alto-Medieval, foram identificados alguns vestígios como, inscrições funerárias na Rua de São Mamede ao Caldas (De Man & Silva, 2016) e impostas na Rua de São Mamede, 3-A e nº 9, datadas entre os séculos IV-VI, V-VIII e IX-X, respetivamente (Fernandes & Fernandes, 2014). Estes elementos poderiam estar relacionados com a existência de um templo alto-medieval e cristão durante o domínio islâmico (Fernandes & Fernandes, 2014; Fernandes & Fernandes 2021b, p. 227) (Tabela III.3). No ponto 1.3.4., irá ser abordado com maior detalhe, os vestígios nas suas proximidades entre 1147 até ao século XV.

Bibliografia do sítio: Diogo, 1997; Fernandes & Fernandes, 2014; 2021b; Guimarães & Silva, 2017; Man & Silva, 2016; Salomé & Calado, 2012; Silva & De Man, 2015; Silva, 2021d.

3.1.3. Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau

A intervenção arqueológica decorreu na freguesia de Santa Maria Maior, no cruzamento da Rua dos Douradores com a Rua de São Nicolau, em 1997, pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade de Lisboa, no contexto da renovação da rede de telecomunicações e gás no subsolo da Baixa (Figura III.4.1) (Sepúlveda et al., 2003, p. 404).

Sobre a diacronia de ocupação do espaço, apenas se conhecem os dados relativos à ocupação romana e alto-medieval, verificada em três sondagens, nomeadamente no quarteirão sul, por oficinas de produção de piscícolas romano-imperiais, cujo abandono se situará pelo início do século V d. C., momento em que é construída uma fossa de acumulação detritica identificada na sondagem 4 com abundante material cerâmico inserido entre meados do século V d. C.-VI d. C. Esta estrutura seria sobreposta por um muro integrado na Antiguidade Tardia e na sondagem 3 por sepulturas de inumação, cujo material do enchimento era anterior ao material no depósito de acumulação detritica e anterior aos séculos XI-XII (Casimiro & Silva, 2013, p. 859-860; Sepúlveda et al., 2003, p. 402-403). Na sondagem 2 da Rua dos Douradores, foi identificado material osteológico misturado com restos de fauna mamalógica em terras de revolvimento da Época Contemporânea (Casimiro & Silva, 2013, p. 859).

O espaço funerário é marcado pela presença de valas de inumação implantadas em depósitos arenosos (Figura III.4.2). As três sepulturas, a primeira na sondagem 2 da Rua dos Douradores, num coval, onde foi identificado um não-adulto. Situada proximamente da sepultura 1, estava a sepultura 2, também em coval, onde apenas foi possível identificar os membros inferiores, em decúbito dorsal, que pertenceriam a também a um não-adulto. A última sepultura, 3, estava presente um indivíduo não-adulto, em fossa, com um fragmento de terra *sigillata* itálica, a este das sepulturas 1 e 2, apresentava no nível de enchimento uma mandíbula e maxilar que pertenceriam a um quarto indivíduo. Sobre o espólio presente, no enchimento, registaram-se fragmentos de *terra sigillata* focense tardia e *terra sigillata* africana que apontam para uma cronologia de finais do século V d. C., visto que numa das sepulturas, a cobertura dataria do século VI d. C. (Casimiro & Silva, 2013, p. 859).

Este espaço funerário localizava-se em período romano, numa área suburbana, onde predominavam as oficinas de preparados piscícolas, nomeadamente no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Silva, 2011); Rua dos Fanqueiros 69-76/ Rua da Conceição (Diogo & Trindade, 2000b); na Rua Augusta n.º 137 a 147/ Mandarin Chinês (Bugalhão, 2003); na Rua dos Douradores n.º 2 a 14/ Rua da Conceição n.º 28 a 34⁶; Rua da Prata n.º 88 a 114 (Casimiro et al., 2021a). Outros edifícios romanos nas suas proximidades eram as Termas dos Cássios e a via romana identificada no NARC (Bugalhão, 2017). Com o abandono das unidades de salga a partir dos séculos V-VI, o espaço é marcado pela presença de sepultamentos (Casimiro et al., 2013). Sendo que algumas das interpretações apontadas para o contexto funerário é de uma possível necrópole, ou “uma área anexa a espaço sagrado”, momento em que esta área da cidade já se encontra em abandono (Silva, 2021b; Oliveira et al., 2021; Casimiro et al., 2021c). Tendo uma funcionalidade distinta, em Época Islâmica, detetando-se vestígios de estruturas de carácter habitacional, de despejo e fornos cerâmicos na Rua Augusta e no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão et al., 2003, p. 144; 2007; 2008, Bugalhão, 2009). Bem como, uma mesquita na Rua da Conceição (Caessa et al., 2018b). A partir do final do século XII ou inícios do século XIII, é fundada na sua envolvente a Igreja de São Nicolau (Silva, 2017, p. 75) (Tabela III.4).

Bibliografia do sítio: Casimiro & Silva, 2013; Casimiro et al., 2021a; Oliveira et al., 2021; Sepúlveda et al., 2003.

3.1.4. Rua da Prata n.º 88 a 114

Também localizada no quarteirão da Baixa Pombalina, o sítio intervencionado arqueologicamente situa-se na Rua da Prata n.º 88-114 (Figura III.5.1) (Oliveira & Pereira, 2013, p. 3-4).

O espaço foi alvo de duas intervenções. A primeira realizada entre 2012 e 2014, no âmbito da instalação de um estabelecimento hoteleiro (Manso et al., 2014, p. 19) e a segunda entre 2018 e 2021, segundo o *Portal do Arqueólogo*.

⁶ Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/unidade-de-producao-de-derivados-de-peixe-rua-dos-douradores-2-14#search>

O terramoto de 1755 e a construção pós-pombalina, impossibilitaram a preservação de contextos entre o período pré-pombalino até à época romana, registando-se a ocupação moderna/ contemporânea referentes à construção do edifício no século XVIII com estruturas que remontam até ao século XX. Relativamente à ocupação romana destacou-se a presença de duas cetárias de preparado de peixe, pavimento e um compartimento. Sendo mais relevante para a presente dissertação, a fase VI, a presença de enterramentos de não-adultos no interior de uma cetária em contexto de abandono, situados entre os séculos V e VI d. C. (Manso et al., 2014, p. 22-23; Oliveira & Pereira 2013, p. 6; Casimiro et al., 2021a).

Na primeira intervenção, foram identificados três indivíduos não-adultos depositados numa camada ou “cama” constituída por material cerâmico e pétreo. O primeiro indivíduo registado estaria inumado originalmente em decúbito dorsal e posteriormente, em decúbito lateral direito, com uma idade aproximada de 6 anos. O segundo indivíduo identificado, estava depositado com um crânio de outro indivíduo não-adulto (com cerca de 7 anos) junto aos seus membros inferiores, com a idade à morte entre os 1 e os 1, 5 anos. Sendo que todos registavam a ausência de espólio funerário (Manso et al., 2014, p. 15-16). Na segunda intervenção, foram identificados três enterramentos primários, igualmente de não-adultos. O primeiro estava inumado sobre uma camada de elementos pétreos e cerâmicos, em posição fetal sobre o lado direito, com uma idade estimada entre os 6 e os 12 meses de vida. O segundo numa sepultura constituída por lajes de pequena dimensão, em decúbito lateral direito e o último, com uma idade aproximada entre os 11 e os 14 anos, com os membros inclinados sobre o lado direito, numa sepultura escavada no sedimento e ladeada por material pétreo e de construção. Todas apresentavam uma orientação oeste-este, onde o local de inumação escolhido consistiu no interior de antigos tanques de salga (Informação oral de Sílvia Casimiro; Casimiro et al., 2021a).

A relação do contexto funerário com as ocupações prévias e posteriores e espaços nas proximidades revela tal como noutros espaços na proximidade, a escassez ou inexistência de vestígios arqueológicos medievais e islâmicos na zona da Baixa Pombalina, associado ao urbanismo pós-pombalino (Oliveira & Pereira 2013, p. 6-7; Casimiro et al., 2021a). Todavia, apresenta algumas semelhanças com o contexto funerário tardo-romano/ alto-medieval identificado no interior de um antigo tanque romano no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Filipe et al., 2017, p. 339; Casimiro et al., 2021a). Partilhando com a Praça da Figueira, o leito das sepulturas composto por elementos pétreos e material de construção, associadas a não-adultos com menos de 12 meses de idade à morte (Casimiro et al., 2021c) e o

mesmo contexto espacial que o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e a Rua dos Douradores (Tabela III.5).

Bibliografia do sítio: Casimiro et al., 2021a; Filipe et al., 2017; Oliveira & Pereira, 2013; Manso et al., 2014; Oliveira et al., 2021.

3.1.5. Convento *Corpus Christi*

O Convento *Corpus Christi* de Lisboa, também designado, Convento do Santíssimo Sacramento, do Sacramento, dos Torneiros e de Corpus Christi de Religioso Carmelitas Descalços, localiza-se nas seguintes ruas: Rua dos Faqueiros, 113-149, Rua de São Nicolau, 2-16; Rua dos Douradores; 50-94; Rua da Vitória, 1-11, na Baixa Pombalina (Santos, 2015) (Figura III.6.1).

Um dos contextos arqueológicos definidos foi uma unidade de preparados piscícolas, estruturas habitacionais e dois conjuntos funerários. Segundo a informação do website *Lisboa Romana*, funcionou como espaço de unidades de preparados piscícolas a partir do século II ou III d. C. e abandonadas por volta do século V d. C., passando a funcionar como necrópole. O primeiro conjunto funerário localizava-se junto à Rua dos Douradores, onde foram identificados dois não-adultos e 1 adulto e o segundo junto à Rua de São Nicolau com dois adultos e 1 não-adulto. O tipo de sepultura identificada era em covacho simples, com os inumados posicionados em decúbito dorsal, com orientação oeste-este, excetuando um adulto com orientação este-oeste (Oliveira et al. 2021; Casimiro et al.2021c)⁷.

O enquadramento espacial deste espaço não difere muito dos sítios referidos nos pontos 3.1.2, 3.1.4, 3.1.5 (Tabela III.6).

Bibliografia do sítio: Casimiro et al., 2021c; Oliveira et al. 2021; Silva et al. 2021b; Santos, 2015; Lisboa Romana.

⁷ Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/unidade-de-producao-de-derivados-de-peixe-e-necropole-corpus-christi#search>

3.1.6. Rua da Adiça

Os vestígios arqueológicos identificados neste espaço localizam-se entre a Rua da Adiça, nº 3-3A e 1, a Rua de São João da Praça, nº 2-4 e 6-8 e o Beco do Guedes nº 2, na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.7.1) (Filipe & Santos, 2017, p. 247).

As escavações arqueológicas realizadas no local determinaram uma diacronia de ocupação desde a Época Contemporânea até à Romana. Iniciando com a construção da estrutura termal no século I d. C. e o seu abandono entre os séculos III e IV com a construção da muralha tardo-romana (Filipe & Santos, 2017, p. 252), sendo que sob os níveis quinhentistas foi identificada uma inumação atribuível à antiguidade tardia. Mais tarde com a ocupação medieval, em Época Islâmica registou-se material cerâmico de consumo e iluminação, só já em Época Medieval Cristã, se verificou a presença de suportes de fundações que reutilizam estruturas romanas e em Época Moderna, a presença de níveis de aterro que estariam a 248-249). As ocupações moderna e contemporânea, correspondem a níveis de aterro para a construção de um edifício no século XVI e fossas detriticas, cujos depósitos de enchimento eram preenchidos por materiais romanos, medievais e moderno. (Filipe & Santos, 2017, p. 248-249).

O contexto funerário em estudo correspondia a uma sepultura de inumação com cobertura em *imbrices*, sobre uma estrutura barroca, que reutilizava materiais de construção romanos e elementos pétreos, seguindo os preceitos cristãos (Figura III.7.2) (Filipe & Santos, 2017, p. 249). A análise antropológica do inumado permitiu inferir que se tratava de um indivíduo com idade à morte entre os 12 e os 17 anos. Tendo sido verificada a presença de cerâmicas tardo-romanas nas camadas de enchimento o que poderá indicar um aproveitamento das ruínas do espaço termal para a inumação que teria ocorrido entre os séculos V-VII, momento que os autores definem como “*anulação funcional do sítio*” (Filipe & Santos, 2015, p. 249).

Relativamente aos sítios anteriormente mencionados, a Rua da Adiça, situa-se no lado oriental da cidade, num contexto espacial distinto do anteriormente explanado. Destacando-se assim a sua proximidade à cetária identificada no Largo das Alcaçarias n.º 1 a 3/ Rua de São Pedro n.º 27 a 39⁸; às inscrições funerárias identificadas no Largo do Contador-Mor, n.º 17 a 22 (Caessa & Mota, 2011) e nos n.ºs 3 e 4 (Quinteira & Encarnação, 2019), ao troço de muralha

⁸ Lisboa Romana - <https://www.lisboaromana.pt/imovel/tanque-largo-das-alcacarias#search>

registado na Rua Norberto de Araújo n.º 21 a 29 (Filipe et al., 2021) e à sepultura tardo-romana da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (Silva, 2015b). Não se regista nada ao seu redor durante a Alta Idade Média, contrastando com o panorama Medieval Islâmico, com vestígios de lanços da muralha no Palácio Belmonte (Gomes & Gaspar, 2013, p. 395), na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (Gomes & Sequeira, 2001), no Largo das Portas do Sol (Leitão, 2014, p. 69), no Largo do Contador-Mor n.º 17 a 22 (Carvalhinhos et al., 2017, p. 315) e na Rua Norberto de Araújo n.º 21 a 29 (Carvalhinhos et al., 2017, p. 305). Mas também de estruturas habitacionais na FRESS (Gomes & Sequeira, 2001), no Largo das Alçarias e oleiros também (Bugalhão, 2009) e silos no Largo de Santa Cruz n.º 6 e 7 (Rodrigues, 2020). Em Época Cristã, entre 1147 até ao século XIII, os únicos vestígios nas proximidades, pertencem essencialmente à Cerca Velha, como a Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, no Largo das Portas do Sol, no Largo Contador-Mor, 17 e 22 e na Rua Norberto de Araújo n.º 21 a 29 (Leitão, 2014; Mota et al., 2018). Entre os séculos XIII até ao XV, o espaço é marcado pela presença da Igreja de São Pedro, pela Ermida de São Brás e de Santa Luzia, da Igreja de São João do Hospital e da Igreja de São Brás ou de Santa Luzia, pertencendo ao espaço no interior da Cerca Fernandina (Alves, 2020; Filipe & Santos, 2017, p. 248-249) (Tabela III.7).

Bibliografia do sítio: Filipe & Santos, 2017; Filipe & Santos, 2021.

3.2. Necrópoles e/ou sepulturas medievais islâmicas (VIII a XII)

3.2.1. Castelo de São Jorge - Praça Nova

O sítio arqueológico da Praça Nova localiza-se no Castelo de São Jorge, na freguesia de Santa Maria Maior. Sendo delimitado a norte pela Igreja de Santa Cruz e pela muralha e a oeste pelo Castelejo, beneficiando de domínio visual sobre a cidade e sobre o rio (Figura III.8.1; 8.2; 8.3; 8.4) (Gaspar & Gomes, 2001, p. 95-96; Pimenta 2005, p. 19).

Foi intervencionado no âmbito do *Projeto Integrado do Castelo – Projecto Piloto de Reabilitação da Freguesia do Castelo*, entre 1996 e 2007, numa área de 2600 m² (Figura III.8.2). Os trabalhos foram efetuados pelo Departamento de Arqueologia do IPPAR, na antiga alcáçova, na zona da Praça Nova para a construção de um parque de estacionamento subterrâneo em 1996 e a partir de 1997 para o acompanhamento do Projecto de Reabilitação

Urbana (Projecto Integrado do Castelo) (Figura III.8.5) (Gaspar & Gomes, 2001, p. 95-96; Gomes et al., 2003, p. 214; Pimenta, 2005, p. 17).

O espaço revela uma longa diacronia de ocupação, do século VII a. C. até ao século XX. As primeiras ocupações pertencem à Idade do Ferro entre o século VII a. C. até à segunda metade do século I a. C. Da presença romana registam-se apenas duas fossas de Época Republicana datadas da segunda metade do século II a. C., sendo que a ocupação seguinte correspondia à islâmica, quando em meados do século XI, é construído um bairro residencial e no século XII, uma necrópole (Gomes et al., 2003, p. 218-219; Gomes & Gaspar, 2013; Pimenta, 2005, p. 17). Com a conquista cristã, a partir de 1147, o espaço da Praça é doado ao bispo de Lisboa e o bairro é abandonado após a conquista cristã da cidade, procedendo-se à construção do Palácio dos Bispos, espaço de residência dos bispos até ao século XV (Gaspar & Gomes, 2001, p. 96-99; Gomes & Gaspar, 2013, p. 402). Entre os séculos XIV e XVIII, a área é remodelada e no século seguinte é instalada a cordoaria da Casa Pia. No século XX a intervenção da DGEMN resulta na reconstituição e destruição de alguns vestígios no interior do castelo (Gaspar & Gomes, 2001, p. 96-99; Gomes et al., 2003, p. 222).

O espaço funerário identificado no interior do castelo localizava-se entre a atual Igreja de Santa Cruz, o bairro islâmico, a este pela muralha e a oeste por um muro que ligava à Porta do Moniz, caracterizado como “...área...aparentemente ajardinada e livre de construções...” (Silva, 2017, p. 188). Os enterramentos seguiam os preceitos islâmicos, com inumações em decúbito lateral direito, orientadas a nordeste-sudoeste, em fossas retangulares simples escavadas na rocha ou sepulturas retangulares construídas com pedras ou tijoleiras. (Gomes & Gaspar, 2013, p. 402; Silva, 2017, p. 190). O estudo do material antropológico do Castelo de São Jorge (juntamente com as sepulturas do Palácio das Cozinhas), foi realizado por Gaspar (2016). O mesmo revelou um conjunto constituído por 35 indivíduos dos quais 14 pertenciam à Praça Nova, com dois indivíduos adultos (um do sexo feminino e um do sexo masculino e 12 não-adultos (Gaspar, 2016, p. 28; Toso et al., 2019). As explicações para a presença de enterramentos no interior do castelo, recaíram em duas hipóteses, segundo as arqueólogas responsáveis pela intervenção estaria relacionado com o cerco da cidade em 1147 e” ... *a necessidade de encontrar espaços não construídos para enterrar os mortos...*”, algo suportado pela presença de dois fragmentos de estela que estariam associados a uma sepultura almorávida (Gomes & Gaspar, 2013, p. 402). Contrariamente a esta posição, Silva (2017, p. 188), aponta também para um possível *rawda*, ou seja, um “...*jardim cemiterial exclusivo das elites governativas da urbe...*” de meados do século XI. Segundo o investigador, a presença de estelas

com elevada qualidade no interior neste espaço e em contexto de cerco não demonstrava ser uma opção garantida. Apontando antes para a hipótese de se tratar de um *rawdā*, a sua demarcação no espaço por muros, a proximidade à mesquita (que existiria na Alcáçova) e ser coevo do bairro islâmico da Praça Nova (Silva, 2017, p. 188; 190). Relativamente à sua atribuição ao século XI, levanta muitas dúvidas, algo que o próprio autor admite, nomeadamente a inexistência de dados arqueológicos que suportem esta afirmação. Neste trabalho, por as razões explicadas, apontamos para uma cronologia que se estenda entre os séculos VIII-XII, devido à impossibilidade em afunilar cronologias.

Recentemente foi realizada uma análise de isótopos estáveis que incidiu nos restos ósseos humanos recuperados na Praça Nova e no Palácio das Cozinhas, que apontou para uma dieta maioritariamente terrestre baseada em plantas C³, e a escassa presença de recursos marinhos. Verificou-se também uma diferença significativa relativamente à dieta, entre indivíduos do sexo masculino, do sexo feminino e ainda de não-adultos que já ultrapassaram a fase de desmame, com maior teor de consumo de proteína animal no sexo masculino. De uma forma geral, os resultados das análises isotópicas em indivíduos do sexo feminino e não-adultos do Castelo, apresentam grandes diferenças, quando comparadas com os resultados da população masculina (Toso et al., 2019). As conclusões obtidas a partir dos mesmos estudos direcionados à amostra da identificada na Calçadinha do Tijolo, apresentam uma dieta semelhante ou parecida com a população do sexo feminino e de não-adultos identificada no Castelo, interpretado pelas autoras, apesar do número baixo da amostra, como uma população com estatuto baixo, sem diferenciação entre os sexos (Toso et al., 2019). O mesmo tipo de estudo foi realizado à população identificada na necrópole islâmica, do Largo de Santa Marinha que irá ser referenciado no ponto 3.2.5.

Não se registou na sua envolvente, vestígios romanos significativos. Apenas a partir do domínio islâmico se presenciou um maior volume de vestígios na encosta do Castelo, com edifícios ligados à elite governativa, como o Castelejo e a Alcáçova a partir do século X (Gomes et al., 2013). Outro elemento que se destaca é a presença de uma peça arquitetónica do século X, apontada como um vestígio da população cristã da cidade (Real, 2000). Posteriormente à reconquista da cidade, a zona é pontuada pela presença da Igreja de Santiago, fundada em 1160 e a Igreja de Santa Cruz do Castelo em 1160 (Silva, 2017; Silva, 2008a; Vargas, 2002; Farelo, 2006). Até ao século XIV, aos vestígios anteriores somam-se as

sepulturas identificadas no Largo de Santa Cruz do Castelo⁹ e no Largo Rodrigues de Freitas n.º 13/21A e Costa do Castelo, n.º 164/168, uma das portas da muralha fernandina¹⁰ (Tabela III.8).

Bibliografia do sítio: Amaro, 1998; Gaspar & Gomes, 2011; Gaspar, 2016; Gomes et al., 2003; Gomes & Gaspar, 2013; Maia, 2015; Pimenta, 2005; Real, 2000; Toso et al., 2019.

3.2.2. Castelo de S. Jorge – Palácio das Cozinhas

O sítio arqueológico do Palácio das Cozinhas também no Castelo de São Jorge, localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.9.1).

Existem mais dados relativos à Praça Nova do que ao Palácio das Cozinhas. Sabendo-se apenas que foram identificados níveis de aterro tardo-romanos e em período Medieval Islâmico, foi reconhecida a presença de silos e fossas com material cerâmico (Gomes et al., 2003, p. 215; Pimenta, 2005, p. 48; Gomes & Gaspar, 2013, p. 399). Para além de fornos, foi identificado um espaço funerário onde foram identificados 21 indivíduos, 12 adultos (quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino) e nove não-adultos, depositados em decúbito lateral virados para sul, não existindo dados sobre a tipologia das sepulturas (Gaspar, 2016; Toso et al., 2019). Partilhava o mesmo enquadramento espacial que a Praça Nova, com exceção de maior proximidade de estruturas de armazenagem identificadas no Beco do Forno, Lote 40 e no Beco da Recolha, Lote 76 com material desde o século XI a XIV (Gomes et al., 2005; Rodrigues, 2020). Em Época Cristã, assinala-se a sua proximidade à necrópole cristã identificada na Rua Espírito Santo n.º 31 a 35, “...*local se encontra no seguimento do sítio arqueológico denominado «Palácio das Cozinhas» ...*” (Filipe et al., 2013, p. 6) (Tabela III.9).

Bibliografia do sítio: Filipe et al., 2013; Gaspar & Gomes, 2001; Gomes et al., 2003; Guerra, 2005; Gaspar, 2016; Toso et al., 2019.

⁹ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3300505> – “Foi identificado um nível de época islâmica e uma estrutura negativa aberta na rocha com materiais pré-romanos. Foi identificado um silo e restos de sepulturas associadas à Igreja de Santa Cruz.”

¹⁰ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3273055>

3.2.3. Calçadinha do Tijolo n.º 37/43

Situa-se na zona de Alfama, na freguesia de São Vicente, entre o Mosteiro de São Vicente de Fora e a Portas do Sol (Figura III.10.1) (Gonzaga, 2018, p. 33).

Sobre a diacronia de ocupação do local, não foi possível estabelecer a implantação da necrópole, mas terá sido abandonada no século XIII, nomeadamente em 1290, com a instalação do *Estudo Geral* (Figura III.10.2) junto ao Mosteiro de São Vicente de Fora. Após a deslocação deste espaço, as casas principais são ocupadas pela Casa da Moeda e pela construção da Cerca Fernandina no século XIV (Filipe et al., 2017, p. 25-27).

O espaço funerário identificado correspondia a cinco inumações, com uma reutilização funerária (Figura III.10.3 e 10.4). Seguindo os rituais funerários islâmicos, nomeadamente a inumação em sepulturas escavadas no substrato geológico, orientadas a sudoeste-nordeste com o ligeiro desnível norte-sul, em decúbito lateral direito¹¹, sem espólio funerário (Gonzaga, 2018, p. 131-133). A população inumada neste espaço correspondia a oito indivíduos, nas inumações primárias foram identificados cinco indivíduos (três adultos e um não adulto) e uma redução juntamente com ossos dispersos de dois indivíduos (um adulto e um não adulto) (Filipe et al., 2017, p. 339-340; Filipe, 2020). Tal como referido no ponto 3.2.1, os resultados de análises isotópicas da população do sexo feminino e não-adulta (que não está em fase de desmame) apresentavam valores muito similares com os resultados obtidos para os indivíduos identificados na Calçadinha do Tijolo. Com uma dieta com valores mais baixos em valores de proteína animal, relativamente à população masculina identificada no Castelo de São Jorge, interpretado pelas autoras como um sinal de que esta população teria um estatuto mais elevado do que a população da Calçadinha do Tijolo (Toso et al., 2019).

É difícil contextualizar cronologicamente a necrópole devido à ausência de espólio funerário, balizando-se durante o domínio islâmico da cidade, entre os séculos VIII a XII. Até à ocupação Medieval Islâmica, o patamar superior do arrabalde oriental não havia registado vestígios significativos, apenas com a implantação de um espaço cemiterial no local, próximo dos contextos mortuários identificados no Largo do Sequeira e no Largo de Santa Marinha, associados à necrópole islâmica oriental da cidade (Filipe et al., 2020). No século XII, é fundada a freguesia de Santa Marinha do Outeiro, surgindo algumas dúvidas quanto à data de

¹¹ É mencionada a existência de um enterramento em decúbito dorsal. Contudo, consultadas as fotografias de campo e aplicados métodos de análise da arqueotematologia, parece tratar-se de uma má interpretação, resultado do elevado grau de afectação do enterramento e do mau estado de preservação dos poucos elementos ósseos recuperados.

fundação da freguesia e da respetiva paróquia. Segundo Farelo (2006) e Silva (2017), apoiados em Barroca (2000a), onde é referida a presença de uma inscrição de original medieval (1174?), depois substituída por uma cópia moderna. Daí a indicação pelo primeiro das primeiras referências à freguesia em 1174 ou 1184 (Barroca, 2000a, p. 392; Farelo, 2006, p. 289; Silva, 2017, p. 75). Já Vargas (2002) aponta para 1190, como uma das referências mais antigas da freguesia (Tabela II.10; II.12).

Bibliografia do sítio: Filipe et al., 2015; 2020; Gonzaga, 2018; Toso et al., 2019.

3.2.4. Largo do Sequeira n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena)

O Largo do Sequeira ou Palácio de Santa Helena, também designado como Palácio dos Condes de S. Martinho, localiza-se na freguesia de São Vicente, a sul do Mosteiro de São Vicente de Fora. Implantando-se numa zona íngreme com vista sobre o Tejo (Figura III.11.1) (Batalha et al., 2017, p. 1751). A intervenção arqueológica desenvolveu-se no âmbito do projecto de reconversão do Palácio de Santa Helena em edifícios de habitação (Batalha et al. 2017, p. 1751).

A ocupação do espaço tem início no período Medieval Islâmico com um contexto funerário, ao que se seguiu a construção de silos de armazenamento de cereais com materiais balizados entre os séculos XVI e XVII, e que posteriormente utilizados como zonas de despejo. Em Época Moderna, são construídas estruturas habitacionais que se sobrepõem aos silos e em finais do século XVII é construído o palácio (Figura III.11.2) (Batalha et al., 2017, p. 1752).

A necrópole identificada no local era composta por 19 sepulturas em sepulturas escavadas no substrato rochoso, em decúbito lateral, orientados para Meca e afetados pelos silos. O número mínimo de indivíduos identificado correspondia a 20, dos quais 15 eram adultos (cinco do sexo feminino e sete do sexo masculino) e cinco não adultos. Numa das sepulturas foi identificada uma moeda, contudo sem leitura (Batalha et al., 2017, p. 1752; Filipe et al., 2020).

Tal com as sepulturas da Calçadinha do Tijolo e do Largo de Santa Marinha, também estas sepulturas deveriam estar integradas no núcleo da necrópole islâmica oriental (Batalha et al., 2017, p. 1752; Filipe et al., 2020). Em Época Cristã, a paisagem é marcada pela Igreja de Santa Marinha do Outeiro e pelo Mosteiro de São Vicente de Fora (Tabela III.11)

Bibliografia do sítio: Batalha et al., 2017; Filipe et al., 2020.

3.2.5. Largo de Santa Marinha

O Largo de Santa Marinha localiza-se na freguesia de São Vicente¹² (Figura III.12.1). No qual foram identificadas oito sepulturas escavadas na rocha, sete primárias, uma redução e ossos dispersos de dois indivíduos, revelando a sobreposição de sepulturas e um número mínimo de indivíduos de oito, indicando um uso do espaço funerário durante um longo tempo. Partilhava das mesmas características evidenciadas nos dois sítios anteriores, tais como a ausência de lápides e de espólio funerário, a forma ovalada e estreita das sepulturas, a deposição em decúbito lateral direito, a orientação em direção a Meca (Sudeste) e a localização extramuros (Filipe et al., 2020). A cronologia deste espaço cai dentro a baliza cronológica dos séculos VIII a XII, sendo igualmente um outro núcleo da necrópole do arrabalde oriental (Toso et al., 2021, p. 3). Tal como o material identificado no Castelo de S. Jorge e na Calçadinha do Tijolo n.º 37/43, foi alvo de análises isotópicas (apenas três indivíduos, devido às más condições de preservação), num conjunto formado por sítios também baixo-medievais (islâmicos: Largo das Olarias, Quarteirão dos Lagares, Casa da Severa; cristão: Poço do Borratém) (Toso et al., 2021, p. 3). Todos os sítios, apresentavam uma dieta baseada em recursos terrestres e plantas C3, onde apenas se registou um aumento de recursos marinhos nos conjuntos baixo-medievais. Mas na sua generalidade, o conjunto total não indicava para a existência de marcadores de diferenciação entre o sexo e o estatuto, com exceção da população inumada no Castelo, o que levou os autores do estudo a considerar que se trataria de uma população de médio e baixo estatuto, com acesso semelhante aos recursos (Toso et al., 2021, p. 11).

Integraria o núcleo da necrópole oriental islâmica, juntamente com os enterramentos identificados na Calçadinha do Tijolo n.º 37/43 e no largo do Sequeira n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena) (Filipe et al., 2020). Inserindo-se no mesmo contexto espacial que os dois sítios anteriormente descritos (Tabela III.12).

Bibliografia do sítio: Filipe et al., 2020; Toso et al., 2021.

¹² Ainda não está registada no *Portal do Arqueólogo*.

3.2.6. Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18 – Espírito Santo II

A Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18, Espírito Santo II, localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior. Tendo sido intervencionada em 1997 no contexto do *Projecto de Reabilitação Urbana* (Projecto Integrado do Castelo) (Figura III.13.1). Sobre o sítio apenas se conhece o relatório da escavação elaborado por Gaspar e Gomes (1997), e a sua referência no estudo Gonzaga (2018).

No espaço foi registado um enterramento, do qual apenas foi possível recuperar a zona torácica e o úmero esquerdo do indivíduo, uma vez que o mesmo foi afetado pela construção de um muro do século XV. O indivíduo terá sido depositado em decúbito lateral direito e orientado a sudoeste-nordeste (Gonzaga, 2018). Não é feita qualquer referência à tipologia da sepultura. Devido à afetação pela estrutura do século XV, as arqueólogas sugerem que este enterramento é anterior ao século XIV, relacionado com o domínio islâmico ou início do estabelecimento cristão (Gaspar & Gomes, 1997). Existindo muitas reservas relativamente à cronologia atribuída a esta sepultura devido à escassez de dados arqueológicos.

Tal como a maioria dos contextos funerários identificados no interior do Castelo, a Rua Espírito Santo n.º 16 a 18, só apresenta vestígios significativos a partir do domínio islâmico, nomeadamente a presença de estruturas de armazenamento e detriticas, no Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço, nas Escadinhas de Marques Pontes de Lima, na Rua de São Lourenço n.º 14 e nas Escadinhas da Saúde (Rodrigues, 2020). A partir de 1147, junto ao espaço demarca-se a presença da Igreja de S. Lourenço da Mouraria e da respetiva freguesia, cujas referências mais antigas apontam para o ano de 1220 e ou de 1191 (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006, p. 289; Farelo, 2008, p. 249; Silva, 2017, p. 77) (Tabela II.12). Entre os séculos XIII e XIV, o sítio já estaria no interior da Muralha Fernandina, evidenciado pela presença de troços da muralha identificados no Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço¹³, no Largo do Martim Moniz¹⁴, na Rua da Mouraria/ Escadinhas da Saúde¹⁵. A necrópole balizada entre os séculos XIII e XVI na Igreja de S. Lourenço (Nunes, 2010) e uma inscrição funerária judaica no Castelo de São Jorge do século XIII (Barroca, 2000c, p. 86) (Tabela III.13).

Bibliografia do sítio: Gaspar & Gomes, 1997; Gonzaga, 2018.

¹³ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=57431>

¹⁴ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50652>

¹⁵ Porta do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2443702>

3.3. Necrópoles do Medieval Pleno (de 1147 até ao século XIII)

3.3.1. Castelo de São Jorge – Rua Espírito Santo n.º 31-35

Situa-se no Castelo de S. Jorge, na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.14.1) (Filipe et al., 2013, p. 7). O local foi intervencionado entre janeiro e março de 2011 e estaria no seguimento do sítio do Palácio das Cozinhas, como mencionado pelo investigador “(...) *Uma vez que o local se encontra no seguimento do sítio arqueológico denominado (...) considerou-se, pois, tratar-se do mesmo sítio arqueológico, prolongando-se para Nordeste da área anteriormente escavada...*” (Filipe et al., 2013, p. 6-7).

Revelou uma diacronia de ocupação entre a Idade do Bronze até à Idade Contemporânea. Mas os contextos melhor representados são posteriores ao início da ocupação islâmica, sendo assinalável nesta fase a presença de estruturas negativas como silos, bem como, valas de sepultura sem material osteológico. Em período Medieval Cristão, após a conquista, registou-se a presença de sepulturas e de silos que terão sido colmatados entre os séculos XIII e XV. Posteriormente, o espaço caracterizava-se pela presença de estruturas habitacionais, que se sobrepunham ao espaço funerário em Época Moderna, terminando a ocupação do sítio com um edifício do século XIX (Filipe et al., 2013, p. 8-11).

O espaço funerário identificado foi afetado pelos silos e pela construção de um edifício no século XIX. Todavia, registou-se em Época Islâmica a presença de estruturas negativas interpretadas como valas de sepultura, orientadas a sul-norte, mas sem material osteológico (Figura III.14.2). Em período Medieval Cristão, foram identificadas cinco sepulturas, de tipo covachos antropomórficos escavados no substrato geológico, com um número mínimo de quatro indivíduos, dois adultos (do sexo masculino) e dois não-adultos¹⁶, sem espólio associado (Filipe, 2011, p. 14-17; Filipe et al., 2013, p. 9-10). Todos os inumados se encontravam orientados a oeste-este e um a este-oeste, mas os adultos estavam depositados em decúbito dorsal e os não-adultos em decúbito lateral direito/posição fetal¹⁷.

Deste modo, a ocupação Medieval Cristã foi dividida em dois momentos. Inicialmente, a necrópole estaria em funcionamento entre os séculos XII-XIII e posteriormente nos dois séculos seguintes, abandonada e perturbada pela construção dos silos (Filipe, 2011, p. 14-17).

¹⁶ Anexo I do Relatório de Antropologia de Margarida Figueiredo (Filipe, 2011)

¹⁷ *Ibidem*.

Aqui não serão enunciados os vestígios na sua envolvente, devido à sua proximidade espacial ao Palácio das Cozinhas, no ponto 3.2.2.(Tabela III.14).

Bibliografia do sítio: Filipe, 2011; 2013.

3.3.2. Mosteiro de São Vicente de Fora

O Mosteiro localiza-se na freguesia de São Vicente, entre a Calçada com o mesmo nome e o Campo de Santa Clara, no lado oriental da cidade (Figura III.15.1; 2) (Rodrigues et al., 1975, p. 169; Ferreira et al., 2012, p. 6).

A fundação do Mosteiro é referida em maior detalhe por duas fontes: *De Expugnatione Lyxbonensi* (A Conquista de Lisboa: Relato de um Cruzado); *Indiculum Foundationis Monasterii Beati Vincentii Vlixbone* (Notícia da Fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa (Nascimento, 2018). A primeira, que data, da 2ª metade do século XII e a 1ª década do século XIII (Nascimento, 2018, p. 11), menciona duas igrejas para sepultar os cruzados, uma a oriente para os colonienses e flamengos e a ocidente para os ingleses e normandos¹⁸. O relato da fundação do mosteiro, redigido entre o século XII, por um monge teutónico, situa a fundação do edifício e a sua construção em 1147, referindo a necessidade de criar espaços de inumação para os cruzados, nomeadamente o mosteiro para os cruzados teutónicos e a Igreja de Santa Maria dos Mártires para os ingleses e cruzados portugueses¹⁹(Barros, 2015, p. 397-400; 403; Nascimento, 2018, p. 183).

O espaço foi alvo de intervenções arqueológicas entre 1978 até 2013, maioritariamente dirigidas por Fernando Rodrigues Ferreira. Em 1978, registou-se a presença de um carneiro e relicário, que corresponderiam à antiga cerca do mosteiro, acompanhada da presença de sepulturas. Entre os anos 80 e 90, durante os trabalhos de emergência na cerca do convento, procedeu-se à escavação dos vários núcleos cemiteriais, o cemitério “visigótico”, o cemitério

¹⁸ “Entretanto para sepultar os que iam morrendo foram levantadas pelos francos duas igrejas: uma, na parte oriental, pelos colonienses e flamengos, onde dois mudos de nascença, por mercê de Deus, receberam o exercício da fala; outra, no lado ocidental, por ingleses e normando.” (Nascimento, 2018, p. 109).

¹⁹ “Ergue assim uma das duas pedras no cemitério dos teutónicos, onde agora fica situado o mosteiro do gloriosíssimo mártir Vicente, em honra de quem assumimos narrar estes acontecimentos; a outra, por seu lado, depõe-no cemitério dos ingleses, onde presentemente se encontra a igreja designada por Santa Maria, aos Mártires, assim denominada por causa dos que tinham combatido até à morte por Cristo e ali haviam sido sepultados.” (Nascimento, 2018, p. 183).

“moçárabe”, o cemitério afonsino, moderno, os silos e a um depósito de acumulação detritica (Nunes, 2010, p. 148-151; 156-157).

A primeira fase de ocupação do sítio é marcada pela presença de silos com material compreendido entre os séculos X e XI (Ferreira, 2001). Com a conquista de Lisboa, o local é escolhido como acampamento dos cruzados, sendo depois utilizado como cemitério teutónico. No seguimento da conquista cristã da cidade é construído o mosteiro dedicado a Nossa Senhora e São Vicente (Figura III.15.2) (Rodrigues et al., 1975, p. 105-106; Ferreira, 1983, p. 36). No século XVI, dá-se a reconstrução total do mosteiro, sobrepondo-se aos cemitérios anteriores, registando-se também um conjunto de estruturas agrícolas do século XVI ou XVII (Ferreira, 1983, p. 36). Entre os séculos XVII e XIX, o mosteiro é afetado pelo terramoto e em 1793, as Reais Escolas de S. Vicente são reestabelecidas no local até 1833 culminando em 1910, com a expulsão dos bispos residentes (Ferreira et al., 2012, p. 3-4).

O material bioantropológico foi identificado em três áreas do mosteiro: no carneiro, no sacrário e na cerca (Ferreira, 1983; 1985; Serafim, 2017, p. 4). Recentemente o material osteológico foi analisado no âmbito de uma dissertação de mestrado em Antropologia. Foi possível perceber que no carneiro foram escavadas 14 sepulturas, na sacristia nove e na cerca, 12 (Serafim, 2017, p. 9). Com a reedificação do mosteiro em 1582, foi utilizado um aproveitamento de vão de escada para construir o carneiro, referido por D. Nicolau como o “cemitério de abóboda” e numa janela a cerca de metade da altura da sala estaria o acesso ao sacrário (Ferreira, 1983, p. 6; Cunha & Ferreira, 1998, p. 27; 30). O espaço do carneiro estava preenchido por tapado por uma parede do século XVIII, apresentando uma colmatção de vestígios, registando nas primeiras unidades estratigráficas um grande número de material osteológico em desconexão anatómica, restos têxteis e numismas, entre os séculos XII e XVIII (Cunha e Ferreira, 1998, p.36-37). Uma das interpretações apontados pelo autor seria a preocupação em transferir as ossadas que seriam originárias de sepulturas do antigo Mosteiro, para o enterramento de vítimas pós-terramoto (Ferreira, 1983, p. 6). Seguidamente o espaço terá sido utilizado como lixeira, verificando-se a presença de materiais como “apitos, uma garrafa, figuras de santas danificadas” e colmatado até à altura em que o espaço foi escavado no século XX (Ferreira, 1983, p. 7). Após a escavação, 20 cm abaixo do ossário foram registados dois momentos, o primeiro associado à presença de sete sepulturas, atribuídas pelo autor ao “cemitério de persistência afonsina”, onde se registou a presença de seis adultos e um não-adulto, orientados a este, em decúbito dorsal. O único espólio identificado consistiu numa

moeda de D. Sancho I (1185-1211). Seria utilizado até ao século XIV (Ferreira, 1983, p. 11-12; Cunha & Ferreira, 1998, p. 30). O segundo momento corresponderia à necrópole cristã (designada pelo autor como “moçárabe”) para local de inumação dos cruzados (Cunha e Ferreira, 1998, p.36-38;73). A necrópole “moçárabe” e/ou dos cruzados era constituído por 14 sepulturas, seis no subsolo do carneiro e oito no subsolo da sacristia. Os tipos de sepultura identificados na necrópole consistiam em sepulturas escavadas no substrato, delimitadas por esteiros calcários e com tendência antropomórfica, sepulturas abertas diretamente na rocha, de forma antropomórfica e enterramentos em coval, diretamente no subsolo, de forma antropomórfica e com cobertura de material pétreo. Foram realizadas análises de carbono 14 que apontaram para o século XII, como o momento dos sepultamentos (Cunha & Ferreira, 1998, p. 73).

As sepulturas identificadas na cerca, localizavam-se entre o exterior do mosteiro e a muralha fernandina, sendo designado pelos autores como um espaço de inumação geral em covais, orientados oeste-este até ao reinado de D. Dinis (Ferreira, 1985, p. 11). Nas suas proximidades, no patamar superior do arrabalde oriental era pontuado pelos núcleos da necrópole islâmica oriental de Lisboa (Felipe et al., 2017; 2020; 2021). Em Época Cristã, situava-se perto da Igreja de Santa Marinha de Outeiro, dos silos do Palácio de Santa Helena (Batalha, 2017) e de vários troços da muralha fernandina (Neto et al., 2015) (Tabela III.15).

Bibliografia do sítio: Barros, 2015; Cunha & Ferreira, 1998; Ferreira, 1983; 1994; 2001; Nunes, 2010; Rodrigues et al., 1975; Serafim, 2017.

3.3.3. Rua da Saudade/ Largo de São Martinho

O local intervencionado localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.16.1). A Igreja de São Martinho foi fundada no século XII e demolida no início do século XIX. Sabe-se que a igreja foi fundada em 1168 (Tabela II.12) sendo referida, na *História Eclesiástica de D. Rodrigo da Cunha*, como tendo uma arquitetura com traços árabes. Entre os séculos XVII e XVIII, é reconstruída, reedificada, e demolida em 1837 (Nunes, 2010, p. 166).

O espaço foi intervencionado em 2005, no contexto de minimização de impactes entre a Rua da Saudade e o Largo de São Martinho. No decorrer da intervenção registaram-se

alicerces de paredes, pavimentos (como o do adro) e os enterramentos (Figura III.16.2) (Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008, p. 51-52).

No interior do corpo central da igreja foi identificado um número significativo de enterramentos, em elevado grau de desarticulação, revelando uma forte utilização do espaço, tendo sido possível individualizar três espaços de ossários distintos. No total foram identificadas 25 inumações primárias e cinco secundárias, depostas em decúbito dorsal, provavelmente inumados em caixões de madeira e com orientação sudoeste-nordeste. O espólio arqueológico recuperado era composto por botões, contas de rosário (sem referência ao material) anéis e numismas em muito mau estado de conservação, não permitindo a datação dos enterramentos. Note-se, todavia, que dois numismas eram dos séculos XVII-XVIII. Não havendo datações de C14, apenas é possível balizar a necrópole a partir da cronologia da própria igreja, isto é, entre os séculos XII-XIX (Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008, p. 57-60; Nunes, 2010, p. 168-169).

Na área envolvente a este espaço localizavam-se em época Romana, vários edifícios públicos romanos, como o teatro, as termas dos Cássios (Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008, p. 51). Durante a Alta Idade Média, nas suas proximidades regista-se a presença vestígios de decoração arquitetónica dos séculos IV a V na Rua de São Mamede n.º 3A e um espaço habitacional no *uomitorium* do Teatro Romano com continuidade até ao período islâmico (Fernandes & Fernandes, 2014, p. 221). Durante o domínio muçulmano, o espaço é pontuado por espaços de armazenamento, na Rua do Barão, na Rua da Saudade e no Teatro Romano (Rodrigues, 2020). E a partir da ocupação cristã, destaca-se a sua proximidade com a Sé e com a Igreja de São João da Praça, cujas freguesias e paróquias já existiam no século XII (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006; Silva, 2017, p. 77) (Tabela II.12; III.16).

Bibliografia do sítio: Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008; Nunes, 2010.

3.3.4. Palácio dos Condes de Penafiel

Durante as escavações aqui realizadas, na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.17.1;2), foi identificada uma mandíbula de adulto que poderá estar relacionada com a Igreja Paroquial de S. Mamede, “(...) ainda que esta circunstância não aporte argumentação cronológica fiável (...)” (Man & Silva, 2016). Segundo os autores a presença de material fauna,

carvão e a mandíbula estaria relacionada com o antigo adro da Igreja de São Mamede que se localizava em frente ao jardim do Palácio, ou mesmo com a existência de um *ecclesia* ou *martyrium*, anteriores à igreja (ainda que não se perceba como é que se chega a essa conclusão) (Silva & De Man, 2015, p. 399).

Após a tomada cristã da cidade e ainda durante o domínio islâmico, o espaço era marcado pela sua proximidade com a Cerca Velha da cidade, nomeadamente com os troços identificados na Rua do Milagre de Santo António, as Escadinhas de São Crispim, n.º 26 e o Largo de Santo António da Sé (Leitão, 2014; Mota et al., 2018). Também com a Igreja de Santa Maria da Madalena (Silva, 2017). No número 29 da Rua de São Mamede, foi também identificado no interior de um silo, com materiais dos séculos XII e XIII, um crânio de um indivíduo adulto, do sexo masculino (Salomé & Calado, 2012, p. 26-27) (Tabela III.17).

Bibliografia do sítio: Diogo, 1997; Fernandes & Fernandes, 2014; 2021; Guimarães & Silva, 2017; Man & Silva, 2016; Salomé & Calado, 2012; Silva & De Man, 2015; Silva, 2021d.

3.3.5. Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio dos Condes de Penafiel

A Rua de São Mamede ao Caldas localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.18.1). Pouco se conhece de vestígios medievais e modernos devido às alterações que os urbanismo pós-pombalino (Diogo, 1993, p. 2). Deste local proveem duas impostas e uma inscrição funerária enquadrada cronologicamente entre os séculos V a VII, localizando-se na proximidade do Palácio dos Condes de Penafiel (Fernandes & Fernandes, 2014, p. 240-241; Man & Silva, 2016).

Em 1993, durante a intervenção arqueológica de emergência realizada em frente à fachada principal do Palácio dos Condes de Penafiel, foi identificada uma sepultura medieval. No interior da sepultura foi registada a presença de um fragmento de *terra sigillata* sudgálica e um candil islâmico vidrado. A cobertura da sepultura era constituída em parte por fragmentos de pedras com inscrição provavelmente pertencentes a uma basílica paleocristã datada do século VI. O enterramento deverá ser mais tardio tendo reutilizado materiais da basílica cristã, e terá sido originário no adro da antiga igreja de S. Mamede (Diogo, 1993, p. 2-3).

No número 29 da mesma rua, foi também identificado no interior de um silo, com materiais dos séculos XII e XIII, um crânio de um indivíduo adulto, do sexo masculino (Salomé

& Calado, 2012, p. 26-27). Interpretado pelos autores como: “... num caso de revolvimento de depósitos associados à existência de um pequeno núcleo sepulcral aí instalado, que eventualmente foram reposicionados dentro deste silo, arrastando o crânio em causa...” (Salomé & Calado, 2012, p. 26-27). As referências mais antigas à freguesia e à paróquia são de 1190, de acordo com o Inventário de Compras do Mosteiro de São Vicente de Fora (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006, p. 289; Silva, 2017, p. 77) (Tabela III.18).

Bibliografia do sítio: Diogo, 1993; Fernandes & Fernandes, 2014; Man & Silva, 2016; Mota et al., 2018; Salomé & Calado, 2012.

3.3.6. Sé de Lisboa

Implanta-se na freguesia de Santa Maria Maior, na vertente sul de uma das plataformas que formam o Morro do Castelo (Figura III.19.1; 19.2; 19.3; 19.4) (Arruda et al., 2000, p. 28).

Segundo o SIPA²⁰, a Sé foi intervencionada desde o século XVII, salientando-se as intervenções do século XX, como as da Direção Geral dos Monumentos Nacionais, na primeira década deste século, na década de trinta e nos anos 60 (Figueiredo, 2008). Em termos arqueológicos, foi alvo de trabalhos arqueológicos a partir dos anos 90, no claustro da Sé, trabalhos esses que continuam até hoje²¹.

O claustro revela uma diacronia de ocupação desde a Idade do Ferro, destacando-se as ocupações de Época Romana e medieval. A primeira tem início no período republicano, com a presença de um espaço público até inícios do século I d. C., registando-se a presença de ruas, uma com sentido Norte-Sul e outra a Este-Oeste, sendo que a primeira beneficia de melhores condições de preservação, provavelmente pertencendo ao *decumanus maximus* da cidade até ao século IV d. C., quando é privatizada (Gaspar & Gomes, 2021, p. 105-106). Também se identificou uma *cloaca* sob a rua, cujo abandono se situa já em período Medieval Cristão (Gaspar & Gomes, 2021, p. 105-106). A presença de espaços habitacionais também se registou, juntamente com as respetivas lojas, numa casa a Este, abandonada na primeira metade do século VI e uma casa no lado ocidental, abandonada durante o século III d. C., registando-se uma nova construção a partir do século VI d. C. (Gaspar & Gomes, 2021, p. 107-108). Segundo as autoras, até ao período islâmico, o espaço foi marcado por quatro momentos, o primeiro na

²⁰ SIPA - Catedral de Lisboa/Sé de Lisboa/ Igreja Paroquial da Sé Patriarcal/ Igreja de Santa Maria Maior – Paula Figueiredo, 2008 - http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2196

²¹ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=56204>

primeira metade do século I d. C., com a urbanização da área; alterações no espaço a partir do século IV d. C., com a privatização da rua, novos compartimentos e o estreitamento de portas; durante o século VI d. C., o abandono de toda a área com a presença de níveis de derrube e a construção de um novo edifício abandonado na segunda metade do século VI d. C.; hiato ocupacional entre o século VI até meados do século XI (Gaspar & Gomes, 2021, p. 109). A partir do século XI, a abertura de fossas, corta os níveis de aterro do século VI. Estas fossas seriam abandonadas em meados do século XII. Tal como no Castelo, o espaço foi pontuado por estruturas habitacionais com paralelos com o bairro islâmico da Praça Nova e um entesouramento datado do período da conquista da cidade. Estas estruturas estariam nas proximidades de um edifício que poderia estar associado a uma área funcional da mesquita que datará entre meados do século XI e meados do século XII (Gaspar & Gomes 2016, p. 115-116; 121). Provém também destas intervenções no claustro da Sé uma placa decorativa datada do 3º quartel do século X. Segundo Manuel Luís Real este seria um indicador de uma construção tardia da mesquita, ocorrida já no século XI e da transferência do culto cristão para a igreja de Santa Maria de Alcamim. Apesar destas sugestões é ainda muito difícil aferir com alguma certeza a cronologia da mesquita, mas também da placa decorativa referida por não se conhecer o contexto de proveniência original (Fernandes, 2002, p. 71-72). Em *Época Medieval Cristã*, registam-se duas fases, a primeira entre 1147 até à construção do claustro em finais do século XIII/inícios do XIV, no qual se verifica a continuação do edifício habitacional, com algumas alterações (Gaspar, 2016, p. 121). E a “continuidade de ocupação do edifício e do pátio aberto à rua”, todavia isolado da restante área onde se começava a construir a igreja. A repavimentação da área datada de finais do século XIII/1ª metade do XIV é contemporânea com a construção do claustro (Gaspar & Gomes, 2016, p. 122). Sendo que a primeira referência documental do claustro é de 1281, registando-se a nível arqueológico a destruição de vestígios do edifício islâmico, da cloaca romana e do pavimento medieval, de aterros e nivelamentos e a construção de uma cisterna (Gaspar & Gomes, 2016, p. 124).

Previamente à possível existência da Mesquita Maior no espaço da Sé, foi defendido por alguns autores, a hipótese de uma basílica paleocristã e um templo visigótico, mas não existem vestígios arqueológicos suficientes que sustentem esta proposta (Fagundes, 1994, p. 116; Rodrigues 1995, 257). Para alguns autores como Manuel Luís Real e Paulo Almeida Fernandes, uma das hipóteses é a existência de um templo cristão, apoiando-se em vestígios de decoração arquitetónica prévios à Mesquita, ou seja, até à invasão almorávida, na qual teria havido uma deslocação dos cristãos da Basílica Maior, que se localizaria na Sé, para Santa

Maria de Alcamim (Real, 1998, p. 51; Fernandes, 2018, p. 68). Através das escavações arqueológicas, sabe-se que, assumindo-se a existência da Mesquita, esta já existiria entre meados do século XI e meados do seguinte (Gaspar & Gomes, 2016, p. 121). Sendo que no relato do cruzado é referida a fundação da Sé, em 1147: “(...) *foi feita a purificação do templo pelo arcebispo e por mais quatro bispos sufragâneos e restaurada a diocese como sede do episcopado* (...)” (Nascimento, 2018, p. 143).

Segundo Cordeiro de Sousa, aquando da demolição do adro pombalino situado na torre sul, terá sido identificado um conjunto de sepulturas medievais, bem como inscrições datáveis do século XII (Figura III.19.5) (Castilho 1936, p. 40). As inscrições medievais foram estudadas por Mário Barroca (2000), que as situa na segunda metade do século XII (2000a, p. 574; 575; 576). Sabe-se que as sepulturas foram identificadas na primeira metade do século XX durante obras de restauro (não especificadas)²². Caracterizando-se pela orientação a oeste, sem cobertura ou tampa e de forma antropomórfica (Rodrigues, 2020, p. 36). Como denota Manuel Fialho, até ao momento não se verificou a presença de enterramentos anteriores à construção do claustro, “...*claustro conclui-se que não foi aí que existiu o cemitério da catedral durante os séculos XII e XIII.*” (Silva, 2017, p. 111) Apesar de Fagundes (1994), considerar que o cemitério paroquial primitivo se localizaria no claustro (p. 119). O autor destaca a toponímia das Cruzes da Sé, como um indicador de um local de sepultamento e que os enterramentos identificados no século XX situar-se-iam no exterior da Catedral, a Sul, entre a frente ocidental da torre Sul e a fachada Sul (Figura III.19.4). Apontando para o funcionamento do espaço sepulcral com base na datação das lápides funerárias do século XII, desde 1147 até à construção do claustro, correspondendo ao cemitério paroquial da igreja com semelhanças com a Sé Velha de Coimbra, que tem um adro-cemitério junto à fachada ocidental (Silva, 2017, p. 112- 113). Opinião partilhada também por Mário Barroca (2000a, p. 575).

A partir do século XIII, torna-se um dos locais mais procurados para sepultamentos da nobreza e do clero, e mesmo para o rei D. Afonso IV e para a sua esposa, no século XIV (Rodrigues, 2020, p. 36).

Na sua envolvente, o espaço era pontuado em Época Romana, além dos vestígios anteriormente mencionados no Claustro da Sé, por unidades de preparados piscícolas identificados na Casa dos Bicos (Silva, 1999), na Rua dos Bacalhoeiros n.º 16-16D (Pinheiro

²² SIPA – Catedral de Lisboa/Sé de Lisboa/ Igreja Paroquial da Sé Patriarcal/ Igreja de Santa Maria Maior – Paula Figueiredo, 2008: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2196

et al., 2017) e pelos vestígios identificados no Teatro (Silva, 2011). Em Época Medieval Islâmica, regista-se um aumento de sítios nas suas proximidades, nomeadamente com os vestígios da Cerca Velha na Casa dos Bicos (Leitão, 2014); na Rua dos Bacalhoiros²³, os vestígios de decoração arquitetónica cristãos na Rua de São Mamede n.º 9 (Fernandes & Fernandes, 2014), a estrutura habitacional do Teatro (Bugalhão, 2009), entre outros. Com a tomada cristã da cidade, além dos troços de muralha na sua envolvente, salienta-se a sua proximidade aos enterramentos identificados nas Cruzes da Sé (Boaventura, 2016) e à Igreja e respetivo cemitério de S. Martinho (Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008) (Tabela III.19).

Bibliografia do sítio: Arruda et al., 2000; Castilho, 1936; Fernandes, 2001; Gaspar & Gomes, 2016; 2021; Fernandes, 2002; Nunes, 2010; Rodrigues, 2016; Barroca, 2000; Real, 1998; 2000; Fernandes, 2018; Silva, 2017.

3.3.7. Cruzes da Sé

O sítio arqueológico de Cruzes da Sé localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior (Figura III.20.1). Está registado no Portal do Arqueólogo, sem referir o ano de intervenção e o tipo de trabalhos realizados. Mencionando apenas a presença de estelas funerárias de tipologia medieval, a existência de um aterro relacionado com a construção do claustro de D. Dinis e contextos urbanos entre os séculos XII-XIII²⁴.

As únicas referências encontradas sobre o sítio são na notícia do *Jornal Público*, de 2016, onde é referido que no espaço intervencionado foram identificados cerca de 70 enterramentos ou indivíduos (Figura III.20.2) (não é especificado) possivelmente a partir da segunda metade do século XII e abandonado pós-terramoto (Boaventura, 2016). Relativamente ao espólio funerário, foram encontradas algumas moedas junto aos inumados, alfinetes de cabelo e outros alfinetes possivelmente de muralhas e lápides. Segundo Manuel Fialho, a toponímia deste espaço parece estar relacionada com o espaço funerário identificado por Cordeiro de Sousa (Silva, 2017, p. 112). Seria um espaço que se localizava junto à Sé e, segundo a notícia de 2016, a DGPC referiu que estes enterramentos são vestígios da necrópole da Sé Patriarcal (Boaventura, 2016).

²³ Portal do Arqueólogo - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3319391>

²⁴ Portal do Arqueólogo: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3310984>
<https://www.publico.pt/2016/10/31/local/noticia/que-historias-tem-para-contar-os-70-cadaveres-encontrados-junto-a-se-de-lisboa-1749229>

O enquadramento espacial das Cruzes da Sé não é muito distinto daquele evidenciado na Sé (Tabela III.20).

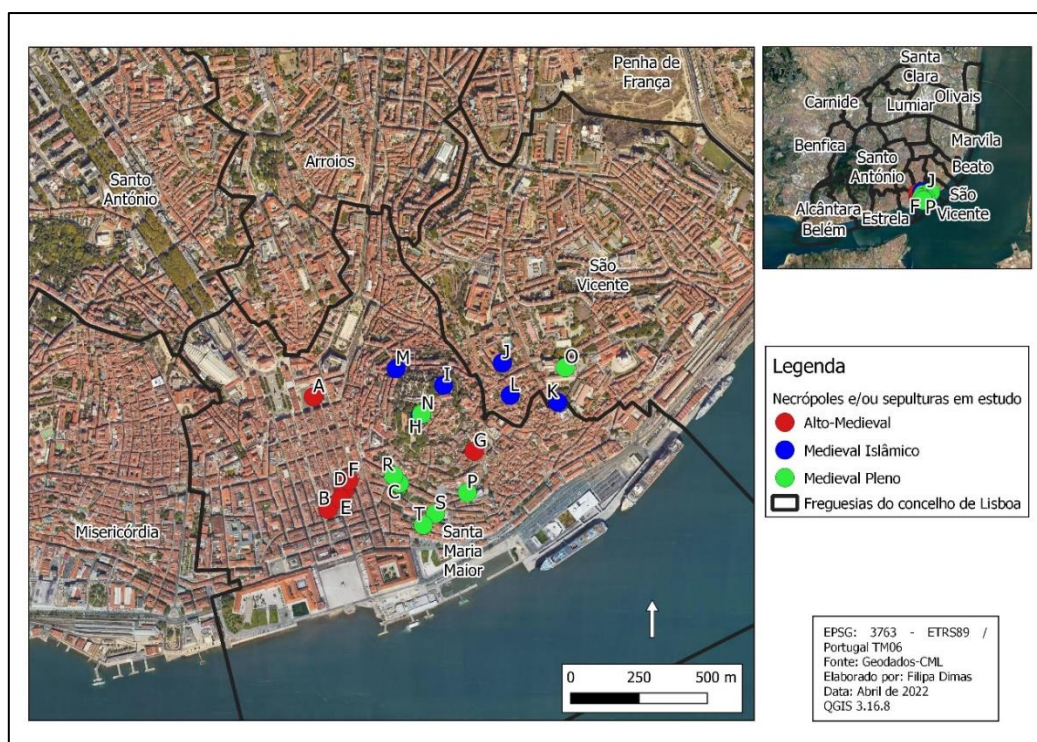
Bibliografia do sítio: Boaventura, 2016; Silva, 2017

IV. Análise espacial e discussão dos resultados

No presente capítulo pretende-se após a compilação dos dados, proceder ao mapeamento dos sítios e das variáveis selecionadas no Capítulo II. Segmentando-se em três capítulos, um destinado ao seu enquadramento administrativo e municipal (Ponto IV.1); a distribuição das necrópoles e/ou sepulturas consoante os seus valores altimétricos, o enquadramento geológico e o tipo de solos (Ponto IV.2). E um terceiro capítulo dedicado à associação dos contextos funerários em estudo com determinados elementos associados à conjuntura anterior ou posterior em análise, desde necrópoles, estruturas urbanas, edifícios de cariz religioso, entre outros.

4.1. Enquadramento administrativo e planos diretores municipais

Neste primeiro apartado será realizado um cruzamento dos sítios com as freguesias da cidade e com as áreas de sensibilidade arqueológica definidas nos dois planos diretores municipais da cidade. As variáveis utilizadas neste capítulo são provenientes das plataformas de dados abertos da Câmara Municipal de Lisboa, *Lisboa Aberta* e da sua versão mais recente, *Geodados* (Tabela II.2).



Mapa 1: Distribuição das necrópoles e/ ou sepulturas pelas Freguesias do Concelho de Lisboa (2012) (**Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas:** H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãos:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé).

Observa-se, como seria de esperar, uma tendência de concentração de sítios no centro histórico de Lisboa, nomeadamente na freguesia de Santa Maria Maior, com 16 do total de sítios (Gráfico 1). Esta zona engloba não só as necrópoles e /ou sepulturas Alto-Medievais. Mas também duas de cronologia Medieval Islâmica e duas com o ritual cristão. Em segundo lugar, na freguesia de São Vicente de Fora registou-se a presença de mais ocorrências funerárias, três delas correspondendo à necrópole oriental islâmica e ao Mosteiro de São Vicente de Fora. Se considerarmos a reforma das freguesias anterior a 2021, estas necrópoles situar-se-iam maioritariamente nas freguesias da Madalena (4), Castelo (4) e São Nicolau (4) (Anexo III – Enquadramento administrativo).

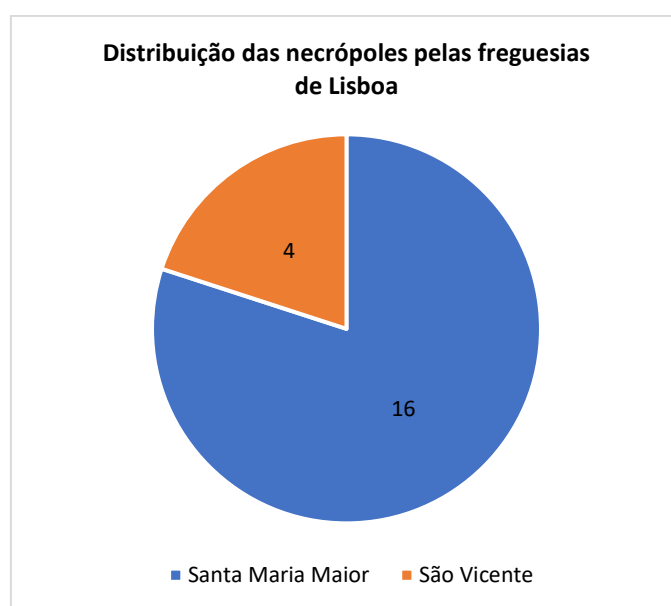


Gráfico 1: Gráfico circular com a distribuição das necrópoles pelas freguesias de Lisboa.

Para explicar esta distribuição espacial é interessante olhar para os dois planos diretores municipais da cidade (1994 e 2012), e perceber a estratégia de intervenção definida mediante as áreas do concelho.

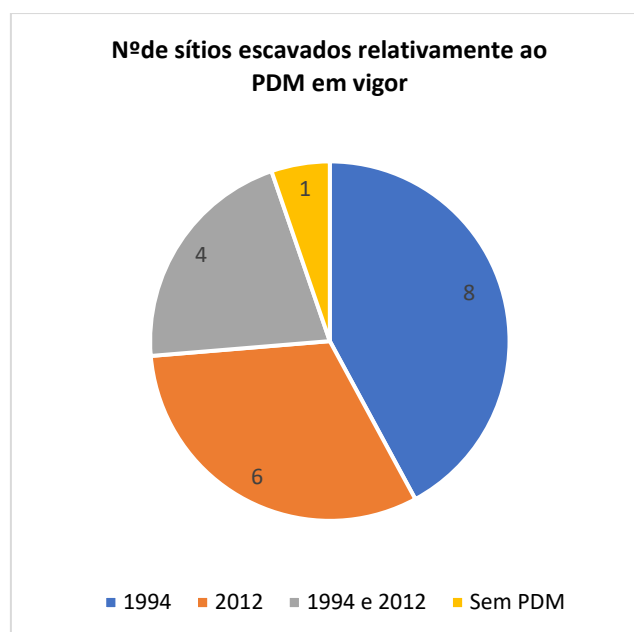


Gráfico 2: Gráfico circular com a o número de sítios intervencionados relativamente ao PDM em vigor.

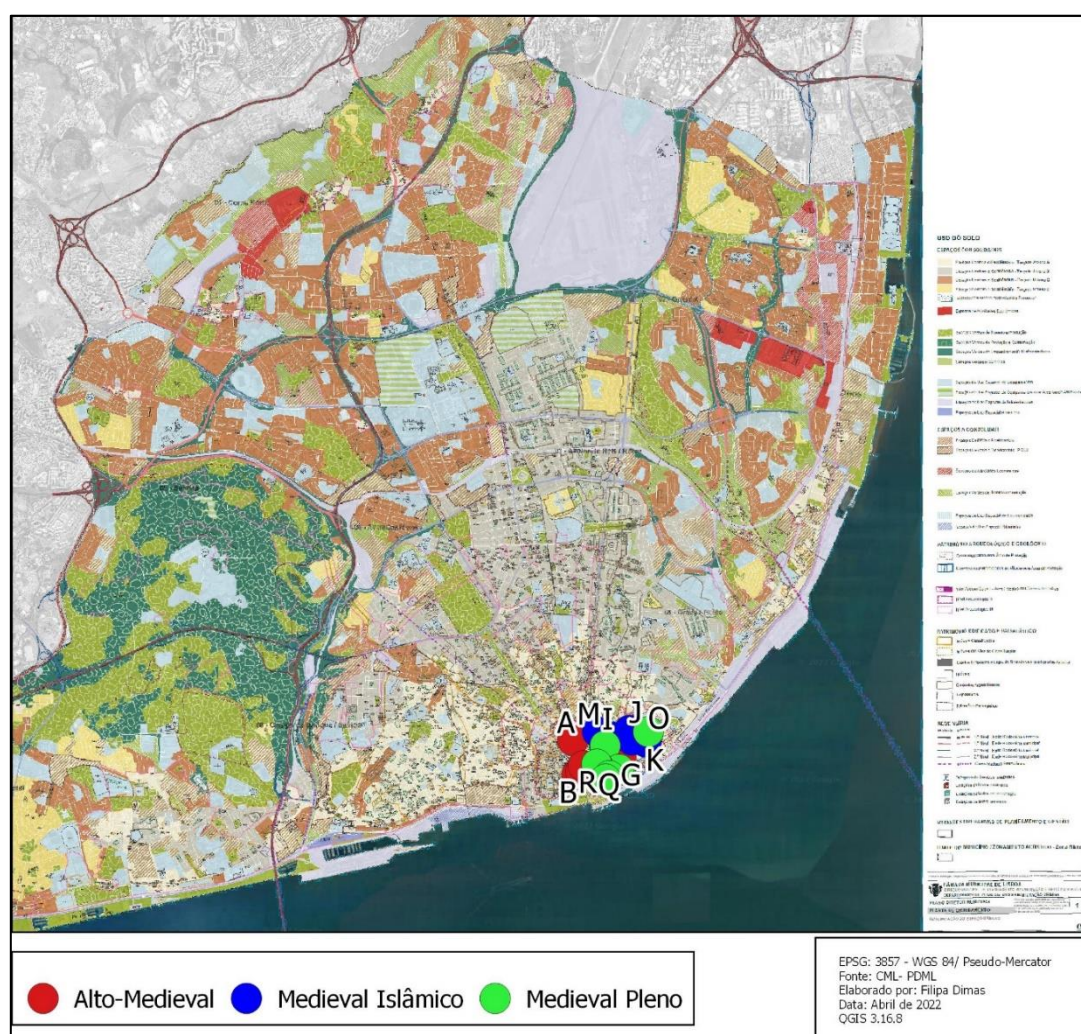
A maioria do número de sítios em estudo nesta dissertação foi intervencionado no momento em que o Plano Diretor Municipal de Lisboa de 1994 se encontrava em vigor, nomeadamente os sítios da Praça da Figueira, Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau, a zona do Castelo, Rua do Espírito Santo, Rua da Saudade/ Largo de São Martinho e Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel. Com a publicação do segundo PDM em 2012, foram intervencionados mais seis sítios: Rua da Prata, Rua da Adiça, o núcleo da necrópole do arrabalde oriental e as Cruzes da Sé. A terceira categoria em análise destina-se aos sítios que acompanharam o momento em que ambos os planos se encontravam²⁵ em vigor, nomeadamente quatro, como o NARC, o Convento Corpus Christi, o Mosteiro de São Vicente de Fora e a Sé de Lisboa. Apenas o Palácio dos Condes de Penafiel foi intervencionado sem plano diretor municipal em vigor.

No PDM de 1994 foram definidos dois níveis de intervenção arqueológica. O Nível 1, consistia na área delimitada pela muralha fernandina, incluindo o Bairro da Mouraria, com medidas de cariz mais protetor e exigente, mas que não implicavam necessariamente uma intervenção arqueológica prévia (Caessa et al., 2018a, p. 59). Como na recomendação da presença de um arqueólogo e não obrigação, sendo que o licenciamento do projeto estaria sempre sujeito a parecer de uma comissão municipal específica, e do IPPAR (Resolução do Conselho de Ministros n.º 94/94 de 29 de setembro, Presidência do Conselho de Ministros,

²⁵ Existe um conjunto de sítios que foram intervencionados durante um longo período de tempo, e que veio a abranger o tempo em vigor do primeiro PDM e do atual.

1994: Art. 15.º: 3;4). A área de nível 2 correspondia à restante área urbana condicionada. Aqui foi definida a realização facultativa de acompanhamento arqueológico, com base num parecer da comissão municipal específica (Caessa et al., 2018a, p. 59; Resolução do Conselho de Ministros n.º 94/94 de 29 de setembro, Presidência do Conselho de Ministros, 1994: Art. 15.º:5). Com a revisão do Plano entre 2004 e 2010, pelo antigo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, verificou-se que o PDM de 1994, apresentava falhas em áreas mais afastadas do centro, e que, porventura, apresentassem uma maior presença de vestígios (Caessa et al., 2018a, p. 59- 61). No âmbito dos sítios intervencionados até 2012 todos se inseriam no nível de intervenção arqueológica 1. Não foram georreferenciados os sítios nas plantas do Plano Diretor Municipal de 1994 devido à fraca definição das mesmas.

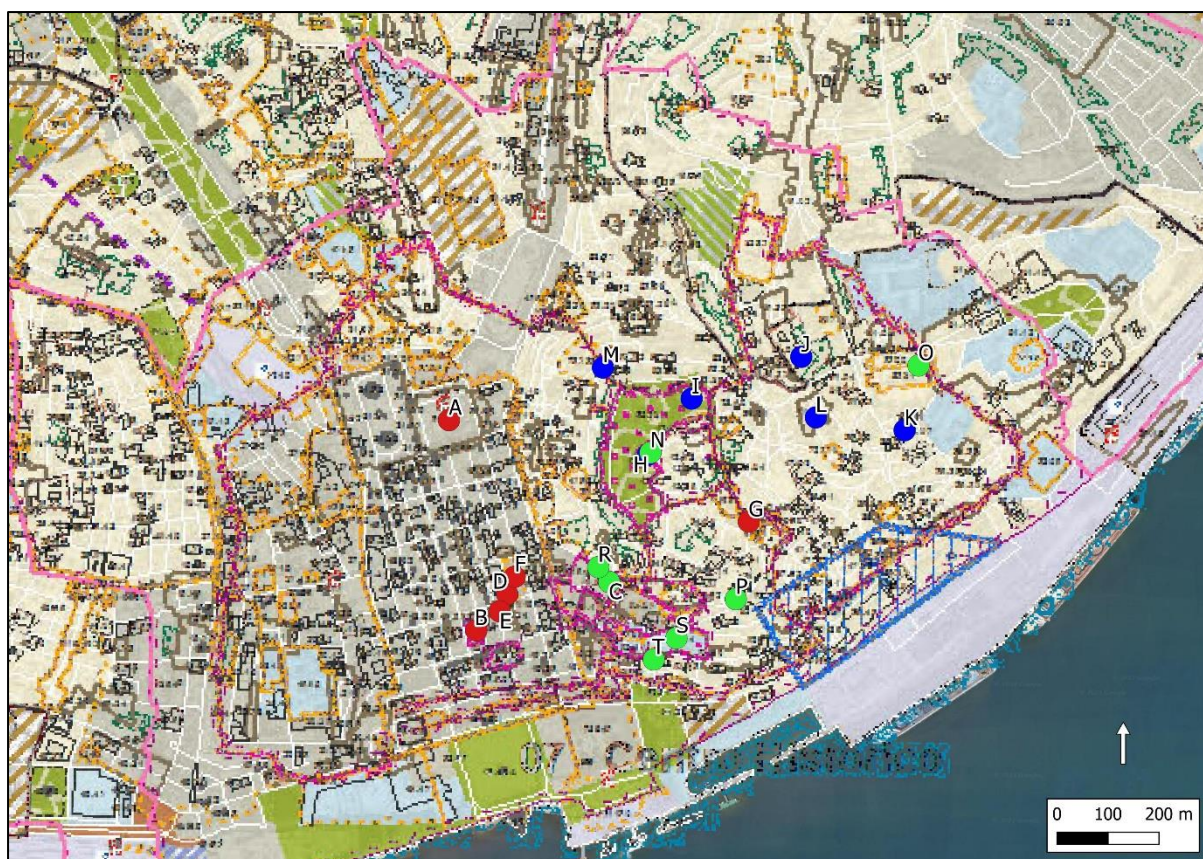
Com o novo plano, a cartografia associada à componente arqueológica é a Planta de Ordenamento e Qualificação do Espaço Urbano (Câmara Municipal, 2012a, p. 273). Através da georreferenciação da mesma foi possível sobrepô-la ao mapa de base do *Google Satellite*.



Mapa 2: Distribuição das necrópoles e/ ou sepulturas na Planta de Qualificação do Solo (PDML) (2012) (**Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas:** H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S– Sé, T – Cruzes da Sé).

Regista-se igualmente, face ao PDM anterior, alterações no artigo 33.º dedicado ao património arqueológico, onde são definidos três níveis (aqui não será mencionado o nível III, por não apresentar vestígios que se inserem no âmbito deste trabalho):

- A área de nível arqueológico I - caracteriza-se como áreas de valor patrimonial arqueológico consolidado, locais com pré-existências identificadas “...de inegável valor e potencialidade...” patrimonial» (Aviso n.º 116222/ 2012 de 31 de agosto de 2012, Município de Lisboa, 2012: Art. 33.º; Câmara Municipal, 2012a, p. 174). Compreende sítios no “(...) Centro de Lisboa (Baixa-Chiado), como o Castelo de São Jorge, Teatro Romano de Lisboa, Sé Catedral, Termas dos Cássios/Largo da Madalena, Largo da Sé/Largo da Igreja de Santo António da Sé, Troços das Cercas Medievais de Lisboa, Galerias Romanas da Rua da Prata e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros”. Nestes locais, as intervenções são precedidas de estudo arqueológico com a caracterização e avaliação dos valores arqueológicos em presença que justificam a adequação das soluções propostas (Câmara Municipal, 2012b, p. 153). Analisando com maior detalhe a *Área de Nível Arqueológico I*, verifica-se que as evidências funerárias que se inserem nesta área são as sepulturas Alto-Medievais identificadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e no Palácio dos Condes de Penafiel (ambas intervencionadas em 2012). As ocorrências de Época Islâmica correspondem às necrópoles e sepulturas islâmicas identificadas no interior do Castelo de S. Jorge (também escavadas em 2012). As necrópoles Cristãs inseridas na Área I são as sepulturas da Sé, das Cruzes da Sé, do Palácio dos Condes de Penafiel e da Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel;



Mapa 3: Distribuição das necrópoles e/ou sepulturas na Planta de Qualificação do Solo (PDML) na Área de Nível Arqueológico 1 (**Alto-Medievais:** B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C - Palácio dos Condes de Penafiel; **Medievais islâmicas:** H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J - Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S– Sé, T – Cruzes da Sé).

- A *Área de Nível Arqueológico II* -corresponde a áreas com um elevado potencial arqueológico, fornecida por informação prévia, presumindo-se uma quantidade significativa de vestígios (Manual técnico PDML, p. 174). Essas áreas correspondem a “(...) Centros Históricos Antigos (área delimitada pela Cerca Fernandina, incluindo a Mouraria, Bairro Alto e Encosta de Santana; Belém; Benfica; Carnide/Luz; Paço do Lumiar/Lumiar; Charneca; Ameixoeira e Chelas), Fábrica Romana de Belém, Arqueossítios de Monsanto (Montes Claros e Vila Pouca), Tapada da Ajuda e Sete Moinhos”. Para estas zonas prevê-se uma intervenção arqueológica prévia, como o acompanhamento arqueológico (Aviso n.º 116222/ 2012 de 31 de agosto de 2012, Município de Lisboa, 2012: Art. 33.º). Os restantes sítios correspondem a esta área,

sendo que se nota um maior número de vestígios no interior do nível 2 (Mapa 3 e 4, Gráfico 3).

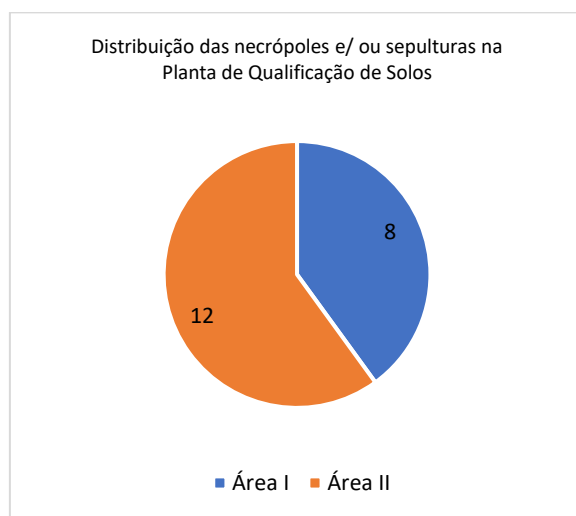
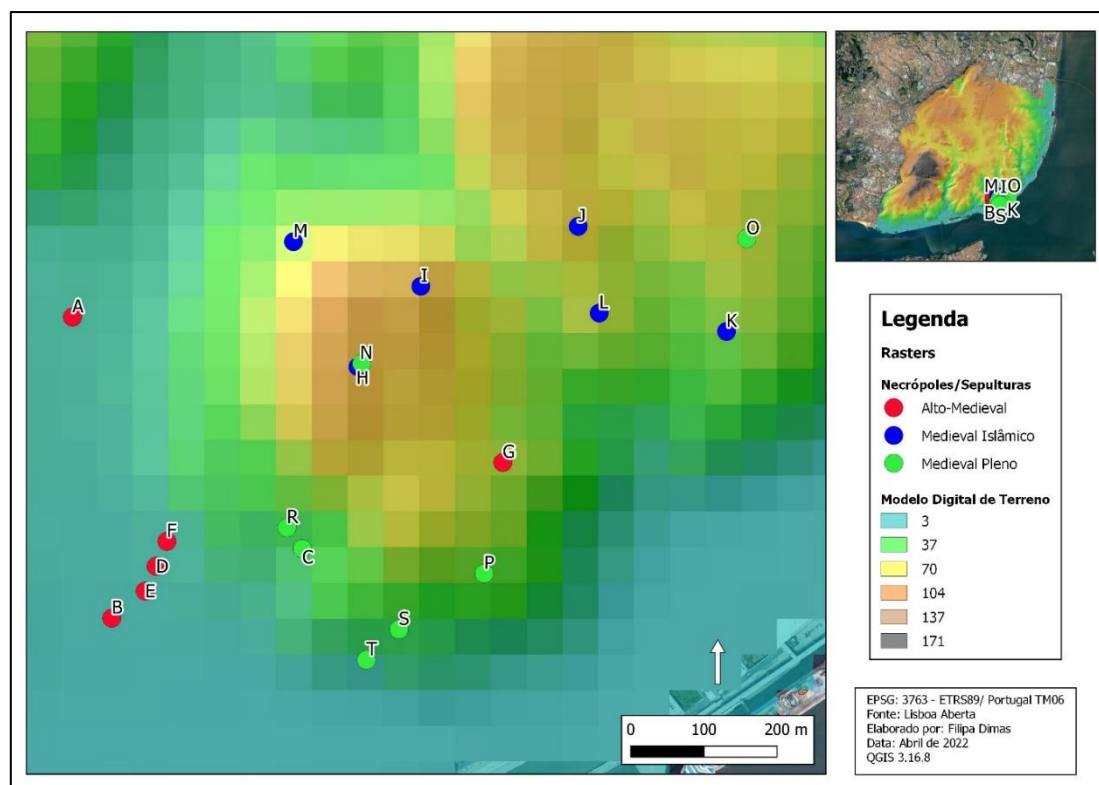


Gráfico 3: Gráfico circular com a distribuição das necrópoles e/ou sepulturas na Planta de Qualificação de Solos.

4.2. Variáveis altimétricas e geológicas

Neste subcapítulo foram tidas em consideração três elementos: o Modelo Digital de Terreno, a geologia do concelho e o tipo de solo. Os dados utilizados foram retirados das plataformas de dados abertos mencionadas anteriormente.

Para a análise do Modelo Digital de Terreno, foram utilizadas duas camadas no *QGIS*, o Modelo Digital de Terreno, à qual foi aplicada uma transparência de 50 %. Modificou-se os valores mínimos (-7,15616) e máximos (214) iniciais, para evitar os valores negativos, configurando-se os valores mínimos e máximos, selecionando o corte de acumulativo cumulativo 2.0-98,0 %; a interpolação: linear; a precisão:0 (sem casas decimais); modo: intervalo igual e seis classes. Sobre esta camada foi realizada uma operação no menu *Raster < Análise < Sombreamento*, selecionando o Modelo Digital de Terreno como a «camada de entrada», para obter o efeito de profundidade no mapa.



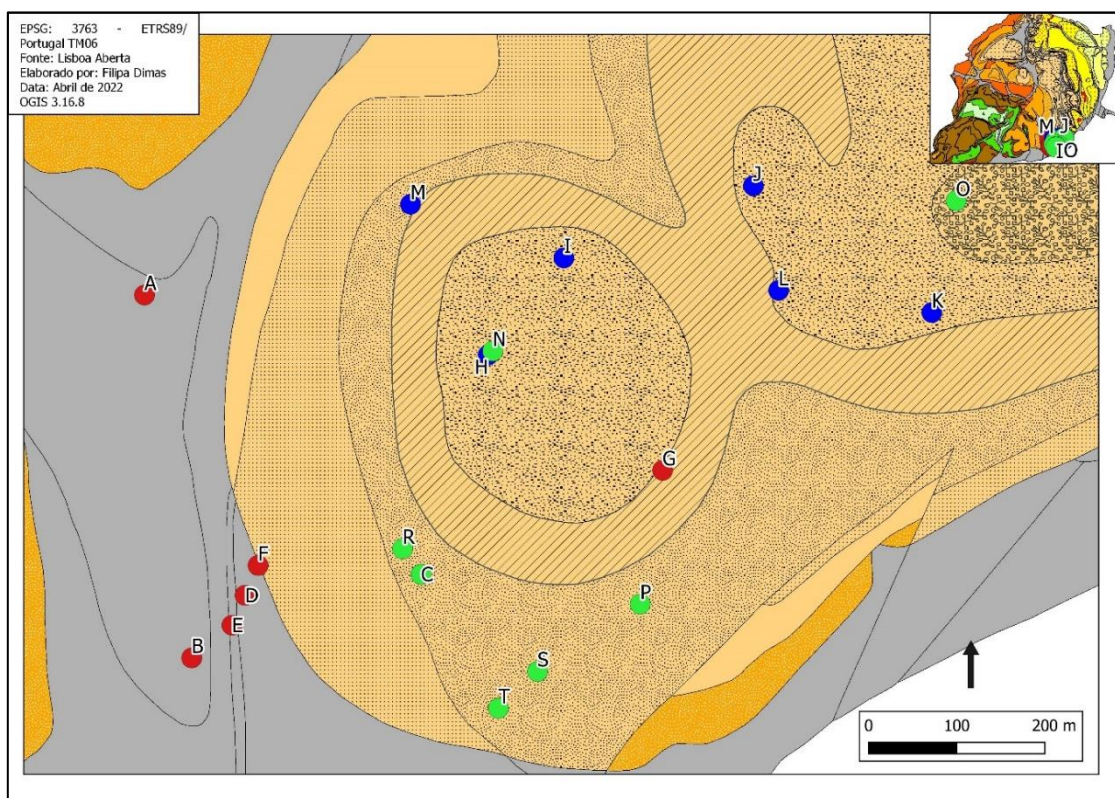
Mapa 4: Modelo Digital de Terreno do Concelho de Lisboa com a distribuição das necrópoles e/ou sepulturas em estudo (**Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas:**, H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé).).

Na sua generalidade, os valores registados no mapa representam as cotas atuais, muito influenciados pelo urbanismo e não os valores históricos. Ainda assim, não serão valores completamente díspares aos que se apresentavam à época, observando-se algumas diferenças entre os três grupos, permitindo de uma certa forma a leitura destes valores.

As necrópoles localizadas no quarteirão da Baixa Pombalina (B, D, E, F) parecem registar uma maior uniformidade de valores, juntamente com os enterramentos da Praça da Figueira, apresentando uma altimetria de 3 metros, num terreno aplanado, sem grandes alterações na topografia, algo que poderá estar relacionado com o esteiro. O Palácio dos Condes de Penafiel e a Rua da Adiça, denotam já algumas alterações de altitude num terreno entre os 3 até aos 37 metros, à medida que se vão aproximando da zona do castelo, a altimetria vai aumentando, devido à colina onde se localiza a fortificação. As necrópoles islâmicas instalam-se numa zona mais elevada quando comparadas com as de cronologia anterior.

No que concerne aos espaços funerários islâmicos, instalam-se preferencialmente em terrenos com valores altimétricos entre os 37 e os 137 metros. Os valores superiores situam-se no cimo do Castelo, entre os 104 aos 137 metros (I, J, O). Ainda junto ao Castelo, a Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II regista valores inferiores entre os 37 e os 70 metros. E os contextos mortuários implantados no arrabalde oriental (K, L, M), denotam valores distintos com a Calçadinha do Tijolo entre os 70 e os 104 metros e o Largo de Santa Marinha e do Largo do Sequeira entre os 37 e os 70 metros.

Os dados referentes às necrópoles dos séculos XII-XIII apresentam uma altimetria inferior às islâmicas, localizando-se preferencialmente na zona baixa da cidade. Não obstante, posicionam-se em cotas superiores relativamente aos enterramentos alto-medievais, situando-se entre os 37 e os 70 metros. Com exceção do Mosteiro de São Vicente de Fora, com cotas semelhantes à Calçadinha do Tijolo.



Mapa 5: Carta Geológica do Concelho de Lisboa, na escala 1:10 000, juntamente com as necrópoles e/ ou sepulturas em estudo (**Alto-Medievais**: A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas**: H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãos**: N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São

Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S– Sé, T – Cruzes da Sé). Remete-se o Anexo I. Mapa I.5 para legenda da carta geológica do concelho de Lisboa.

Relativamente à geologia, a maior parte das necrópoles alto-medievais caracteriza-se por se situar em zonas de aluviões e aterros. Excetuando a Rua da Adiça, onde se registam mais calcários do tipo Casal Vistoso e areias com placuna miocénica e o Palácio dos Condes de Penafiel com areias da Quinta do Bacalhau. Cinco das necrópoles medievais islâmicas localizam-se em sítios de areias com placuna miocénica, areias da Quinta do Bacalhau. Os sítios medievais cristãos implantam-se em areias com placuna miocénica, calcários da Musgueira e areias da Quinta do Bacalhau.

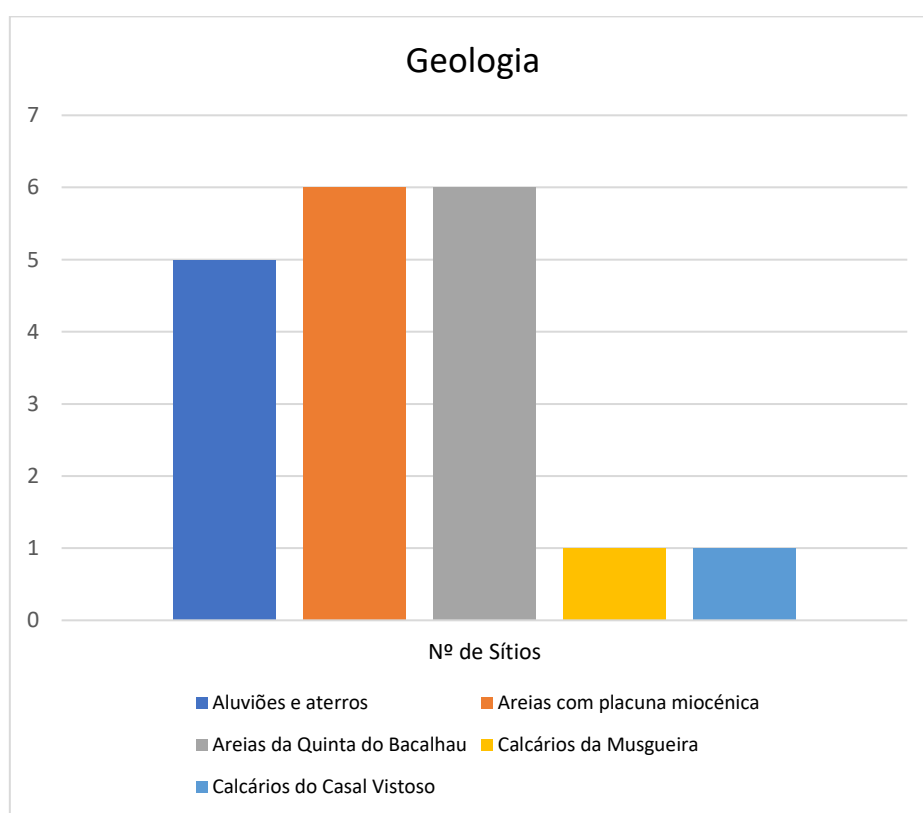
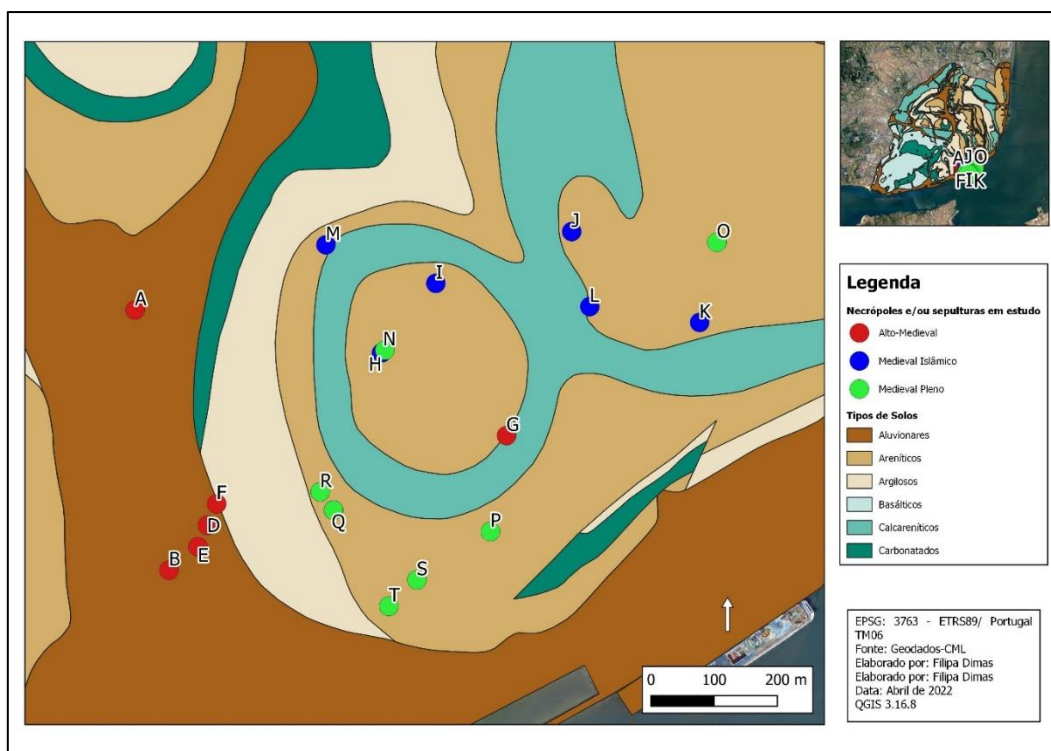


Gráfico 4: Gráfico com o número de sítios e o enquadramento geológico correspondente.

Através do gráfico 4, observa-se a predominância de: areias com placuna miocénica, areias da Quinta do Bacalhau e aluviões e aterros, os restantes revelam uma presença menos significativa. Observando os dados apresentados, não é possível aferir uma relação entre os períodos em estudo e a geologia correspondente. Talvez, apenas no caso das necrópoles alto-medievais que se localizam numa zona de aluviões e aterros.



Mapa 6: Carta de Tipos de Solos do Concelho de Lisboa, na escala 1:10 000, juntamente com as necrópoles e/ou sepulturas em estudo (**Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas:**, H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé)

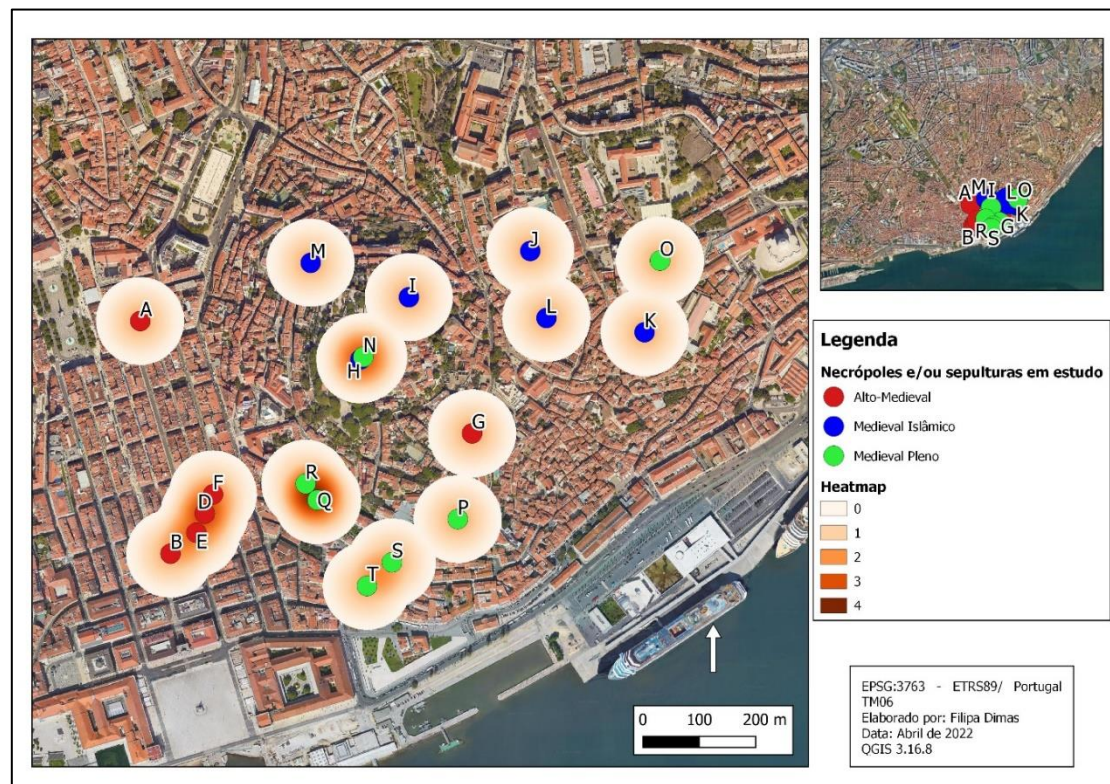
Analisando os tipos de solos, a maioria das necrópoles alto-medievais, localizam-se em solos aluvionares, exceto no Palácio dos Condes de Penafiel, em solos areníticos e na Rua da Adiça em calcareníticos. As Medievais Islâmicas e Cristãs estão implantadas em solos areníticos.



Gráfico 5: Distribuição dos sítios em estudo mediante os tipos de solo.

O Gráfico 5 demonstra que a maior parte dos sítios que compõem o objeto de estudo são solos de tipo arenítico que se presencia nos três períodos. Enquanto os solos aluvionares apenas se registam na Alta Idade Média, juntamente com os calcareníticos. Não tendo nenhum impacto ou conexão com a implantação destes espaços cemiteriais.

4.3. Variáveis arqueológicas



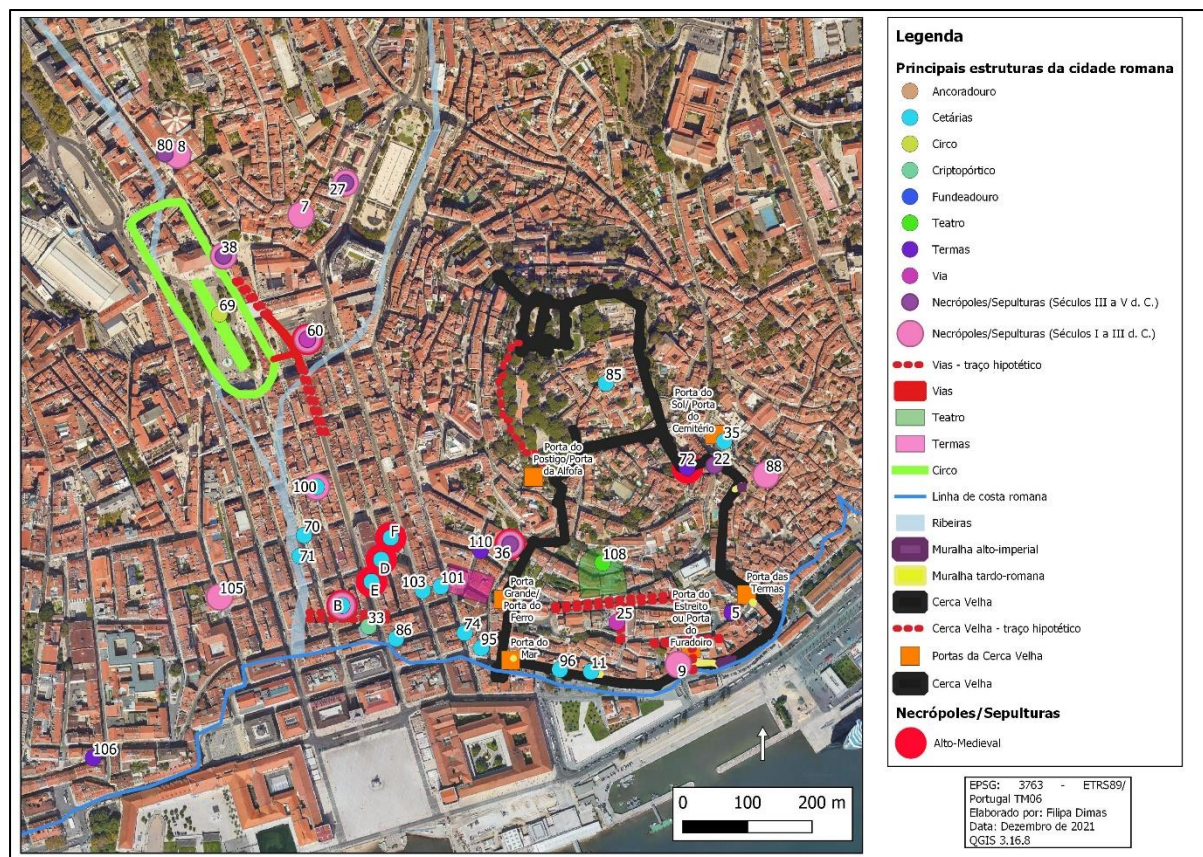
Mapa 7: Distribuição das necrópoles e/ ou sepulturas através do Mapa Térmico (Estimativa de Densidade de Núcleo) com a Cerca Velha. (**Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Medievais islâmicas:**, H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II; **Medievais cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S– Sé, T – Cruzes da Sé).

Para analisar as densidades de vestígios foi utilizado o “Mapa Térmico (Estimativa de Densidade do Núcleo)”, que permite perceber a distribuição e concentração de necrópoles por período, tendo para tal usado um raio de 100 metros em torno de cada ocorrência.

Nos quarteirões da Baixa Pombalina é visível uma maior concentração de necrópoles e/ ou sepulturas alto-medievais (B, E, D, F). As restantes sepulturas da mesma cronologia encontram-se em posições em que não há mais nenhuma ocorrência conhecida num raio de 100 m (A e G). No que respeita aos contextos islâmicos parecem assumir maior expressão na zona da colina do castelo e no arrabalde oriental, ainda que sem valores muito altos no *Heatmap*. Na zona do castelo verifica-se ainda uma estimativa de núcleo de maior densidade entre as sepulturas islâmicas do Palácio das Cozinhas e cristãs na Rua Espírito Santo 31-35.

As necrópoles medievais cristãs concentram-se na zona baixa da cidade, revelando apenas em dois casos valores significativos, nomeadamente na zona da antiga Igreja Paroquial de S. Mamede, na Sé e a Igreja de S. Martinho. Por outro lado, o Mosteiro de São Vicente de Fora localiza-se extramuros, no arrabalde oriental. Contrariamente às sepulturas islâmicas, as necrópoles cristãs concentram-se na zona baixa no interior da Cerca Velha, com uma estimativa de densidade de núcleo inferior à verificada nas sepulturas alto-medievais. Todavia, o núcleo do Palácio dos Condes de Penafiel e da Rua de São Mamede ao Caldas (S, R), apresentam o maior valor registado no mapa.

4.3.1. Relação com as principais estruturas da cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo*



Mapa 8: Comparação da distribuição das necrópoles e/ou sepulturas alto-medievais com as principais estruturas da cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo*. Estruturas romanas (séculos I a III/ III a V d. C.): 5 – Beco do Marquês de Angeja (Termas); 10/6 – Casa do Governador de Belém (cetárias); 11/7 – Casa dos Bicos (cetárias); 25/13 – Claustro da Sé (Via); 33/23 – Galerias Romanas (Criptopórtico); 35/25 – Largo das Alcaçarias, 1-3 /Rua de São Pedro, 27-39 (cetárias); 45 e 46/31 e 32 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Via e cetárias); 57/38 – Praça D. Luís I (Ancoradouro); 60 e 61/39 a 41 – Praça da Figueira (Via); 69/43 – Rossio (Circo); 70/43 – Rua Augusta (cetárias); 71/45 – Rua Augusta, n.º 137 a 145 / Mandarim Chinês (cetárias); 72/46 – Rua da Adiça 1-3 a Rua de São João da Praça, n.º 2-8 e Beco do Guedes, n.º 2 (Termas); 74/47 – Rua da Madalena, n.º 54-60 (cetárias); 75/48 – Rua da Prata, n.º 88 a 114 (cetárias); 85/57 – Rua de Santiago n.º 10-24 (cetárias); 86/61 – Rua de São Julião, n.º 72 (cetárias); 94/67 – Rua Dom Luís I (Fundeadouro); 95/68 – Rua dos Bacalhoeiros, 32-34 (cetárias); 96/70 – Rua dos Bacalhoeiros, n.º 16 a 16D (cetárias); 100/74 – Rua dos Correiros. Sond. 34 (cetárias); 101/75 – Rua dos Douradores, 2-14/Rua da Conceição, 28-34 (cetárias); 102/76 – Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau (cetárias); 103/78 – Rua dos Fanqueiros 68-76/ Rua da Conceição 15-19 (cetárias); 106 – Rua Víctor Cordon, 29-33, Rua do Ferragial 6-10A (Termas); 108/83 – Teatro; 110/84 – Termas dos Cássios; 16 – Corpus Christi (cetárias). **Necrópoles Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Necrópoles dos séculos I a III d. C.:** 6 – Calçada da Cruz da Pedra; 7 – Calçada do Garcia; 8 – Calçada do Lavra, n.º 2 a 10; 9 – Campo das Cebolas, 11-23; 27 – Encosta de Sant'Ana; 30 – Entrecampos; 38 – Largo de São Domingos; 44 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; 50 – Palácio dos Condes de Penafiel; 58 – Praça da Figueira; 83 – Rua de Santa Marta n.º 32 e 34; Rua de Santa Marta n.º 30; 88 – Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardosa; 92 – Rua do Paraíso; 98 – Rua dos Correiros, Sond. 34; 105 – Rua Nova do Almada, n.º 63 a 73/ Calçada Nova de S. Francisco. **Necrópoles dos séculos III a V d. C.:** 17 – Encosta de Sant'Ana/ Torre do Jogo da Pela (Martim Moniz); 18 – Entrecampos; 22 – Fundação Ricardo Espírito Santo; 28 – Largo de São Domingos; 33 – Olivais Sul; 34 – Palácio Conde Barão de Alvito – Largo Conde Barão, n.º 43 a 47; 36 – Palácio dos Condes de Penafiel; 37 – Poço de Cortes; 41 – Praça da Figueira; 51 – Rua da Rosa n.º 51/57 e Rua Luz Soriano n.º 44/52; 56 – Rua de Santa Marta n.º 30; 66 – Rua do Passadiço, n.º 26 a 30; 80 – Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90; 82 – Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca. (Tabela II.5; II.6).

Um primeiro exercício consistiu em analisar a localização dos espaços funerários alto-medievais com as antigas estruturas romanas da cidade, como o teatro, o circo, as estruturas termais, as vias e as necrópoles. Os elementos georreferenciados consistem na linha de costa, o esteiro/ ribeiras em época Romana, o Circo, as Termas dos Cássios, o Teatro, as vias e a Cerca Velha (Tabela II.13).

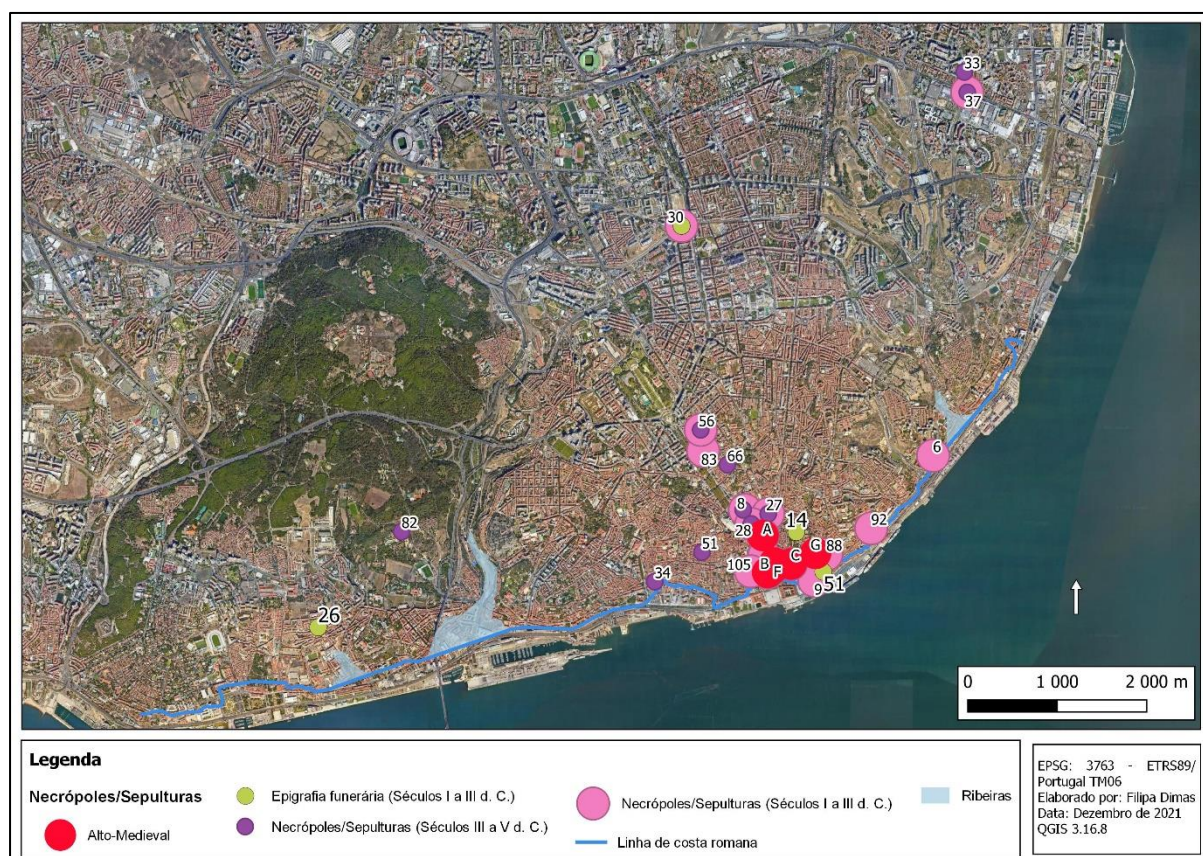
Perante o mapa, observa-se que em quatro casos de cronologia alto-medieval é partilhado o mesmo modelo de implantação sepulcral. Observando-se assim uma tendência de sepultamentos alto-medievais em locais onde anteriormente funcionava a indústria de salga na cidade, como no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (B), na Rua da Prata (E), na Rua dos Douradores/ São Nicolau (D) e em Corpus Christi (F). Os enterramentos da Praça da Figueira localizam-se no espaço da anterior Necrópole Noroeste de Olisipo, junto à via Noroeste da cidade (assunto que será abordado com maior detalhe no ponto 1.3.2). Registrando-se no lado oriental da cidade uma sepultura que reutilizava uma antiga estrutura termal.

Analisando os sítios identificados nos quarteirões da Baixa, a localização das unidades de preparados piscícolas reflete um ajuntamento de vestígios no *suburbia ocidental* da cidade. Em Época Romana esta zona era composta por praias estuarinas, sendo mencionado por alguns investigadores, como possível zona de acostagem para pequenas embarcações de auxílio à indústria da salga. Sendo também mencionada, na Idade Média, a navegabilidade desta zona em período Medieval (Castilho, 1935, p. 281; Bugalhão, 2001, p. 58-59; Costa et al., 2018, p. 271). Os dados arqueológicos apontam para o abandono destas estruturas industriais entre os séculos V e VI (Fabião, 2009; 2021, p. 20; Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 221-222). Coincidindo com o fim do funcionamento dos sítios registados no mapa. É nestes contextos de abandono, que surgem alguns sepultamentos, posicionados em locais que se implantavam fora da cidade romana e alto-medieval (Bugalhão, 2001, p. 161; Sepúlveda et al., 2003, p. 406; Casimiro e Silva, 2013, p. 862). Após o abandono destes tanques, o seu interior foi reaproveitado como espaço de inumação, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001) e na Rua da Prata (Casimiro et al., 2021a). Segundo Casimiro, o carácter periférico desta zona conjugado com o fim do funcionamento das cetárias, como ocorre na Rua de São Nicolau e em Corpus Christi, pode ter conduzido a instalação de um espaço funerário que englobaria também a Rua da Prata, entre os séculos V a VI/VII d. C. (Casimiro et al., 2021a, 2021c; Oliveira et al. 2021).

A estas evidências soma-se um sepultamento alto-medieval identificado na Rua da Adiça e no interior do espaço urbano (Felipe et al., 2017, p. 249). Com a queda do Império Romano e o progressivo crescimento do Cristianismo, começa-se a verificar enterramentos intramuros, por vezes relacionados com *tumulatio ad sanctos*. Não obstante, tal não se parece aplicar ao enterramento da Rua da Adiça, parece mais correto associar este enterramento à apropriação de um antigo espaço público romano (Vaquerizo, Gil, 2011, p. 200; Felipe et al., 2017, p. 249) que poderia estar já em abandono integral ou parcial, neste caso, estruturas termais.

Já no caso das sepulturas do Palácio dos Condes de Penafiel não parece haver qualquer relação entre elas, visto serem de horizontes cronológicos distintos (a primeira do século I d. C. e a segunda do século IV-V d. C.) (Silva, 2021b).

4.3.2. Relação com a topografia funerária romana



Mapa 9: Mapa geral da distribuição de necrópoles e/ ou sepulturas romanas, tardo-romanas e alto-medievais no concelho de Lisboa. **Necrópoles Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Necrópoles dos séculos I a III d. C.:** 6 – Calçada da Cruz da Pedra; 7 – Calçada do Garcia; 8 – Calçada do Lavra, n.º 2 a 10; 9 – Campo das Cebolas, 11-23; 27 – Encosta de Sant’Ana; 30 – Entrecampos; 38 – Largo de São Domingos; 44 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; 50 – Palácio dos Condes de

Penafiel; 58 – Praça da Figueira; 83 – Rua de Santa Marta n.º 32 e 34; Rua de Santa Marta n.º 30; 88 – Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardoso; 92 – Rua do Paraíso; 98 – Rua dos Correeiros, Sond. 34; 105 – Rua Nova do Almada, n.º 63 a 73/ Calçada Nova de S. Francisco. **Epigrafia funerária dos séculos I a III d. C.:** 14 a 19 – Castelo de S. Jorge; 26 – Convento da Boa Hora; 28-29 – Entrecampos; 39 – Largo do Contador-Mor, 17-22; 51 a 53 – Pátio da Senhora da Murça/ Rua de São João da Praça; 55 – Porta do Ferro – Cerca Velha; 63 a 66 – Praça da Figueira; 73 – Rua da Madalena; 81 – Rua de S. João da Praça, 18/ Pátio da Senhora da Murça. **Necrópoles dos séculos III a V d. C.:** 17 – Encosta de Sant’Ana/ Torre do Jogo da Pela (Martim Moniz); 18 – Entrecampos; 22 – Fundação Ricardo Espírito Santo; 28 – Largo de São Domingos; 33 – Olivais Sul; 34 – Palácio Conde Barão de Alvito – Largo Conde Barão, n.º 43 a 47; 36 – Palácio dos Condes de Penafiel; 37 – Poço de Cortes; 41 – Praça da Figueira; 51 – Rua da Rosa n.º 51/57 e Rua Luz Soriano n.º 44/52; 56 – Rua de Santa Marta n.º 30; 66 – Rua do Passadiço, n.º 26 a 30; 80 – Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90; 82 – Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca.

Observando o mapa, é visível a distribuição e dispersão dos vestígios em análise quando comparada com o cenário alto-medieval. Assinalando-se uma concentração de sítios no centro histórico, cuja possível explicação poderá estar relacionada com a ausência de intervenções arqueológicas.

No lado oriental da cidade destaca-se a presença de uma possível necrópole rural de cronologia tardo-romana composta por duas ocorrências, o Poço de Cortes²⁶ e Olivais Sul²⁷ (Silva, 1944b; Cardoso, 2019).

A Norte, na zona de Entrecampos regista-se a presença de inscrições funerárias entre os séculos I e III d. C., sendo que recentemente foram identificadas sepulturas romanas de inumação e de cremação (Informação oral de Sílvia Casimiro) (nº 29) que podem estar correlacionadas com os vestígios epigráficos anteriormente reconhecidos (Campos, 1904; Silva, 1944a).

Junto ao Vale de Santo António, foi identificado um sítio de cronologia romano imperial que fará parte da necrópole oriental da cidade²⁸, na Calçada da Cruz da Pedra (Castilho, 1935, p. 117). Em direção ao centro histórico, onde se situam a maioria das ocorrências funerárias, localiza-se os vestígios do Campo de Santa Clara/ Rua do Paraíso, onde foram identificados contextos funerários de cronologia imperial e que deveriam corresponder à necrópole sudeste da cidade romana (Silva, 2021b; Vieira et al. 2021).

A ocidente é também pontuado por alguns vestígios dispersos, nomeadamente os que se situam junto ao Rio Seco, onde se documentou a presença de epígrafes funerárias do século

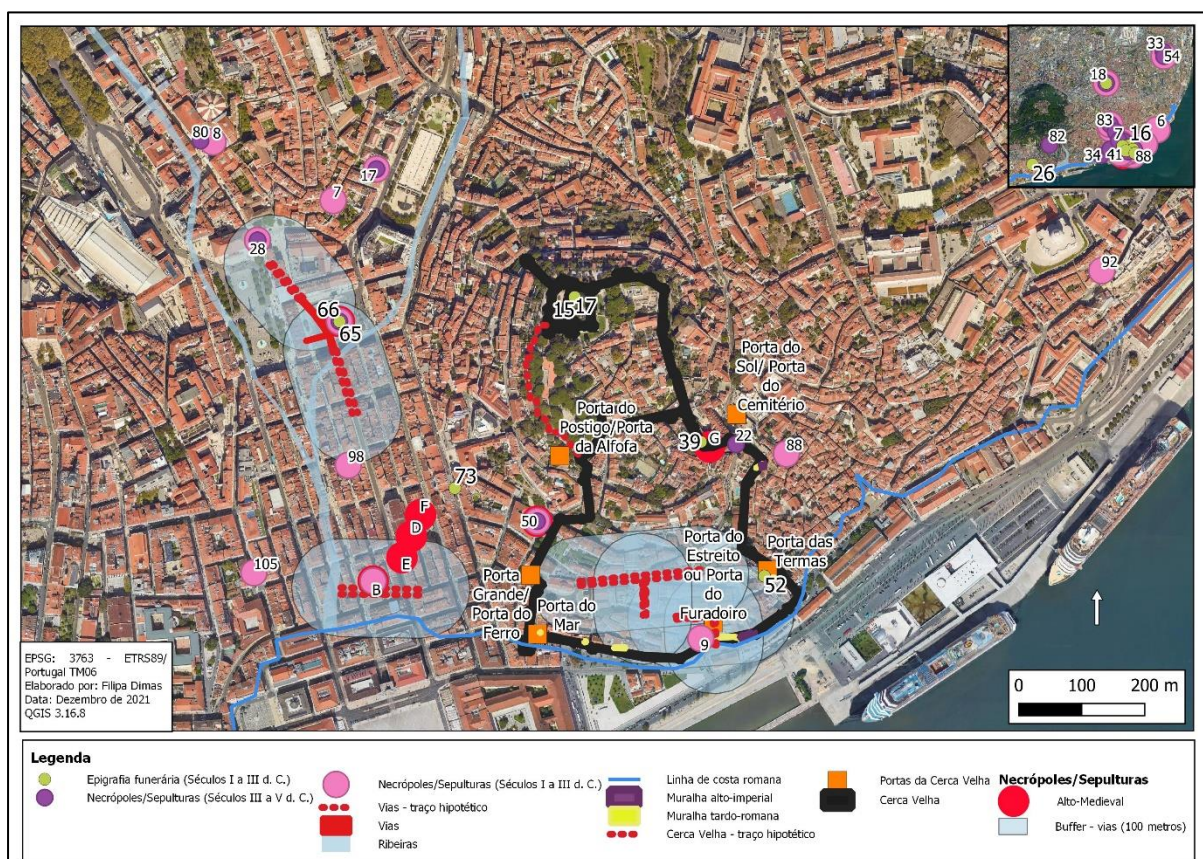
²⁶ Lisboa Romana – Poço de Cortes - <https://lisboaromana.pt/imovel/necropole-rural-poco-de-cortes#search>

²⁷ Lisboa Romana – Olivais Sul - <https://lisboaromana.pt/imovel/sepultura-olivais-sul#search>

²⁸ Lisboa Romana – Calçada da Cruz da Pedra - <https://lisboaromana.pt/imovel/necropole-oriental-de-felicitas-iulia-olisipo-calcada-da-cruz-da-pedra#search>

I d. C. no Convento da Boa-Hora²⁹ e na Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca, que parece corresponder a uma necrópole de cariz rural datada dos séculos III-IV d. C. (Silva, 1944a, p. 233; Loja et al., 2018).

Por fim, em direção ao espaço muralhado, mas ainda extramuros observa-se a existência de sepultamentos dispersos, de cronologia tardo-romanos, sem que tenham associação espacial a espaço funerários romanos reconhecidos. São os casos dos contextos identificados no Largo do Conde Barão³⁰ e na Rua da Rosa³¹.



Mapa 10: Relação das necrópoles alto-medievais com as vias e as necrópoles romanas e tardo-romanas. Necrópoles Alto-Medievais: A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça; **Necrópoles dos séculos I a III d. C.:** 6 – Calçada da Cruz da Pedra; 7 – Calçada do Garcia; 8 – Calçada do Lavra, n.º 2 a 10; 9 – Campo das Cebolas, 11-23; 27 – Encosta de Sant’Ana; 30 – Entrecampos; 38 – Largo de São Domingos; 44 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; 50 – Palácio dos Condes de Penafiel; 58 – Praça da Figueira; 83 – Rua de Santa Marta n.º 32 e 34; Rua de Santa Marta n.º 30; 88 – Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardosa; 92 – Rua do Paraíso; 98 – Rua dos Correiros, Sond. 34; 105 – Rua Nova do Almada, n.º 63 a 73/ Calçada Nova de S. Francisco. **Epigrafia funerária dos séculos I**

²⁹ Lisboa Romana – Epitáfio de Caius Sempronius Pacatus - <https://lisboaromana.pt/epigrafe/epitafio-de-caius-sempronius-pacatus#search>

³⁰ Lisboa Romana – Várias construções e sepulturas (Largo Conde Barão, 43-47) - <https://lisboaromana.pt/imovel/varias-construcoes-e-sepulturas-largo-conde-barao-43-47#search>

³¹ Lisboa Romana – Necrópole (Rua da Rosa, 51-57) - <https://lisboaromana.pt/imovel/necropole-rua-da-rosa-51-57#search>

a III d. C.: 14 a 19 – Castelo de S. Jorge; 26 – Convento da Boa Hora; 28-29 – Entrecampos; 39 – Largo do Contador-Mor, 17-22; 51 a 53 – Pátio da Senhora da Murça/ Rua de São João da Praça; 55 – Porta do Ferro – Cerca Velha; 63 a 66 – Praça da Figueira; 73 – Rua da Madalena; 81 – Rua de S. João da Praça, 18/ Pátio da Senhora da Murça. **Necrópoles dos séculos III a V d. C.:** 17 – Encosta de Sant’Ana/ Torre do Jogo da Pela (Martim Moniz); 18 – Entrecampos; 22 – Fundação Ricardo Espírito Santo; 28 – Largo de São Domingos; 33 – Olivais Sul; 34 – Palácio Conde Barão de Alvito – Largo Conde Barão, n.º 43 a 47; 36 – Palácio dos Condes de Penafiel; 37 – Poço de Cortes; 41 – Praça da Figueira; 51 – Rua da Rosa n.º 51/57 e Rua Luz Soriano n.º 44/52; 56 – Rua de Santa Marta n.º 30; 66 – Rua do Passadiço, n.º 26 a 30; 80 – Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90; 82 – Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca.

Para entender melhor a correlação dos vestígios funerários com as vias arqueológicas reconhecidas aplicou-se um *buffer* de 100 metros em redor das vias (Mapa 10). Tal análise parte do pressuposto de que era norma na sociedade romana os enterramentos situarem-se fora do espaço da cidade, normalmente junto às vias de acesso às portas. Segundo Vaquerizo Gil as vias secundárias também agregariam espaços funerários (2007, p. 137 - 138). Até ao momento foram identificadas quatro vias, duas na Praça da Figueira, a via noroeste e a via este-oeste, uma via secundária no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e a via norte-sul identificada no Claustro da Sé. A estas acresce um arruamento localizado nos antigos armazéns *Sommer*.

A via Norte identificada na Praça da Figueira corresponde a um dos troços da via *Olisipo-Scallabis*, datando de finais do governo de Cláudio ou já do Imperador Nero, tendo sofrido uma última reforma entre finais dos séculos IV d.C. e inícios do século V d. C. (Silva, 2018a, p. 79-80; 84). No principado de Cláudio é construída a via secundária este-oeste, que terá sido abandonada entre o século II d. C. e IV d. C. (Silva, 2018a, p. 82-83). Verificando-se um conjunto de sítios em se redor, como a Praça da Figueira (A), Calçada do Lavra, n.º 84 a 90 (5), Encosta de Sant’Ana (28), Largo de São Domingos (29) e a Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90 (80), que constituiriam a Necrópole Noroeste de Olisipo (Silva, 1997, p. 55; 2011, p. 205; Cabaço et al., 2017, p. 1244; Rebelo & Peça, 2021, p. 256). Todavia, já não tem qualquer significado a relação com os sepultamentos alto-medievais identificados na Praça da Figueira, visto a cronologia de abandono da via, ser coetânea destes enterramentos (Casimiro et al., 2016; Silva, 2021a). A identificação de uma inscrição atribuível ao período compreendido entre o século V e meados do VI d. C., poderá relacionar-se, com a presença de uma necrópole cristã nas proximidades, que estaria associada a um *martirium* ou *ad sanctos* (Silva, 2021a).

No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foi identificada uma via secundária, situada a Sudoeste, com a direção Oeste-Este, surgindo em meados do século I d. C., fazendo a ligação com o espaço periférico e agrícola posteriormente à necrópole romana dos séculos I

a. C. a meados do I d. C., identificada no local (Bugalhão, 2001, p. 57-59; Bugalhão et al., 2013, p. 272; Bugalhão, 2017, p. 121-122). Uma das propostas para o seu abandono da via, como espaço romano, é na primeira metade do século VI (Bugalhão, 2017, p. 121-122). É possível que seja esta via que tenha agregado a concentração de sepulturas identificadas no NARC (B), na Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau (E), na Rua da Prata, n.º 88 a 114 (F) e em Corpus Christi (G).

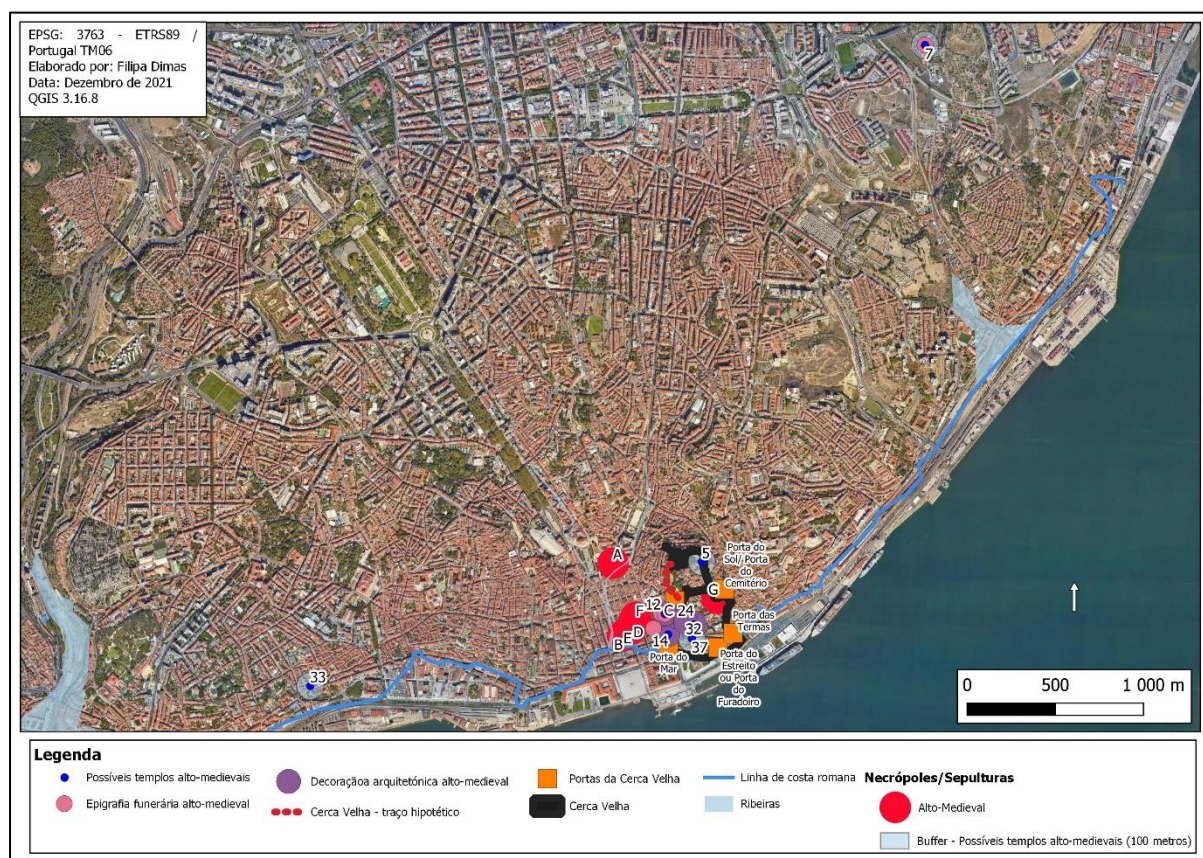
A via norte-sul, identificada nos Claustros da Sé, é uma via secundária datada do século I, orientada NE/SW até cerca do século IV, momento em que perde a sua funcionalidade e o espaço é privatizado, não se regista qualquer ligação com evidências funerárias (Matos, 1994; Amaro, 1995, p. 339; p. 34; Silva, 1999, p. 47- 48; Bugalhão, 2017, p. 121; Gaspar & Gomes, 2021, p. 105).

O arruamento identificado nos Armazéns Sommer, segue a orientação norte-sul da muralha tardo-romana, terminando na face interna da muralha junto à Porta do Estreito ou do Furadoiro (Ribeiro et al., 2017, p. 236), mas não foi detetada qualquer ocorrência funerária romana ou alto-medieval a ele associada.

A presença de sepultamentos localizados de forma dispersa ou que, pelo menos, não foi possível estabelecer qualquer relação com outros contextos mortuários de romanos e tardo-romanos, como no Palácio do Conde Barão, na Rua da Rosa, e na Rua do Passadiço, como o caso das necrópoles rurais, na Tapada da Ajuda, no Poço de Cortes e Olivais Sul, também não demonstram qualquer ligação espacial nem continuidade com os vestígios alto-medievais. Excetuando a proximidade entre o enterramento tardo-romano identificado na Fundação Ricardo Espírito Santo com a inumação identificada na Rua da Adiça (Dimas & Casimiro, 2021a; 2021b).

Considerando os casos citados, não parece existir um padrão de localização espacial semelhante ou contínuo entre as necrópoles romanas até às alto-medievais, que poderá ser fruto da ausência de intervenções arqueológicas.

4.3.3. Comparação com a decoração arquitetónica alto-medieval, possíveis templos e necrópoles



Mapa 11: Vista geral da distribuição dos possíveis templos e alto-medievais e a sua relação com os espaços funerários do mesmo período. **Necrópoles alto-medievais** (A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça); **Epigrafia alto-medieval funerária:** 6 a 7 – Chelas; 12 – Jardim do Palácio Penafiel; 13 – Largo da Madalena; 28 – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel. **Possíveis templos alto-medievais:** 5 – Castelo de São Jorge; 15 – Largo de Santo António; 16 – Mosteiro de Chelas, 29 – Rua de São Mamede (frente ao antigo Palácio de Penafiel; 33 – Rua de Santos-o-Velho; 37 – Sé; 39 – Teatro Romano. **Decoração arquitetónica alto-medieval:** 14 – Largo de Santo António; 24 – Rua da Saudade, n.º 18 a 20; 26 e 27 – Rua de São Mamede, frente ao antigo Palácio de Penafiel; 30 – Rua de São Mamede, n.º 3-A; 31 e 32 – Rua de São Mamede, n.º 9.

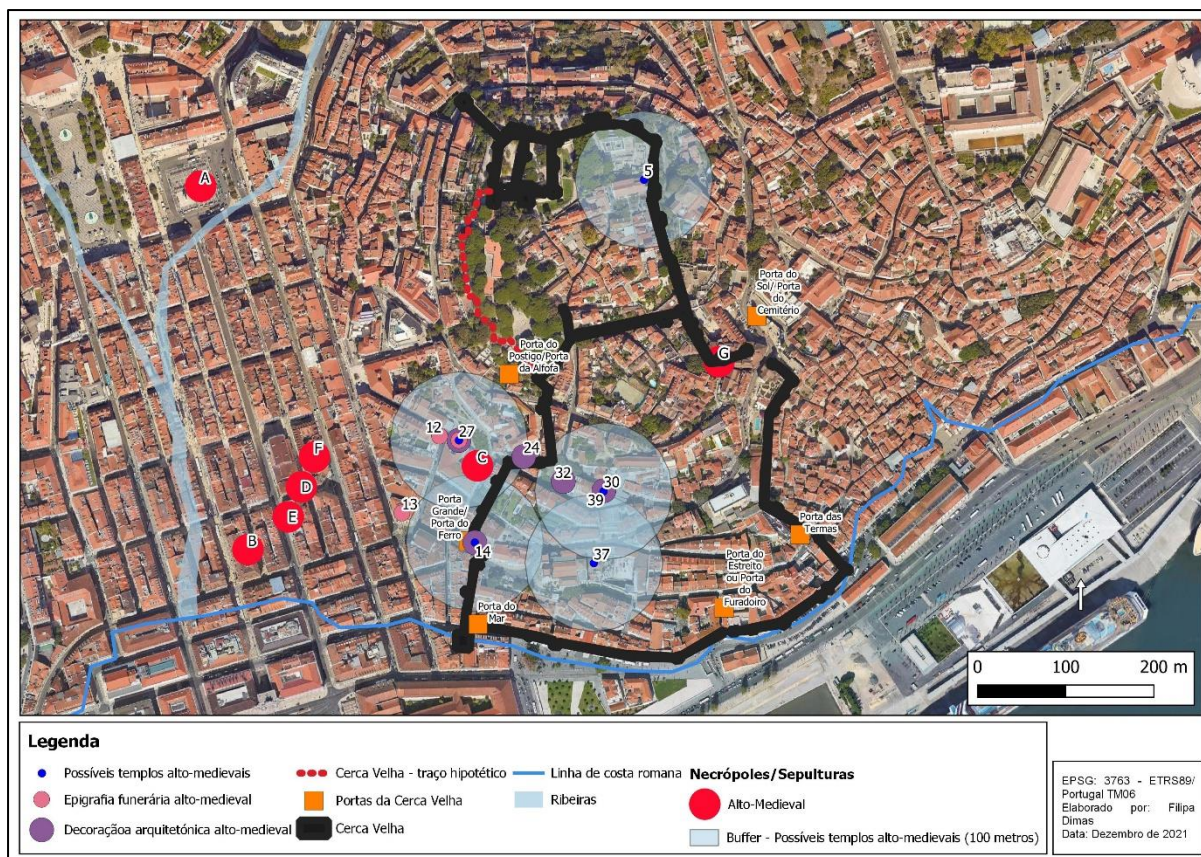
Tal como o ponto 4.3.2., optou-se por apresentar um primeiro mapa com o panorama geral dos vestígios em análise. Aplicando-se um *buffer* de 100 metros à camada dos templos. Dentro do conjunto, observam-se dois sítios na periferia.

O primeiro caso está relacionado com a deposição das relíquias dos mártires Máximo, Veríssimo e Júlia, cuja perseguição data do século IV. A fundação do mosteiro de Santos (o-Velho) estaria assim associada a estes mártires cujas análises de radiocarbono apontaram para uma cronologia inserida entre meados do século V e o final do século VI (Antunes & Cunha, 1991, p. 29; Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 229). A problemática relacionada com os vestígios osteológicos identificados no Mosteiro de Santos-o-Novo, já foi referida no capítulo

I.4. 2. Segundo Paulo Almeida Fernandes e Mário Gouveia poderá indicar um novo vigor deste culto a partir do século VI (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 229; Gouveia, 2007, p. 398).

Em Chelas, estariam depositadas as relíquias de São Félix, onde foram identificadas inscrições funerárias que se inserem entre os séculos VI-VII (Barroca, 2000c, p. 31; Dias & Gaspar, 2006, p. 235-138; Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 229-231). Apesar de um possível contexto religioso associado a estes mártires não existem dados que apontem para a existência de um espaço sepulcral nem em Santos nem em Chelas. Todavia, esta constatação pode estar correlacionada com a limitação dos trabalhos arqueológicos aqui efetuados que eventualmente não tenham ainda identificados os vestígios funerários que estariam certamente relacionados com estes espaços religiosos como era tradição nesta cronologia (Mapa 11).

No mapa 12 é possível observar em maior detalhe a presença dos vestígios funerários situados no exterior e interior da cidade. Para compreender se existe alguma relação entre os enterramentos alto-medievais com possíveis templos, decoração arquitetónica e epigrafia do mesmo período, procurou-se aplicar um *buffer* de 100 metros. a locais que foram considerados como possíveis templos alto-medievais, nos quais não se registou qualquer proximidade a sepulturas da Alta Idade Média. Apesar de não existirem os templos, e de grande parte dos elementos de decoração arquitetónica se encontrarem descontextualizados e reaproveitados em construções posteriores, alguns vestígios parecem corresponder a peças que incorporariam antigos “edifícios de prestígio” (Fernandes, 2014, p. 227; 239; Fernandes, 2021b, p. 226) (Mapa 12).



Mapa 12: Necrópoles alto-medievais (A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel, D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça). **Epigrafia alto-medieval funerária:** 6 a 7 – Chelas; 12 – Jardim do Palácio Penafiel; 13 – Largo da Madalena; 28 – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel. **Possíveis templos alto-medievais** (5 – Castelo de São Jorge; 15 – Largo de Santo António; 16 – Mosteiro de Chelas, 29 – Rua de São Mamede (frente ao antigo Palácio de Penafiel); 33 – Rua de Santos-o-Velho; 37 – Sé; 39 – Teatro Romano. **Decoração arquitetónica alto-medieval:** 14 – Largo de Santo António; 24 – Rua da Saudade, n.º 18 a 20; 26 e 27 – Rua de São Mamede, frente ao antigo Palácio de Penafiel; 30 – Rua de São Mamede, n.º 3-A; 31 e 32 – Rua de São Mamede, n.º 9.

Na sua generalidade, denota-se uma incidência significativa na zona baixa da cidade, entre o Teatro Romano, a Sé, a Porta do Ferro e o Palácio dos Condes de Penafiel.

A zona correspondente à antiga igreja de S. Mamede e ao teatro romano, engloba a maior parte dos vestígios associados à Alta Idade Média. O templo que se localizaria sob o templo “moçárabe” e a igreja paroquial, situava-se extramuros. Em seu redor foram identificados um conjunto de elementos tais como: como uma sepultura situada entre os séculos IV-V d. C. (Silva, 2021d); impostas datadas entre os séculos V e IX; inscrições funerárias alto-medievais, uma destinada a *Tessodis*, com origem grega e outra com a fórmula epigráfica olisiponense *depositio*, ambas datadas do século VI; e algumas inscrições tardo-romanas datadas entre os séculos III e IV d. C., relacionadas com as termas dos Cássios (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 226; 235).

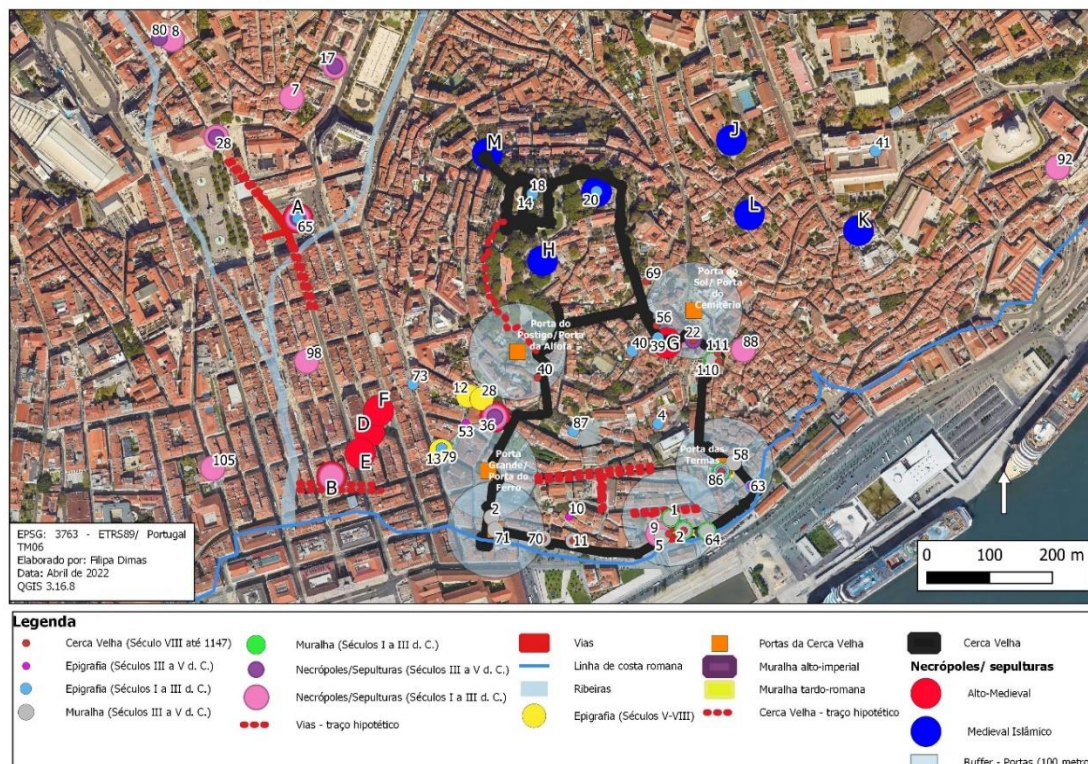
Com o abandono do Teatro Romano entre os séculos V-VI, e a instalação de uma estrutura habitacional no *uoimitorium* do teatro, o possível templo situar-se-á posteriormente a este espaço, com continuidade até ao domínio islâmico. Algo indiciado pela presença de uma imposta, situada cronologicamente entre os séculos VI a IX na Rua da Saudade n.º 18-20. Os vestígios que sustentam a proposta de localização de um templo alto-medieval são a presença de elementos arquitetónicos na Rua de São Mamede n.º 9 e de uma lucerna. O primeiro teria paralelos com elementos de Mérida datados do século VI e o segundo também parece datar dessa centúria (Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 226-228; Fernandes & Fernandes, 2014, p. 229-230). Ainda em torno do Museu do Teatro Romano (Rua de São Mamede n.º 3-A) foi identificada uma imposta, inserida cronologicamente entre os séculos IV-V (Fernandes & Fernandes, 2014, p. 227-228). Apesar destes vestígios correlacionáveis com um templo não foram, até ao momento, registados quaisquer vestígios funerários (Mapa 12).

Perto da Cerca, junto ao Largo de Santo António, foi identificado um friso que poderá pertencer a um possível templo cristão que se localizaria no interior da cidade e próximo da Porta do Ferro (Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 232-233). Correlacionáveis com esse eventual templo poderão estar as epígrafes situadas no horizonte cronológico do século I d. C. até ao século V d. C. (Mapa 12).

Por fim, na zona do Castelo, através de informação de Manuel Luís Real, que se apoiou na informação oral cedida gentilmente pelas arqueólogas, é mencionada uma cancela ou capital com decoração visigótica que foi incorporado na Cerca Velha (Real, 1998). É, igualmente, referido por Amílcar Guerra (2006) uma inscrição funerária dedicada a *Basilius*, onde não foi possível ler a data. O autor aponta para uma possível utilização do termo *depositio*, típico da epigrafia paleocristã e a utilização do *episemon*, também presente em inscrições epigráficas em *Chelas* do século VI-VII (Guerra, 2006, pp. 290; Fernandes & Fernandes, 2021b, p. 228; Real, 2000, p. 52).

Os dados disponíveis atualmente não apontam para que estes espaços alto-medievais possam vir na continuidade de espaços funerários ou religiosos romanos.

4.3.4. Relação com as Portas da Cerca Velha e troços de muralha (Séculos I até 1147)



Mapa 13: Relação das necrópoles alto-medievais e islâmicas com as Portas da Cerca Velha. **Necrópoles Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel (n.º 49), D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça.; **Medievais islâmicas:**, H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n.º 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II;). **Necrópoles dos séculos I a III d. C.:** 6 – Calçada da Cruz da Pedra; 7 – Calçada do Garcia; 8 – Calçada do Lavra, n.º 2 a 10; 9 – Campo das Cebolas, 11-23; 27 – Encosta de Sant’Ana; 30 – Entrecampos; 38 – Largo de São Domingos; 44 – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros; 50 – Palácio dos Condes de Penafiel; 58 – Praça da Figueira; 83 – Rua de Santa Marta n.º 32 e 34; Rua de Santa Marta n.º 30; 88 – Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardoso; 92 – Rua do Paraíso; 98 – Rua dos Correiros, Sond. 34; 105 – Rua Nova do Almada, n.º 63 a 73/ Calçada Nova de S. Francisco. **Necrópoles dos séculos III a V d. C.:** 17 – Encosta de Sant’Ana/ Torre do Jogo da Pela (Martim Moniz); 18 – Entrecampos; 22 – Fundação Ricardo Espírito Santo; 28 – Largo de São Domingos; 33 – Olivais Sul; 34 – Palácio Conde Barão de Alvim – Largo Conde Barão, n.º 43 a 47; 36 – Palácio dos Condes de Penafiel; 37 – Poço de Cortes; 41 – Praça da Figueira; 51 – Rua da Rosa n.º 51/57 e Rua Luz Soriano n.º 44/52; 56 – Rua de Santa Marta n.º 30; 66 – Rua do Passadiço, n.º 26 a 30; 80 – Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90; 82 – Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca. **Epigrafia (séculos I a III d. C.):** 4 – Beco do Bugio; 13 a 19 – Castelo de São Jorge; 20 – Castelo de São Jorge – Praça Nova; 26 – Convento da Boa Hora; 28-29 – Entrecampos; 34 – Largo da Madalena, 1-6 (fachada da Travessa do Almada); 39 – Largo do Contador-Mor, 17-22; 40 – Largo do Contador-Mor, 3-4; 41 e 42 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 47 – Convento de Xabregas; 51 a 53 – Pátio da Senhora da Murça/ Rua de São João da Praça; 81 – Pátio da Senhora da Murça/ Rua de São João da Praça, 18; 55 a 56 – Porta do Ferro – Cerca Velha; 63 a 66 – Praça da Figueira; 73 – Rua da Madalena; 79 – Rua das Pedras Negras 26; 87 – Rua de São Mamede, 2-8/ Rua da Saudade 13; 90 – Rua do Cais de Santarém/ Chafariz d’El Rei; 109 – Telheiras. **Epigrafia (séculos III d. C. a V d. C.):** 10 – Casa dos Bicos/ Rua dos Bacalhoeiros; 52 e 53 – Rua das Pedras Negras; 63 – Rua do Cais de Santarém/ Chafariz d’El Rei. **Epigrafia alto-medieval funerária:** 6 a 7 – Chelas; 12 – Jardim do Palácio Penafiel; 13 – Largo da Madalena; 28 – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel. **Muralha (Séculos I a III d. C.):** 1 – Arco de Jesus; 2 – Armazéns Sommer; 68 – Rua Norberto de Araújo, 21-29; 80 – Rua de S. João da Praça/ Pátio da Senhora da Murça; 91 – Rua do Cais de Santarém, 40-66/ Eurostars Hotel. **Muralha (séculos III a V d. C.):** 1 – Arco de Jesus; 2 – Arco Escuro; 3 – Armazéns Sommer; 5 – Campo das Cebolas, 1-12A; 8 – Casa Dos Bicos; 54 e 60 – Rua de S. João da Praça/ Pátio da Senhora da Murça; 58 – Rua de S. João da Praça; 64 – Rua do Cais de Santarém, 40-66/ Eurostars Hotel; 71

– Rua dos Bacalhoeiros/ Arco das Portas do Mar; 81– Rua Norberto de Araújo, 21-29. **Muralha (séculos VIII até 1147):** 2– Armazéns Sommer; 10– Campo das Cebolas, 1-12º/Arco de Jesus, 1-5; 11 – Casa Dos Bicos; 40 – Escadinhas de São Crispim n.º 26; 44 – Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva; 56 – Largo do Contador-Mor, 17.-22; 66 – Palácio do Marquês de Angeja; 69 – Pátio de Dom Fradique; 86 – Rua de S. João da Praça/ Pátio da Senhora da Murça; 103 – Rua dos Bacalhoeiros, 16-16D; 110 e 111– Rua Norberto de Araújo, 21-29.

Considerando a localização das Portas da Cerca Velha propostas por Augusto Vieira da Silva (1987a), António Rei (2001) e Mota e colegas (2018), foram criados *buffers* associados às portas da Cerca Velha para averiguar a relação espacial com os espaços funerários. Das seis portas apenas irão ser referidas aquelas que apresentem vestígios funerários nas proximidades. Efetivamente no caso das Portas do Mar e Porta do Estreito não se regista nenhuma ligação.

A Porta do Cemitério ou Porta do Sol, era uma porta oriental, que abria para os cemitérios islâmicos da cidade, que se situavam na encosta da Graça e na de S. Vicente de Fora, estas ter-se-iam sobreposto pelo menos parcialmente às necrópoles paleocristãs (Torres, 1995, p. 431; Sidarius & Rei, 2001, p. 71; Rei, 2001). Como expectável regista-se na sua proximidade um conjunto de vestígios funerários tais como a presença de inscrições funerárias romano-imperiais, reutilizadas na Cerca na Porta (Silva, 1944a, p. 187). Nas imediações deste espaço é referido por alguns investigadores que a origem das inscrições poderia estar relacionada com estruturas funerárias associadas a uma via que se iniciaria nesta Porta (Guerra, 2006, p. 277)³². Contudo, também é apontado o Campo de Santa Clara como local de origem de algumas epígrafes (Silva, 1944a, p. 63-64; Guerra, 2006, p. 277). Os espaços funerários identificados nas proximidades consistem na sepultura de cremação do século II-III d. C. na Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardoso (Silva, 2021c); a sepultura de inumação identificada na Fundação Ricardo Espírito Santo do século III d. C. (Mota & Martins, 2021); e a inumação localizada no conjunto termal abandonado na Rua da Adiça (Filipe & Santos, 2021). Os cemitérios situados pela historiografia tradicional na encosta da Graça e S. Vicente de Fora podem corresponder aos núcleos da Calçadinha do Tijolo, do Palácio de Sequeira e do Largo de Santa Marinha, que compõem a necrópole oriental islâmica relativamente próxima do Mosteiro, no qual se apontou a existência de enterramentos da população cristã da cidade em período islâmico, que mais tarde foi adaptado como cemitério dos cruzados.

A Porta Grande ou Porta do Ferro, também designada como Porta Ocidental, localizava-se onde hoje se situa o Largo de Santo António da Sé, seria a maior porta e abria para ocidente (Rei, 2001). Tem nas suas proximidades, onde hoje é o Palácio dos Condes de Penafiel, os

³² Num trabalho recente, Silva (2021a) sublinha “... nas construções promovidas posteriormente aos finais do século III d. C., iremos encontrar os elementos arquitetónicos, escultóricos e as inscrições romanas dos séculos anteriores, deslocadas para aí dos seus lugares de origem por força das múltiplas e sucessivas mobilizações de pedraria.”

contextos funerários como a sepultura em ânfora de cronologia romano-imperial, os vestígios epigráficos romano-imperiais honoríficos identificados no Largo da Madalena e na Rua das Pedras Negras identificaram-se epígrafes tardo-romanas monumentais. Segundo Vieira da Silva (1944a), foram identificadas um conjunto significativo de inscrições embutidas na Porta e na muralha contígua, todavia, o seu paradeiro é desconhecido para muitos casos, não só pela destruição da estrutura no século XVIII e o transporte das inscrições para outros locais (Silva, 1944). Em termos de vestígios funerários alto-medievais há a registar nas suas proximidades a presença da sepultura tardo-romana ou alto-medieval e epígrafes identificadas no Palácio dos Condes de Penafiel e na Rua de São Mamede ao Caldas. A oeste da Porta localizar-se-iam os sepultamentos alto-medievais identificados nos quarteirões da Baixa Pombalina (Mapa 14).

A Porta da Alfofa (do Postigo), estava sobre “*um possível templo funerário paleo-cristão*”, que terá sido substituído pela ermida de S. Mamede, onde se localizaria um dos cemitérios “moçárabes” de Lisboa (Torres, 1995, p. 431). No relato do Cruzado é referido “*...como frente a nós tinham três portas, duas laterais (Porta da Alfofa e Porta do Ferro) e uma frente ao mar (Porta do Mar)*” (Nascimento, 2018, p. 107, 168). Junto a esta porta regista-se a sudoeste a presença de epígrafes funerárias alto-medievais, a presença de uma inscrição funerária romano-imperial identificada na Rua da Madalena e os sepultamentos alto-medievais nos quarteirões da Baixa. A Norte, na encosta do Castelo estariam as sepulturas medievais islâmicas identificadas no Castelo, mais concretamente na zona do Palácio das Cozinhas (Silva, 2017, p. 188-190; Lourinho & Silva, 2019, p. 181). Sendo também referida uma necrópole da população cristã da cidade junto à Porta da Alfofa, à qual poderão estar associados os enterramentos identificados no Palácio dos Condes de Penafiel ou da Rua de São Mamede ao Caldas (Amaro, 1998, p. 62)³³.

Sobre a Porta das Termas, no Pátio da Senhora da Murça/ Rua de São João da Praça, assinala-se a presença de inscrições funerárias romano-imperiais reutilizadas na muralha (Encarnação et al., 2015).

A relação das Portas e das Muralhas com as inscrições epigráficas está relacionada com a sua incorporação nas estruturas amuralhadas. Rodrigo Banha da Silva, caracteriza este acontecimento como “fenómeno de desmonumentalização da Necrópole Noroeste de Olisipo”,

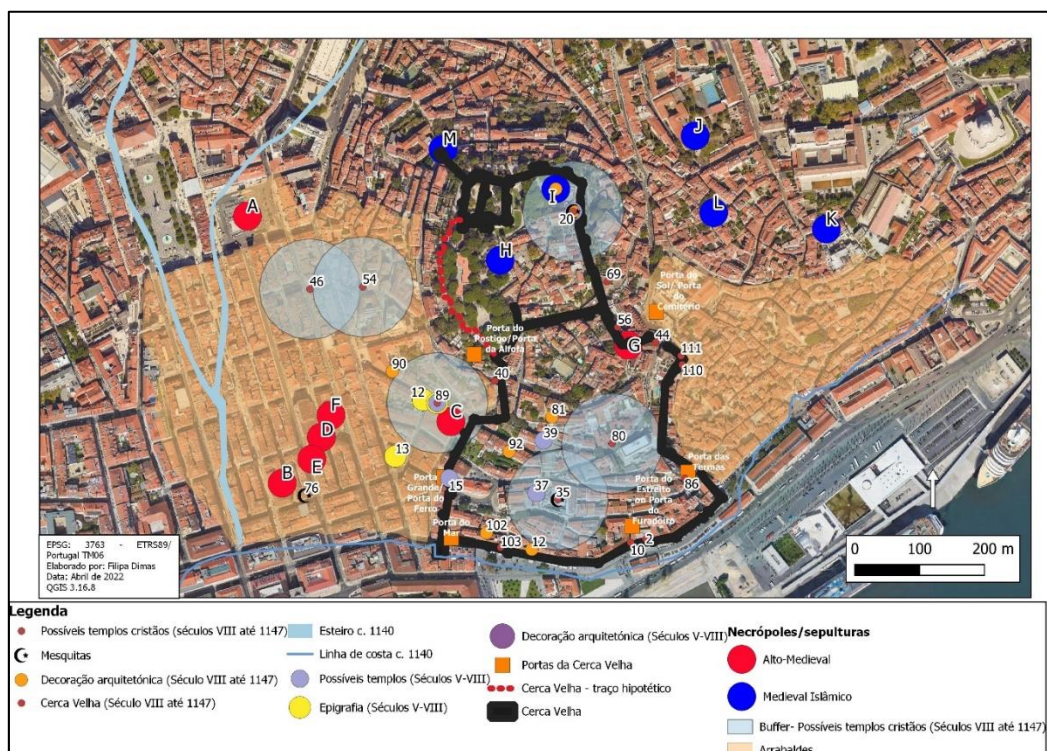
³³ Quanto aos campos mortuários, estruturados junto aos caminhos de saída, um almocavar muçulmano ficava nas encostas que vão hoje dar a S. Vicente de Fora, após sair-se a Medina pela Porta do Sol. Nas vertentes do morro da Graça existiram, até provavelmente ao século XV, dois campos mortuários, um muçulmano e outro judaico. Um dos cemitérios cristãos-moçárabes ficaria provavelmente junto à Porta da Alfofa, um a das saídas, a ocidente” (Amaro, 1998, p. 62).

para a construção da muralha tardo-romana (Silva, 2005, p. 56; 2021d). As restantes portas não apresentam qualquer ligação com vestígios funerários alto-medievais e islâmicos.

Os cemitérios islâmicos tinham por norma a localização extramuros, perto das muralhas, especialmente próximo das portas e das estradas que conduziam à cidade, partilhando este costume com a sociedade romana (Torres Balbás, 1970, p. 236; Marques, 1988, p. 34; Macias, 1992, p. 416). Existiam, todavia, exceções que possibilitavam a presença de enterramentos no interior da cidade islâmica tais como o *rawdā*, um jardim cemiterial que pertencia ao Alcazar régio ou, em situações de conflito e cerco, por impossibilidade de aceder aos espaços formais de enterramento extramuros (Torres Balbás, 1970, p. 236-237). Salientando neste caso, os enterramentos identificados na Praça Nova, interpretados por Manuel Fialho como pertencentes a um *rawdā* do século XI, que seria um espaço dedicado às elites locais. Terá surgido provavelmente no século XI, perto da mesquita (Silva, 2017, p. 188-191). Parecendo corresponder a um dos cenários mais objetivos para aquele espaço.

A análise permite também inferir que a implantação dos contextos funerários desde o século I d. C. até ao final do domínio islâmico, revela diferentes padrões de localização. Desde um maior registo de necrópole romanas e alto-medievais no lado ocidental extramuros e em maior número e dispersão os enterramentos dos séculos I a V d. C. Não obstante, as necrópoles islâmicas parecem implantar-se em pontos mais elevados, no cimo do castelo e no patamar superior do arrabalde oriental, sem qualquer ligação espacial com as anteriores.

4.3.5. Relação entre a possíveis templos alto-medievais, cristãos-moçárabes, com as mesquitas e as necrópoles alto-medievais e islâmicas



Mapa 14: Relação das necrópoles com os templos religiosos do período respetivo. **Necrópoles Alto-Medievais:** A – Praça da Figueira, B – Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, C – Palácio dos Condes de Penafiel (n.º 49), D – Rua dos Douradores, E – Rua da Prata, n.º 88 a 114, F – Corpus Christi, G – Rua da Adiça. **Necrópoles Medievais islâmicas:** H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J – Calçadinha do Tijolo n.º 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II;). **Epigrafia alto-medieval funerária:** 6 a 7 – Chelas; 12 – Jardim do Palácio Penafiel; 13 – Largo da Madalena; 28 – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel. **Possíveis templos alto-medievais** (5 – Castelo de São Jorge; 15 – Largo de Santo António; 16 – Mosteiro de Chelas, 29 – Rua de São Mamede (frente ao antigo Palácio de Penafiel); 33 – Rua de Santos-o-Velho; 37 – Sé; 39 – Teatro Romano. **Decoração arquitetónica alto-medieval:** 14 – Largo de Santo António; 24 – Rua da Saudade, n.º 18 a 20; 26 e 27 – Rua de São Mamede, frente ao antigo Palácio de Penafiel; 30 – Rua de São Mamede, n.º 3-A; 31 e 32 – Rua de São Mamede, n.º 9. **Decoração arquitetónica (Século VII até 1147):** 12 – Casa dos Bicos; 22 – Castelo de São Jorge - Largo de Santa Cruz do Castelo 15; 29 – Castelo de São Jorge - Praça Nova; 59 e 60 – Mosteiro de São Félix de Chelas; 81 – Rua da Saudade n.º 18-20; 90 – Rua de São Mamede n.º 29; 92 – Rua de São Mamede n.º 9; 102 – Rua dos Bacalhoeiros. **Possíveis templos cristãos (Século VII até 1147):** 21 – Castelo de São Jorge - Largo de Santa Cruz do Castelo 15; 35 – Claustro da Sé; 46 – Igreja de Santa Justa; 54 – Largo de São Cristóvão/ Rua da Achada; 61 – Mosteiro de São Félix de Chelas; 80 – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho; 88 – Rua de Santos-o-Velho; 89 – Rua de São Mamede (frente ao antigo Palácio de Penafiel). **Mesquitas:** 20 – Castelo de São Jorge – Largo de Santa Cruz do Castelo n.º 15, 36 – Claustro da Sé, 76 – Rua da Conceição, n.º 73-77.

No presente mapa procurou-se analisar a transformação ou a continuidade de edifícios de cariz religioso no período de transição entre a Alta Idade Média e o período Islâmico. Avaliou-se igualmente a possível coexistência ou sobreposição de templos moçárabes e mesquitas, e de que forma influenciou os espaços funerários da cidade. Para o efeito, foi novamente aplicado um *buffer* associado aos templos da população cristã da cidade. Da sua

aplicação verifica-se uma distribuição de evidências com maior incidência no espaço intramuros, mais concretamente na zona baixa da cidade e no arrabalde ocidental.

Para este mapa os elementos georreferenciados ainda não mencionados consistiram nos arrabaldes, o esteiro e a linha de costa, cerca de 1140 (Tabela II.13).

É indicado por um conjunto de investigadores, a existência de cinco comunidades cristãs-moçárabes na cidade durante o domínio islâmico, nomeadamente na zona da Igreja de Santa Cruz do Castelo, na Sé Catedral, na Igreja de Santa Maria de Alcamim (juntamente com a Igreja de Santa Justa e Rufina e a Igreja de São Mamede), no Mosteiro de Santos-o-Velho e o de São Félix e Chelas (Matos, 1999; 2001, p. 84; Fernandes, 2003, p. 1233; Real, 1998; 2000).

Para a zona do Castelo, além da possível existência de um templo alto-medieval, foi apontado a presença de um templo cristão, suportado pelo aparecimento peças que poderão estar relacionadas com este edifício, nomeadamente um lintel com uma inscrição cristã, datada de um momento posterior ao século VIII, e dois fragmentos de friso com semelhanças aos baixos-relevos de Chelas, que ostentam o tema da árvore da vida. Segundo Manuel Real, os fragmentos do Castelo seriam mais tardios, datando já do século X (1998, p. 50; 2000, p. 52 e 67). Estes elementos poderiam estar relacionados com uma construção ou reforma do edifício entre os séculos IX-X e meados do século XI. Com o início do período das taifas, o edifício terá sido substituído por uma mesquita, que estaria localizada sob o local onde hoje se situa a Igreja de Santa Cruz (Real, 2015, p. 37; Gaspar & Gomes, 2013, p. 396). Manuel Fialho discorda, afirmando “*Seria mais provável que tivesse existido um templo cristão, prévio à conquista muçulmana, que poderia ter sido islamizado e transformado em mesquita em determinada altura que não podemos precisar...*” (Silva, 2017, p. 64). Não se regista nenhuma evidência funerária ligada a qualquer destas estruturas no topo da colina.

Com algumas similitudes ao Castelo, a Sé localizava-se onde se pensa ter existido um templo alto-medieval a que estaria associada uma outra comunidade cristã-moçárabe. Tal hipótese deve-se à presença de vestígios como a “Placa do Paraíso”, que revela influência omíada, e que se insere no 3º quartel do século X. Se assim for a edificação da mesquita poderá ter ocorrido em finais do século XI e em 1147, momento em que a sede moçárabe já se encontrava na zona de Santa Maria de Alcamim (Real, 1995, p. 54; Real, 1998, p. 49; Matos, 1994, p. 32; 2015, p. 8). A Mesquita Maior localizar-se-ia sob a atual Sé, e poderia estar datada entre meados do século XI e meados do XII (Gaspar & Gomes, 2016, p. 121) ou mesmo desde

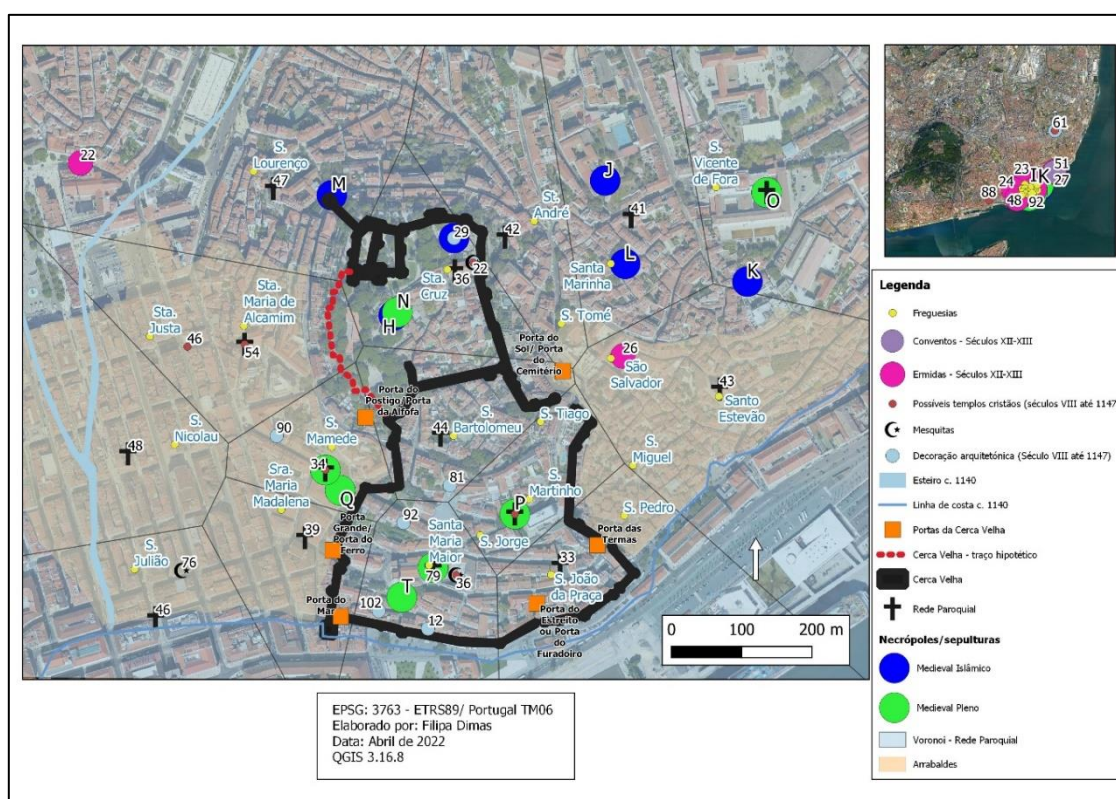
finais do século X (Lourinho & Silva, 2019, p. 182-183). Nas proximidades e dentro do horizonte cronológico entre os séculos IX-X, verificam-se outros vestígios alto-medievais, como o possível templo no teatro romano e outros vestígios arquitetónicos alto-medievais (referidos anteriormente junto à zona do teatro) e moçárabes (Rua de São Mamede n. 9 e Casa dos Bicos). Apesar da identificação de peças arquitetónicas alto-medieval junto à rua dos Bacalhoeiros nem Manuel Real, nem Paulo Almeida Fernandes apontam a hipótese de aqui ter existido um templo correlacionando-as, ao invés, como possivelmente pertencentes à Sé Catedral (Real, 1998, p. 49; Fernandes, 2005b, p. 271).

Outro núcleo seria constituído por três igrejas, a Igreja de Santa Justa e Rufina, a Igreja de S. Mamede e a Igreja de Santa Maria de Alcamim, atual Igreja de São Cristóvão (Matos, 2001, p. 85; 2015, p. 11; Matos, 1999, p. 10). Num momento anterior, localizar-se-ia ali um templo alto-medieval, com a qual estariam relacionados os vestígios da antiga igreja de São Mamede, (Ruas de São Mamede nº 9 e 29) datáveis entre os séculos IV e XI e IX-X e os da Rua da Saudade n.º 18-20, inseridos nos séculos VI-IX (Fernandes & Fernandes, 2014, p. 238-441). Matos refere que na igreja de Santa Justa e Rufina se situaria “(...) *uma das primeiras freguesias cristãs mencionadas em Lisboa após a Reconquista e localiza-se no porto fluvial que servia as antigas igrejas de Santa Maria de Alcamim e S. Mamede, localizadas na (en)Costa do Castelo ...* (2015, p. 11). Só a partir do século XII, com a fundação da Igreja paroquial é que se irão registar evidências funerárias no local, com os enterramentos localizados na Rua de São Mamede ao Caldas e no Palácio dos Condes de Penafiel.

Na periferia, no Mosteiro de São Félix e de Santo Adrião de Chelas foram identificados dois pilares e um friso, que seriam provenientes da antiga cabeceira do templo, e que apresentam uma decoração semelhante às decorações do mundo islâmico, mas que se insere no conjunto artístico cristão-moçárabe (Fernandes, 2003, p. 1233). No século IX são depositadas neste mosteiro as relíquias de Santo Adrião e de Santa Natália, contemporâneas dos pilares e frisos, que apresentam semelhanças a obras islâmicas e influência de tecidos bizantinos dos séculos IX-X. É possível que possam estar relacionados com uma campanha de renovação arquitetónica levada a cabo no mosteiro de Chelas no contexto da deposição das relíquias de Santo Adrião (Fernandes, 2007b, p. 73-74; Real, 1998, p. 49). O templo de Santos-o-Velho estaria relacionado com o culto aos mártires Veríssimo, Máximo e Júlia que deixaria de ter adeptos no século IX (Real, 1995, p. 54). A ambos os templos não se conhecem evidências funerárias associadas (Mapa 18).

Um outro núcleo moçárabe situar-se-ia possivelmente na Igreja de S. Martinho, referida como “...*pobre capela...da arquitetura árabe, muito simples e tosca...*” (Marques, 1994, p. 98; Real, 2000, p. 67), mas também neste caso não se associam diretamente vestígio funerários conhecidos.

4.3.6. Relação entre os templos cristãos-moçárabes, as mesquitas, a rede paroquial, as freguesias e os enterramentos islâmicos e cristãos



Mapa 15: Relação da rede paroquial com as mesquitas islâmicas. Relação das necrópoles com os templos religiosos do período respetivo.

Medievais islâmicas: H – Castelo de São Jorge – Palácio das Cozinhas, I – Castelo de São Jorge – Praça Nova, J - Calçadinha do Tijolo n. 37/43, K – Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena), L – Largo de Santa Marinha, M – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II **Necrópoles Medievais Cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé. **Decoração arquitetónica (Século VII até 1147):** 12 – Casa dos Bicos; 22 – Castelo de São Jorge - Largo de Santa Cruz do Castelo 15; 29 - Castelo de São Jorge - Praça Nova; 59 e 60 - Mosteiro de São Félix de Chelas; 81 – Rua da Saudade n.º 18-20; 90 – Rua de São Mamede n.º 29; 92 – Rua de São Mamede n.º 9; 102 – Rua dos Bacalhoeiros. **Possíveis templos cristãos (Século VII até 1147):** 21 - Castelo de São Jorge - Largo de Santa Cruz do Castelo 15; 35 – Claustro da Sé; 46 – Igreja de Santa Justa; 54 – Largo de São Cristóvão/ Rua da Achada; 61 - Mosteiro de São Félix de Chelas; 80- Rua da Saudade/ Largo de São Martinho; 88 – Rua de Santos-o-Velho; 89 – Rua de São Mamede (frente ao antigo Palácio de Penafiel). **Mesquitas:** 20 – Castelo de São Jorge – Largo de Santa Cruz do Castelo n.º 15, 36 – Claustro da Sé, 76 – Rua da Conceição, n.º 73-77. **Rede Paroquial:** 33 – Igreja de S. João da Praça; 34 – Igreja de S. Mamede; 35 – Igreja de S. Martinho; 36 – Igreja de Santa Cruz da Alcáçova; 37 – Igreja de Santa Justa; 38 – Igreja de Santa Maria dos Mártires, 39 – Igreja de Santa Maria da Madalena; 41 – Igreja de Santa Marinha do Outeiro; 42 – Igreja de Santiago; 43 – Igreja de Santo Estêvão de Alfama; 44 – Igreja de São Bartolomeu; 45 – Igreja de São Jorge; 46 – Igreja de São Julião; 47 – Igreja de São Lourenço da Mouraria; 48 – Igreja de São Nicolau; 49 – Igreja de São Salvador; 56 – Igreja de Santa Maria de Alcamim/

*Igreja de São Cristóvão; 62 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 69 – Igreja de São Martinho; 79 – Sé. **Ermidas – século XII:** 22 - Ermida de Nossa Senhora da Escada; 23 - Ermida de S. Gens - I- às Olarias; 24 - Ermida de Santa Catarina; 25 - Ermida do Acampamento dos Ingleses (Nossa Senhora dos Mártires); 26 - Ermida e Recolhimento de São Salvador da Mata; 27 - Ermida ou Igreja dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia; 51 - Igreja do Mosteiro dos Cavaleiros de Santiago, em Santos.*

No que concerne à relação da rede paroquial com as necrópoles e ou sepulturas medievais cristãs, procurou-se comparar a formação das paróquias com os templos cristãos e as mesquitas da cidade, através da utilização dos Polígonos de *Thiessen* ou Diagramas de *Voronoi*, com o fim de estabelecer a sua área de influência.

A formação da rede paroquial está associada a duas igrejas principais: Santa Maria dos Mártires e o São Vicente de Fora, ambas utilizadas como espaço de inumação dos cruzados ingleses (e normandos) e dos colónienses (e flamengos) respetivamente. Aqui se teriam fundado duas igrejas, uma a ocidente e outra a oriente (Nascimento, 2019, p. 109; Alves, 2020, p. 78).

As primeiras referências a Santa Maria dos Mártires, surgem ainda no final da primeira metade do século XII. A data ou referência mais antiga associada à fundação da Freguesia e da Igreja é 1147 (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006, p. 289; Silva, 2017, p. 75; Tabela II.13). Todavia, não se registou até ao momento nenhum vestígio arqueológico nesta área que pudesse remeter para este universo funerário. Porém, é possível que tal possa também estar relacionado com a ausência de intervenções arqueológicas ou pela destruição provocada pelo terramoto de 1755 (Silva, 2008a, p. 211). Não regista nada no seu interior do diagrama.

Na notícia da fundação o Mosteiro é referido que o mosteiro teria sido erguido em 1148 (Nascimento, 2018, p. 197; Silva, 1943, p. 11). Sendo associado o ano de 1147 como o ano de fundação da igreja, data avançada na Crónica dos Cónegos Regrantes (Vargas, 2002, p. 48; Silva, 2017, p. 75; Farelo, 2006, p. 289; Tabela II.12). Em termos arqueológicos, neste espaço foram registados espaços de armazenamento, inseridos entre os séculos X-XII, um espaço de inumações da população cristã da cidade, no século XII, e a partir de 1147, seria adaptado como cemitério dos cruzados (Ferreira 1994, p. 58-59; Cunha & Ferreira, 1998, p. 71-72). No interior do seu espaço de influência, localiza-se a necrópole islâmica identificada no Largo do Sequeira.

No interior da cidade, na zona baixa, a datação proposta para de Santa Maria Maior é 1147, com base no relato do cruzado (Nascimento, 2019, p. 149; Silva, 2017, p. 75). Sendo que a menção mais antiga à freguesia (história eclesiástica de D. Rodrigo de Cunha) data de 1149 (Vargas, 2002, p. 48). Mário Farelo aponta para o ano de 1165 (BNL, Fundo Geral, COD) (Farelo, 2006, p. 288). Dentro do seu espaço de influência localizava-se então o cemitério

identificado na Sé (letra S), mencionado por Cordeiro de Sousa (Castilho 1936, p. 40), e o das Cruzes da Sé.

Em 1162 surge, no Inventário de Compras do Mosteiro de São Vicente de Fora, a primeira referência à freguesia de São Martinho, situada intramuros e perto da Sé, na qual foi identificado um espaço de necrópole balizado entre os séculos XII e XVIII (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006, p. 288; Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008).

Datará de 1160 a fundação da Igreja paroquial de Santiago, localizada no interior da cidade, e três anos mais tarde teria sido fundada a igreja de Santa Maria da Madalena, situada no arrabalde ocidental. Entre 1165 e 1168 terá ocorrido a fundação da freguesia de São Bartolomeu e as respetivas igrejas paroquiais terão sido construídas (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006; p. 288; Silva, 2017, p. 75). Não se registou nenhum vestígio funerário no espaço destas igrejas (Mapa 19).

A freguesia e igreja paroquial de Santa Cruz do Castelo e São Jorge, segundo Mário Farelo (2008) e Manuel Fialho (Silva, 2017) terão sido fundadas em 1165 (Biblioteca Nacional de Portugal. Códice 39). Já Manuel Vargas, aponta para o ano de 1168 como data de fundação (história eclesiástica de D. Rodrigo de Cunha). A primeira mostra dentro do seu diagrama de influência as necrópoles islâmicas do Palácio das Cozinhas e da Praça Nova e a necrópole cristã da Rua Espírito Santo n.º 31-35 (Mapa 19). No seu interior também regista a Ermida da Capela Real de São Miguel (Alves, 2020, p. 167)³⁴, na Alcáçova, existindo bastantes dúvidas sobre a sua fundação, se seria do tempo de D. Afonso Henriques ou de D. Dinis. Alves (2020) aponta que será mais provável ter sido fundada por D. Dinis (2020, p. 167-168) (Mapa 19).

Entre 1170 e 1190 foram fundadas as igrejas de São Salvador, Santo Estêvão, São Pedro e São Miguel. Não obstante, ainda não foram identificados vestígios funerários associados (Tabela II.12) (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006, p. 289; Silva, 2017, p. 77).

No arrabalde ocidental apontam-se as datas de 1147 ou 1173 para a fundação da Igreja de Santa Justa que, juntamente com a Igreja de São Mamede (1190) e Santa Maria de Alcamim (1190/1220), constituiriam uma das comunidades cristãs da cidade durante o domínio islâmico (Tabela II.12). Nesta zona apenas se registou a presença de enterramentos em S. Mamede, no Palácio dos Condes de Penafiel e na Rua de São Mamede ao Caldas (Mapa 15).

³⁴ Referência histórica – O autor apoia-se em algumas fontes históricas para determinar a fundação da Ermida, nomeadamente, a fundação por D. Afonso Henriques, mencionado por Coelho Gasco e pelo Frei Belchior de Sant'Ana (1656). Sendo que o mesmo aponta que será mais verosímil a fundação no reinado de D. Dinis, em 1299, referida por D. António Caetano de Sousa (1735) (Alves, 2020, p. 167-168).

As restantes freguesias fundadas na zona intramuros foram S. João da Praça (1178), posicionada no arrabalde ocidental, São Nicolau (1199/1191) e S. Julião onde, se localizou na Rua da Conceição, perto da igreja, onde surgem algumas dúvidas quanto à data da sua fundação (1200/1220) (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006; p. 288; Silva, 2017, p. 75). No seu entorno em época islâmica registam-se os vestígios de uma mesquita (nº 76).

Em 1207 é fundada a freguesia de São Tomé e Santo André, que também apresenta um distinto conjunto de datas 1211 (Vargas, 2002, p. 48; Silva, 2017, p. 77), 1209 (Farelo, 2006, p. 89; Silva, 2017, p. 77) e 1191 (Silva, 2017, p. 77; Farelo, 2008, p. 49) (Tabela II.12).

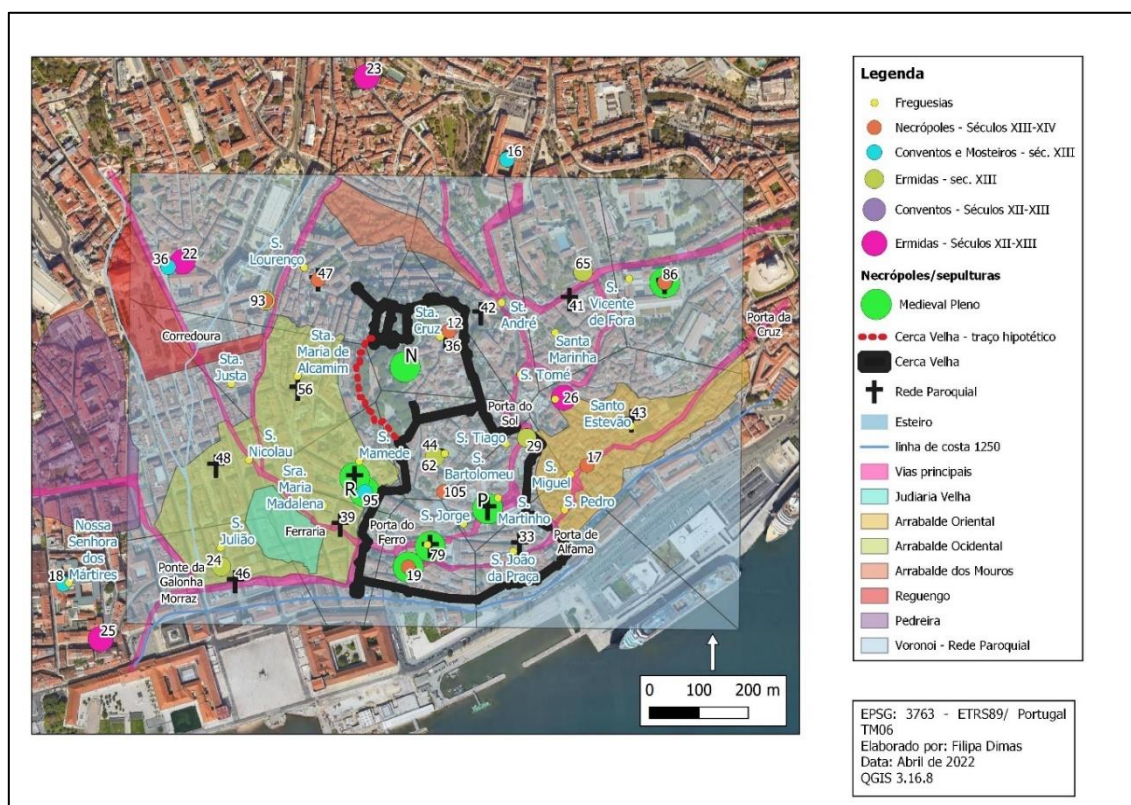
Já São Lourenço, localizada no arrabalde dos Mouros, terá sido fundada ou em 1191 ou já em 1220 (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006; p. 288; Silva, 2017, p. 75; Tabela II.12). Neste espaço em época islâmica verificou-se um enterramento islâmico na Rua Espírito Santo n.º 31-35, cuja cronologia as autoras apontaram para anterior ao século XIV (Gaspar & Gomes, 1997) (Mapa 19).

Por fim, no arrabalde oriental, em 1190, terá sido fundada a igreja e freguesia de Santa Marinha do Outeiro (Vargas, 2002, p. 48; Farelo, 2006; p. 288; Silva, 2017, p. 75) onde, em período islâmico, se localizaria a necrópole islâmica oriental (letra J e L) (Mapa 15).

Através dos dados verificam-se modelos de localização distintos entre as duas cronologias. Excluindo a necrópole cristã da Rua Espírito Santo 31-35 e islâmica do Palácio das Cozinhas. Não existem evidências de qualquer relação espacial entre elas. Revelando uma maior dispersão, com vestígios intramuros e em ambos os arrabaldes, contrariamente aos espaços funerários islâmicos que se localizam em zonas opostas e uma preferência espacial para o topo da colina e para o arrabalde oriental. A falta de aparente relação está correlacionada com os princípios norteadores que presidiam à localização dos espaços funerários, enquanto na sociedade islâmica se privilegiava, como vimos, a localização extramuros e junto às vias e porta das cidades, na sociedade cristã, particularmente após a conquista da cidade, associavam-se os espaços funerários aos templos paroquiais que se situavam no interior da cidade (Torres Balbás, 1970, p. 235-236). Torres Balbás refere ainda que após a conquista cristã destas cidades que anteriormente estavam sob o domínio islâmico, os cemitérios islâmicos perderiam a sua funcionalidade, reaproveitando-se material das sepulturas e estelas para a construção de igrejas (1970, p. 278-279). Algo que no caso de Lisboa parece confirmar-se, não se registando situações de reaproveitamento nem de continuidade espacial no momento de transição do domínio islâmico para o cristão.

4.3.7. Relação com edifícios religiosos e necrópoles no século XIII-XIV

No século XIII parece evidenciar-se um crescimento da cidade para ocidente e para norte e dos espaços funerários. Revelando alguma continuidade relativamente ao uso de espaços funerários cristãos do século XII para o XIII, no Mosteiro de São Vicente de Fora, na Sé, na Igreja de S. Martinho e nas Cruzes da Sé.



Mapa 16: Relação da rede paroquial com a cerca fernandina e os conventos e mosteiros, juntamente com as necrópoles da cidade entre os séculos XIII-XIV (Elementos georreferenciados - Tabela II.13). Necrópoles Medievais Cristãs: N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé. **Rede Paroquial:** 33 – Igreja de S. João da Praça; 34 – Igreja de S. Mamede; 36 – Igreja de Santa Cruz da Alcáçova; 37 – Igreja de Santa Justa; 38 – Igreja de Santa Maria dos Mártires; 39 – Igreja de Santa Maria da Madalena; 41 – Igreja de Santa Marinha do Outeiro; 42 – Igreja de Santiago; 43 – Igreja de Santo Estêvão de Alfama; 44 – Igreja de São Bartolomeu; 45 – Igreja de São Jorge; 46 – Igreja de São Julião; 47 – Igreja de São Lourenço da Mouraria; 48 – Igreja de São Nicolau; 49 – Igreja de São Salvador; 56 – Igreja de Santa Maria de Alcamim/ Igreja de São Cristóvão; 62 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 69 – Igreja de São Martinho; 79 – Sé. **Ermidas – século XII-XIII:** 22 – Ermida de Nossa Senhora da Escada; 23 – Ermida de S. Gens - I-às Olarias; 24 – Ermida de Santa Catarina; 25 – Ermida do Acampamento dos Ingleses (Nossa Senhora dos Mártires); 26 – Ermida e Recolhimento de São Salvador da Mata; 27 – Ermida ou Igreja dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia; 51 – Igreja do Mosteiro dos Cavaleiros de Santiago, em Santos. **Ermidas – Século XIII-XIV:** 22 – Ermida de São Mateus; 23 – Ermida do Santo Espírito de Carnide; 24 – Ermida de Nossa Senhora da Oliveira ou Santa Maria de Rocamador; 28 – Ermida de Nossa Senhora do Restelo, ou Nossa Senhora da "Estrela"; 29 – Ermida de São Brás ou Santa Luzia; 32 – Ermida Segunda de São Gens; 52 – Igreja de São João do Hospital; 62 – Igreja do Colégio de Santo Elói; 65 – Igreja do Hospital dos Meninos Inocentes. **Conventos e mosteiros (séculos XIII-XIV):** 16 – Convento de Nossa Senhora da Graça; 18 – Convento de São Francisco; 36 – Igreja de S. Domingos de Lisboa; 51 – Igreja de São João Baptista do Lumiar; 66 – Igreja do Mosteiro da Trindade; 68 – Igreja do Mosteiro de Santa Clara; 86 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 95 – Convento de São Domingos. **Necrópoles (século XIII-XIV):** 12 – Castelo de São Jorge – Igreja de Santa Cruz; 17 – Rua de São Miguel de

No arrabalde oriental, o único sítio que continua a ser utilizado como espaço de inumação é o Mosteiro de São Vicente de Fora, nomeadamente os vestígios identificados na zona do carneiro e o cemitério da cerca, cujas sepulturas não serão posteriores ao reinado de D. Dinis (Ferreira, 1983, p. 7; Ferreira, 1985, p. 11). As lápides identificadas na Sé, atestam a continuidade do uso deste espaço no século XIII (Barroca, 2000a, p. 577-578; 734; 1134). Juntando-se a Igreja de S. Martinho e as Cruzes da Sé, com uma diacronia de ocupação funerária até ao século XVIII (Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008; Boaventura, 2016).

As necrópoles que surgem então no século XIII estão associadas a espaços de cariz religioso cristão, como a Mouraria, na Igreja de São Lourenço, fundada em 1191 ou 1220 (Farelo, 2008; Silva, 2017, p. 77). A par de outras realidades foram identificados espaços de necrópole, situados desde o período Medieval até à Contemporaneidade (Rodrigues, 2020, p. 1560)³⁵.

No arrabalde ocidental, foi identificada uma necrópole no Poço do Borratém, que estaria associado à Ermida de São Mateus, cuja fundação datará, com algumas dúvidas entre os séculos XII-XIII. Através da análise do espólio cerâmico presente nas camadas de enchimento das sepulturas, a necrópole terá funcionando entre finais dos séculos XIII até ao século XV (Belém et al., 2020, p. 1692-1693).

Os enterramentos identificados na Rua de Santa Cruz levantam uma série de questões de natureza cronológica, devido à falta de informação sobre o contexto, apenas existindo informação no Portal do Arqueólogo que refere a sua associação à Igreja³⁶ que terá sido fundada em 1165 (Silva, 2017, p. 77; Farelo, 2008).

Também no Arrabalde Oriental, na Rua de S. Miguel de Alfama, terá sido identificado um contexto funerário caracterizado com um “coval com nível carneiro e uma sepultura de inumação”, entre os séculos XIII-XIV e a sua proximidade geográfica à Sinagoga da Judiaria Pequena³⁷ (Belém et al., 2020, p. 1699).

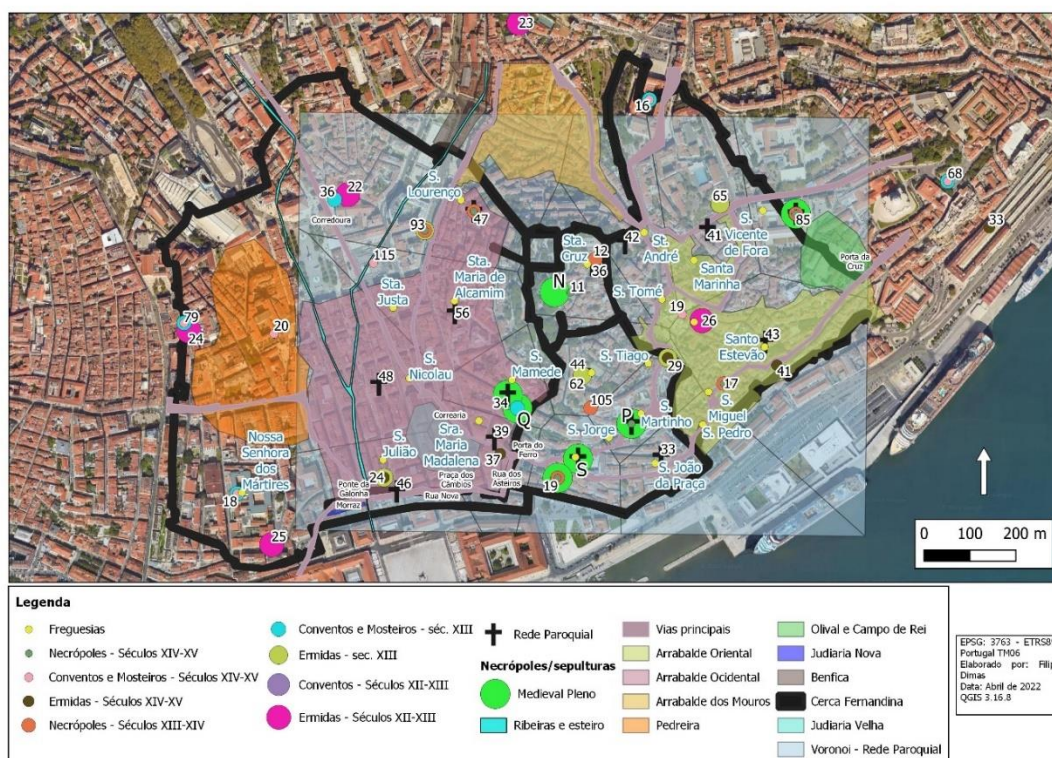
³⁵ Por lapso, o sítio não foi incluído por se julgar que os enterramentos datariam a partir do século XIII. Todavia, após reler a dissertação de mestrado publicada sobre o material antropológico identificado na igreja, constatou-se a referência a um ossário com material de vidro inserido entre os séculos XII-XIII e sepulturas designadas com material de “horizonte islâmico” (séculos XII-XIII) (Pereira, 2018, p. 50; 53).

³⁶ Portal do Arqueólogo – Castelo de São Jorge – Rua de Santa Cruz/ Largo de Santa Cruz - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3300505> – “...Foi identificado um silo e restos de sepulturas associadas à Igreja de Santa Cruz.”.

³⁷ Não se encontra no Portal do Arqueólogo.

Relativamente às lápides funerárias identificadas em Lisboa entre os séculos XIII-XIV, não estão representadas no mapa, porque iriam sobrepor-se aos edifícios religiosos presentes no mapa e sobrecarregá-lo. De qualquer forma, estão registados na Tabela II.10, referente aos sítios desta cronologia. Os sítios onde se verificou a presença de inscrições lapidares consistem no Castelo, onde foi identificada uma inscrição judaica (Barroca, 2000c, p. 86); na Igreja de S. Domingos (Barroca, 2000a, p. 1128); Convento de São Francisco (Barroca, 2000a, p. 973-974); no Mosteiro de São Domingos (Barroca, 2000a, p. 994-995); no Mosteiro de São Vicente de Fora (Barroca, 2000a, p. 1054-1055) e na Sé (Barroca, 2000a, p. 577-578).

4.3.8. Relação com edifícios religiosos no século XIV/ XV



Mapa 17: Relação da rede paroquial com a cerca fernandina e os conventos e mosteiros, juntamente com as necrópoles da cidade entre os séculos XIV-XV (Elementos georreferenciados – Tabela II.13). **Necrópoles Medievais Cristãs:** N – Castelo de São Jorge – Rua do Espírito Santo, n.º 31 a 35, O – Mosteiro de São Vicente de Fora, P – Rua da Saudade/ Largo de São Martinho, Q – Palácio dos Condes de Penafiel, R – Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, S – Sé, T – Cruzes da Sé. **Rede Paroquial:** 33 – Igreja de S. João da Praça; 34 – Igreja de S. Mamede; 36 – Igreja de Santa Cruz da Alcáçova; 37 – Igreja de Santa Justa; 38 – Igreja de Santa Maria dos Mártires; 39 – Igreja de Santa Maria da Madalena; 41 – Igreja de Santa Marinha do Outeiro; 42 – Igreja de Santiago; 43 – Igreja de Santo Estêvão de Alfama; 44 – Igreja de São Bartolomeu; 45 – Igreja de São Jorge; 46 – Igreja de São Julião; 47 – Igreja de São Lourenço da Mouraria; 48 – Igreja de São Nicolau; 49 – Igreja de São Salvador; 56 – Igreja de Santa Maria de Alcamim/ Igreja de São Cristóvão; 62 – Mosteiro de São Vicente de Fora; 69 – Igreja de São Martinho; 79 – Sé. **Ermidas – século XII-XIII:** 22 – Ermida de Nossa Senhora da Escada; 23 – Ermida de S. Gens - I-às Olarias; 24 – Ermida de Santa Catarina; 25 – Ermida do Acampamento dos Ingleses (Nossa Senhora dos Mártires); 26 – Ermida e Recolhimento de São Salvador da Mata; 27 – Ermida ou Igreja dos Santos Veríssimo, Máxima e Júlia; 51 –

*Igreja do Mosteiro dos Cavaleiros de Santiago, em Santos. **Ermidas – Século XIII-XIV:** 22 – Ermida de São Mateus; 23 – Ermida do Santo Espírito de Carnide; 24 - Ermida de Nossa Senhora da Oliveira ou Santa Maria de Rocamador; 28 - Ermida de Nossa Senhora do Restelo, ou Nossa Senhora da "Estrela"; 29 - Ermida de São Brás ou Santa Luzia; 32 - Ermida Segunda de São Gens; 52 - Igreja de São João do Hospital; 62 - Igreja do Colégio de Santo Elói; 65 - Igreja do Hospital dos Meninos Inocentes. **Conventos e mosteiros (séculos XIII-XIV):** 16 - Convento de Nossa Senhora da Graça; 18 - Convento de São Francisco; 36 - Igreja de S. Domingos de Lisboa; 51 - Igreja de São João Baptista do Lumiar; 66 - Igreja do Mosteiro da Trindade; 68 - Igreja do Mosteiro de Santa Clara; 86 - Mosteiro de São Vicente de Fora ;95- Convento de São Domingos. **Necrópoles (século XIII-XIV):** 12 - Castelo de São Jorge - Igreja de Santa Cruz; 17 – Rua de São Miguel de Alfama; 19 - Cruzes da Sé; 57 - Igreja de São Lourenço da Mouraria; 85 - Mosteiro de São Vicente de Fora; 93 - Poço do Borratém; 105 - Rua da Saudade/ Largo de São Martinho. **Ermidas (Séculos XIV-XV):** 26 - Ermida de Nossa Senhora da Oliveira ou Santa Maria de Rocamador; 29 - Ermida de Nossa Senhora do Paraíso - 2ª - À Cruz da Pedra; 31 - Ermida de Nossa Senhora do Restelo, ou Nossa Senhora da "Estrela"; 32- Ermida de os Anjos; 33 - Ermida de Santa Apolónia; 35- Ermida de São Brás ou Santa Luzia; 36 - Ermida de São Sebastião da Pedreira; 37 – Ermida do Hospital dos Palmeiros; 40 - Ermida Segunda de São Gens; 41 - Ermida de Nossa Senhora dos Remédios e do Santo Espírito em Alfama; 60 - Igreja de São João do Hospital. **Conventos e mosteiros (séculos XIV-XV):** 16 - Convento de Nossa Senhora da Graça; 18 - Convento de São Francisco; 19 – Convento de São Salvador; 20 – Convento do Carmo; 64– Igreja de São Lourenço (Carnide); 79 - Igreja do Mosteiro da Trindade; 82 - Igreja do Mosteiro de Santa Clara; 105 - Mosteiro de São Vicente de Fora; 115 - Convento de São Domingos. **Necrópoles (Séculos XIV-XV):** 11 – Castelo de São Jorge - Rua de Santa Cruz/Largo de Santa Cruz; 17 – Rua de São Miguel de Alfama; 21 – Cruzes da Sé; 66 - Igreja de São Lourenço da Mouraria; 104 - Mosteiro de São Vicente de Fora; 113 - Poço do Borratém; 127 - Rua da Saudade/ Largo de São Martinho; 179 - Escola Secundária Dom João de Castro.*

Além dos contextos mencionados no ponto anterior, cujo uso funerário se mantém até ao século XV. Surge um novo ponto no mapa, a Escola Secundária Dom João de Castro, no exterior da Cerca Fernandina, para lá do arrabalde ocidental³⁸. As informações existentes sobre o sítio encontram-se no Portal do Arqueólogo, revelando um cenário distinto dos anteriores, em que os inumados se encontravam no interior de uma vala. O material osteológico estava na sua maioria disposto de forma desorganizada, com vestígios de cal. Foram realizadas análises de radiocarbono que indicaram uma datação que calibrada a 1 sigma com o resultado de 1400-1436 cal AD e a 2 sigma de 1308-1355 cal AD a 1384-1449 cal AD, ou seja, entre os séculos XIV e XV³⁹.

Os vestígios lapidares inseridos neste período correspondem em grande número, a cerca de 36 inscrições funerárias presentes na Sé, entre as quais, destaca-se as de Afonso IV e de sua esposa, D. Beatriz (Barroca, 2000b, p. 1736-1737; 1808). Outros locais consistiram na Igreja do Convento de S. Domingos de Lisboa (Barroca, 2000b, p. 1991; 1388); no Convento de S. Francisco (Barroca, 2000b, p. 1992; 1932-1933); no Castelo de S. Jorge uma inscrição judaica (Barroca, 2000c, p. 91); no Hospital de São Lázaro (Barroca, 2000b, p. 1671); na Igreja de São Brás ou de Santa Luzia de Lisboa (Nunes, 2010); na Igreja do Priorado de Santa Cruz (Silva, 2008, p. 248); na Igreja Velha de Benfica (Barroca, 2000c, p. 87); no Mosteiro de Chelas

³⁸ Portal do Arqueólogo – Escola Secundária Dom João de Castro - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=58234>

³⁹ A curva de calibração, os programas de calibração não foram divulgados no Portal, mas é mencionado o Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) como *local onde foram enviadas as amostras*.

(Barroca, 2000c); no Mosteiro de São Vicente de Fora (Ferreira, 1983; 1994), uma inscrição muçulmana na Praça da Figueira (Barroca, 2000c, p. 71).

Assinalando-se o crescimento da cidade para fora da Cerca Velha, mas abrangido pela Cerca Fernandina (exceto os enterramentos na Escola Secundária Dom João de Castro).

Considerações finais

A análise espacial de 20 espaços mortuários, localizados no concelho de Lisboa, na presente tese trouxe um diferente tipo de abordagem, de carácter espacial aplicada a este tipo de contextos. Analisando uma longa diacronia, que conduziu a uma variabilidade de problemáticas, de bibliografia existente sobre o tema e de vestígios. O conjunto enunciado foi alvo de intervenções de Arqueologia Preventiva, que remontam à década de noventa do século XX e que se desenrolam até aos dias de hoje, havendo quase todos os dias novos dados. A única exceção aos sítios analisados, são os enterramentos identificados na Sé que resultaram de uma intervenção realizada na 1ª metade do século XX.

De entre os períodos analisados, é a Lisboa Alto-Medieval o que apresenta um panorama de maior desconhecimento, tanto a nível de vestígios arqueológicos como de referências documentais. Não obstante o que hoje é possível observar é que esta primeira fase cristã é indissociável da ocupação romana, visível na prevalência da inumação mas comporta em si uma quebra parcial com os ritos funerários romanos, que está patente na diversidade de soluções de enterramento, na ausência de espólio e na reutilização de antigas estruturas de materiais romanos, já desprovidos da sua função original.

Durante a fase do domínio islâmico da cidade existem mais dados, mas carecem na maioria dos casos de afinação cronológica, especialmente entre os séculos VIII a XI. Em termos de espaços funerários, apesar de partilharem com os romanos a mesma noção de espaço cemiterial, isto é fora de muros, revela, contudo, uma realidade funerária completamente distinta daquela, com preceitos e ritos definidos pelo Islão, nomeadamente a deposição do corpo em decúbito lateral direito, a orientação do corpo para Meca e a ausência de espólio funerário. Os contextos inseridos neste período registam algumas dificuldades a nível de afinação de cronologias, onde na maioria dos casos é estabelecida uma cronologia que abarca (quase) todo o período de domínio islâmico da cidade, como os enterramentos identificados no interior do Castelo e a necrópole oriental islâmica. Aos quais foi realizada uma análise de isótopos ao material osteológico que revelou valores superiores de proteína no sexo masculino quando comparada com os indivíduos de sexo feminino e infantis. Um dos casos corresponderia provavelmente a uma área ajardinada destinada à inumação da elite governativa no interior da cidade, típico deste modelo de cemitérios islâmicos e o outro apenas se conclui que se encontra muito próximo de uma necrópole cristã. As necrópoles registadas no setor oriental da cidade, também foram alvo de análises isotópicas, revelando valores que se

assemelham aos registados na população feminina e infantil do Castelo, possivelmente por serem de uma população de médio ou baixo estatuto. Todavia, a inexistência de vestígios arqueológicos nas suas proximidades não permitiu estabelecer quaisquer relações de proximidade com outros espaços cemiteriais coetâneos.

Entre os séculos XII e XIII dá-se uma nova mudança muito significativa que aproxima os enterramentos das novas e velhas igrejas agora elevadas a espaços paroquiais. A principal característica para além desta contínua associação é a da longa diacronia desta solução. Muitos destes cemitérios têm um uso alargado no tempo datando já do século XVIII e mesmo XIX, nomeadamente os últimos enterramentos. Por outro lado, estas novas soluções caracterizam-se ainda pela ausência sistemática de espólio funerário, semelhante à realidade islâmica, pela uniformização dos ritos e do tratamento do corpo na deposição e respeitando, a orientação canónica, agora bem definida pelo corpo da igreja. De todas as fases estudadas, esta é a que naturalmente está privilegiada no que respeita à disponibilidade de fontes, sendo de destacar o relato da tomada da cidade, mas também documentação relativa ao estabelecimento da rede paroquial. Os dados atualmente disponíveis evidenciam uma concentração de vestígios funerários deste período em duas freguesias atuais, Santa Maria Maior e São Vicente de Fora. Deste período foram registados sete contextos que relativamente aos anteriores enunciados apresentam as maiores incertezas no campo da afinação de cronologias. Apenas em três situações foi possível atribuir com maior certeza, a proximidade dos espaços cemiteriais à rede paroquial (Mosteiro de São Vicente de Fora, a Igreja de São Martinho e a Sé).

Quando analisamos a relação das sepulturas e cemitérios com a altimetria, a geologia e o tipo de solos verificou-se que as sepulturas Alto-Medievais se localizavam preferencialmente em terrenos aplanados e de baixa altitude (entre os 3 e os 37 metros) correspondendo maioritariamente a zonas de aluviões e aterros. O que contrasta com a fase seguinte em que os espaços de enterramento se posicionam em valores altimétricos superiores (entre os 70 aos 137 metros), preferindo zonas de colina, nos quais se identifica maioritariamente solos areníticos e carbonatados. No último período por nós analisado e que corresponde à fase pós-conquista da cidade, a evidência volta a mostrar uma preferência pelas cotas mais baixas (entre os 37 e os 70 metros) e por solos areníticos, mas que, porém, pode ser uma leitura enviesada motivada pelos dados disponíveis, uma vez que a rede paroquial ter-se-á progressivamente alagado a todo o espaço urbano sem distinção ou tendo em atenção altimetrias ou tipos de solos. Simplesmente acompanhou o crescimento urbano.

Quando realizámos o “Mapa Térmico”, foi possível verificar que os valores mais elevados, isto é, a maior concentração de vestígios funerários, ocorre em torno das sepulturas Alto-Medievais identificadas na Baixa Pombalina. Na colina do castelo, onde se regista a necrópole islâmica do Palácio das Cozinhas e a cristã na Rua Espírito Santo n.º 31 a 35 e junto à encosta do castelo, com os enterramentos cristãos identificados no Palácio dos Condes de Penafiel e na Rua de São Mamede. Significando uma maior densidade e concentração de vestígios em cada zona, constituindo parte de um espaço cemiterial mais amplo, ao qual os sítios identificados estarão agregados.

Como referido anteriormente, ao comparar a localização das sepulturas alto-medievais com os principais espaços da cidade romana, verificou-se que em quatro casos as sepulturas ocuparam espaços que anteriormente funcionavam como unidades de preparados de peixe, datando este fenómeno entre os séculos V-VII. Também no caso do enterramento da Rua da Adiça foi possível relacionar com uma antiga estrutura termal que se localizava no interior da cidade romana que estaria já desativada.

Ao relacionar com as evidências de vestígios funerários romanos e tardo-romanos, verificou-se que a localização destes espaços não era muito distante de sepulturas alto-medievais. Num primeiro caso, com o troço da Via Norte e o núcleo da Necrópole Noroeste, identificados na Praça da Figueira cujo espaço já não se encontrava em uso quando foram inumados quatro não-adultos num contexto não funerário. Algo semelhante sucedeu junto à via identificada no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, abandonada provavelmente na 1ª metade do século VI, momento em que se verificam os sepultamentos identificados nos Quarteirões da Baixa. Não sendo possível estabelecer uma relação clara entre o momento de abandono das antigas vias e necrópoles romanas e os espaços da morte alto-medievais.

Quando comparado com possíveis templos paleocristãos e/ ou visigodos verificou-se que na maior parte dos casos se presenciava nas suas proximidades inscrições epigráficas de natureza funerária, mas não necrópoles e ou/ sepulturas. No caso dos templos localizados em zonas periféricas poderá estar relacionado com a limitação de intervenções arqueológicas. Porém, dos vestígios identificados no centro histórico, apenas o possível templo, localizado na zona de São Mamede, apresentava para além das inscrições epigráficas do século V a VIII, um enterramento balizado entre os séculos IV ou V d. C., do qual não é muito clara a sua possível associação a este espaço, talvez por não se verificar mais nenhum da mesma cronologia.

A associação dos espaços funerários medievais às muralhas da cidade e às respectivas portas constatou-se que era comum a reutilização de epígrafes e elementos de decoração arquitetónica romanos. Pelo menos em três das seis portas, registou-se a presença de contextos funerários nas suas proximidades. Assinalando-se com maior pujança, o caso da Porta do Sol/ do Cemitério, no lado oriental da cidade, que engloba um conjunto de evidências funerárias desde a Época Romana à Islâmica, correspondendo a algumas das informações da historiografia tradicional. Na Porta Grande/ Porta do Ferro, a ocidente, evidenciou-se na sua envolvente, sepulturas de cronologia romanas a alto-medievais, não só as realidades funerárias registadas no Palácio dos Condes de Penafiel, mas também os sepultamentos identificados na Baixa Pombalina. Apesar do alinhamento da Porta com a via identificada na Sé, não foi possível desenvolver muito a questão (por apenas existir o troço da Sé). A terceira porta, a Porta da Alfafa ou do Postigo, a norte da anterior, não se diferenciava muito das realidades presentes na anterior, juntando-se a Norte, a necrópole islâmica identificada no Palácio das Cozinhas e cristã na Rua Espírito Santo n.º 31 a 35.

Outra ideia que importa reter é de que não parece haver uma relação entre as evidências de edifício cultuais alto-medievais e a rede paroquial posterior ao século XII, verificando-se ainda que os cemitérios mais tardios ligados às igrejas paroquiais não têm uma localização coincidente com os espaços funerários mais antigos. Não obstante esta constatação, importa referir que apenas um pequeno grupo de Igrejas paroquiais fundadas neste momento registou um universo funerário associado. Tal deve-se ou à ausência de intervenções arqueológicas ou como consequência a destruição motivada pelo terramoto de 1755.

A evolução dos espaços de necrópole entre os séculos XIII-XIV e XI-XV, revela também um crescimento da cidade em todas as direções. Os vestígios de lápides funerárias apontam ainda para a existência de mais espaços cemiteriais em outros pontos da cidade, cujos vestígios osteológicos não foram (ainda) identificados.

Conclui-se assim que o estudo realizado é uma abordagem interessante mais ainda preliminar, em que se pretendeu sintetizar e analisar especialmente as ocorrências do mundo funerário medieval da cidade de Lisboa, realidade que está em permanente atualização face ao aumento muito significativo de intervenções de arqueologia preventiva que constantemente aportam novos dados. O trabalho apresenta-se assim como uma abordagem e uma linha de trabalho diferente que pretende integrar os espaços funerários nas dinâmicas de crescimento e retração da cidade e compreendê-los nas suas modificações ao longo do tempo, bem como as suas relações espaciais com os principais espaços urbanos da cidade medieval.

Bibliografia

Bases de Dados Digitais

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em www: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>

EPSG – Transform coordinates. Disponível em www: <https://epsg.io/>

Hispania Epigraphica – Online Database. Roman inscriptions from the Iberian Peninsula. Disponível em www: <http://eda-bea.es/>

Museu de Lisboa – Coleção Online. Disponível em www: <http://acervo.museudelisboa.pt/>

Lisboa Romana. Disponível em www: <https://lisboaromana.pt/>

Direção Geral do Património Cultural - Portal do Arqueólogo. Disponível em: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>

Direção Geral do Património Cultural – SIPA. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8

RAAMPA – Rua dos Correeiros – Sond. 34 (Lisboa, Portugal). Disponível em: <http://ramppa.uca.es/cetaria/rua-dos-correeiros-sond-34>

Fontes Historiográficas

A conquista de Lisboa aos mouros: relato de um cruzado, edição, tradução e notas de Aires NASCIMENTO; introdução de BRANCO, Maria João Lisboa, Vega, 2018.

Fontes Iconográficas e Cartográficas

BRAUN, Georg (1598) - *Olissippo quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lisitaniae, ad Tagum, toti- Orientis, et multarum Insularum Aphricæque et Americæ emporium nobilissimum*. Lisboa: Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1593. Biblioteca Nacional Digital. [Consult. 25 nov. 2021]. Disponível em www: <https://purl.pt/22208>

HOLANDA, António de – Vista Panorâmica de Lisboa. Iluminura. In GALVÃO, Duarte – Crónica de D. Afonso Henriques, c. 1520. Retirado de: MAGALHÃES, Romero Joaquim – *O enquadramento do espaço nacional*. Mattoso, José – *História de Portugal. Terceiro Volume. O Alvorecer da Modernidade*. Círculo de Leitores, 1993, p. 51.

LEIDEN, University Library – Visita de Lisboa Quinhentista de Leyden, c. 1570 a 1580. Consult. 25 Nov. 2021]. Disponível em [www: https://www.arquipelagos.pt/imagem/vista-de-lisboa-quinhentista-de-leiden-1570-a-1580-c-biblioteca-da-universidade-de-leiden-holanda-2/](https://www.arquipelagos.pt/imagem/vista-de-lisboa-quinhentista-de-leiden-1570-a-1580-c-biblioteca-da-universidade-de-leiden-holanda-2/)

TINOCO, João Nunes (1650) – *Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar*. Lisboa: Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1853. Biblioteca Nacional Digital. [Consult. 25 nov. 2021]. Disponível em [www: https://purl.pt/4503/3/](https://purl.pt/4503/3/)

Legislação

Aviso n.º 11622/ 2012 de 30 de Agosto de 2012. Município de Lisboa Diário da República n.º 168/2012, Série II. Acedido a 24 de mai. 2020. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/1787349/details/normal?q=Aviso+n%C2%BA%2011622%2F2012>

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2012a) – *Manual Técnico do Plano Diretor Municipal de Lisboa*. Primeira revisão aprovada em reunião da Assembleia Municipal de 24 de julho de 2012 (Deliberação n.º 46/ AML/ 2012 e Deliberação n.º 47/ AML/ 2012) e publicada em Diário da República de 30 de agosto de 2012. Lisboa. Câmara Municipal.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2012b) – *Relatório*. Plano Diretor Municipal de Lisboa. Primeira revisão aprovada em reunião da Assembleia Municipal de 24 de julho de 2012 (Deliberação n.º 46/ AML/ 2012 e Deliberação n.º 47/ AML/ 2012) e publicada em Diário da República de 30 de agosto de 2012. Lisboa. Câmara Municipal.

Resolução do Conselho de Ministros n. 94/94 de 29 de setembro de 1994. Presidência do Conselho de Ministros. Diário da República n. 226/1994, Série I-B. Acedido a 24 de mai. 2020. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/609283/details/normal?q=94%2F94>

Relatórios Técnico-Científicos

DIOGO, António Manuel Dias (1993) – *Relatório de Escavação Arqueológica - Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel*.

FERREIRA, Fernando E. R. (1994) – *Acompanhamento Arqueológico das Obras de Reconstrução do Mosteiro de S. Vicente de Fora - 1993 - 1994*.

FERREIRA, Fernando Ribeiro Eduardo Rodrigues (1997) – *S. Vicente de Fora. Intervenção Arqueológica. Campanha de 1997*.

FERREIRA, Fernando Ribeiro Eduardo Rodrigues; MACHADO, Conceição; PIRES, Nuno (2012) – *Mosteiro de São Vicente de Fora. Relatório de Intervenção - Ano 2012*.

FILIPE, Victor (2011) – *Projecto de Ampliação e Alterações para a Rua do Espírito Santo n.º 31-35 - Ampliação da Albergaria do Castelo de São Jorge, Lisboa - Escavação Arqueológica, Relatório Final.*

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1997) – *Relatório das Escavações Arqueológicas do Espírito Santo II.*

MANSO, Cláudia Rodrigues; INOCÊNCIO, Joana; OLIVEIRA, José Miguel (2014) – *Trabalhos arqueológico na Rua da Prata, 88-114 – sondagem 4 S. Nicolau, Lisboa. Nota Prévia.* Outubro 2014. Empatia – Arqueologia, Lda.

OLIVEIRA, José Miguel; PEREIRA, Gabriel (2013) - *Sondagem arqueológica na Rua da Prata, 88-114. Santa Maria Maior, Lisboa. Relatório Preliminar.* Dezembro 2013. Empatia – Arqueologia, Lda.

Estudos

ALARCÃO, Jorge de (1994) – Lisboa romana e visigótica. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Milão: Electa, pp. 58–63.

ALCOFORADO, Maria João; LOPES, António Lopes; ANDRADE, Henrique; VASCONCELOS, João (2005) – *Orientações climáticas para o Ordenamento em Lisboa*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

ALCOFORADO, Maria João; ANDRADE, Henrique; LOPES, António; VASCONCELOS, João (2009) – Application of climatic guidelines to urban planning. The example of Lisbon (Portugal). *Landscape and Urban Planning*. 90:1–2, pp. 56–65.

ALMEIDA, Fernando de (1962) - *Arte visigótica em Portugal*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ALMEIDA, Rui Roberto de; ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de (2003) – O sítio islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e caracterização. *Xelb 4. Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves, pp. 247-264.

ALVES-CARDOSO, Francisca; CASIMIRO, Sílvia; GARCIA, Susana; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; LOURENÇO, Marina; GRANJA, Raquel; DUARTE, Cidália; GONÇALVES, David (2021) - Os olisiponenses. Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. - *Para Além Desta Vida: a memória Funerária de Felicitas Iulia Olisipo. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio, pp. 172-179

ALVES, José da Felicidade (2020) – *Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa. Tomo II: Igrejas Medievais de Lisboa (1147-1495)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa. Centro Nacional de Cultura.

AMARO, Clementino (1995) – Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans da Universitat de Barcelona & Universidade Nova de Lisboa, pp. 337-342

AMARO, Clementino (1998) – Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível. In TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, eds.– *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* Ministério da Cultura. Instituto Nacional de Arqueologia, pp. 61–72.

ANTUNES, Miguel Telles; CUNHA, Armando Santinho (1991) – *Santos Mártires de Lisboa*. Espólio Osteológico de Santos-o-Novo. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

AREZES, Andreia (2010) – *Elementos de Adorno Altimediévicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

AREZES, Andreia (2017) – *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As necrópoles dos séculos V a VIII. Volume I*. Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória. Edições Afrontamento.

ARIÈS, Philippe (1988) – *O Homem Perante a Morte I. Mem Martins*: Publicações Europa-América.

ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3:2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 25-58.

AZKARATE GARAI-OLAUN, Agustín (2002) - De la Tardoantigüedad al Medievo cristiano. Una mirada a los estudios arqueológicos sobre el mundo funerario. *Espacios y usos funerarios en el Occidente romano. Actas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba (5-9 junio, 2001. Vol. I*. pp. 115–140.

BALTAZAR, Sofia Carvalho Pereira (2010) – *Mapas Bioclimáticos de Lisboa*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.

BARCELÓ, Carmen (2013) – Lisboa y Almanzor. *Conimbriga: Revista de Arqueologia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 52, pp. 165–194.

BARROCA, Mário Jorge (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Policopiado.

BARROCA, Mário (2000a) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422) Vol. II*. Corpus Epigráfico Medieval Português. Tomo I. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia.

BARROCA, Mário (2000b) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422) Vol. II*. Corpus Epigráfico Medieval Português. Tomo 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia.

BARROCA, Mário (2000c) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422) Vol. III*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia.

BARROCA, Mário Jorge (2021) – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

BARROS, Maria Filomena de (2015) – Mouros e Guerra Santa na produção do Mosteiro de S. Vicente de Fora: o *Indiculum* e a Crónica da tomada desta cidade de Lisboa aos mouros e da fundação deste Mosteiro de S. Vicente. In AYALA MÁRTINEZ, Carlos; FERNANDES,

Isabel Cristina Ferreira, coord. – *Cristãos contra Muçulmanos na Idade Média Medieval: bases ideológicas e doutrinárias de um confronto (séculos X-XIV)*. Lisboa: Edições Colibri, Universidade Autónoma de Madrid, pp. 107-123.

BASTOS, Maria do Rosário (1996) – Prescrições sinodais sobre o culto dos mortos nos séculos XIII a XVI. In MATTOSO, José, coord. – *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 109-124.

BATALHA, Luísa; NETO, Nuno; PEÇA, Pedro; BRITO, Sara; CARDOSO, Guilherme (2017) – Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal. 2017- Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1751-1766.

BELÉM, Inês; FILIPE, Vanessa; VIEIRA, Vasco Noronha; FERRO, Sónia; SILVA, Rodrigo Banha da (2020) – O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão – Textos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1691–1703.

BOAVENTURA, Inês (2016) – Que histórias têm para contar os 70 cadáveres encontrados junto à Sé de Lisboa? *Público*. Disponível em [www: https://www.publico.pt/2016/10/31/local/noticia/que-historias-tem-para-contar-os-70-cadaveres-encontrados-junto-a-se-de-lisboa-1749229](https://www.publico.pt/2016/10/31/local/noticia/que-historias-tem-para-contar-os-70-cadaveres-encontrados-junto-a-se-de-lisboa-1749229)

BOTICA, Natália (2004) – *Servator: modelo preditivo de apoio à prospecção arqueológica*. Dissertação de Mestrado de Sistemas de Informação apresentada à Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.

BOTICA, Natália; SANTOS, Maribel Yasmina; LEMOS, Francisco Sande (2003) – *Modelo preditivo de património arqueológico*. Actas da Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, 4, Porto.

BRAZUNA, Sandra; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2008) – A Igreja Medieval de São Martinho. Resultados preliminares de uma intervenção arqueológica de salvamento. *Revista Era Arqueologia*. 8, pp. 51-69.

BROOKES, Stuart (2007) - Walking with Anglo-Saxons: Landscapes of the Dead in Early Anglo-Saxon Kent. *Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History*. 14, pp. 143–153.

BROOKES, Stuart; TENTE, Catarina; PRATA, Sara (2017) – Interpreting Rock-Cut Grave Cemeteries: The Early Medieval Necropolis and Enclosure of São Gens, Portugal. *Medieval Archaeology*, Volume 61, n. °2, pp. 215-238.

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserve de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, Jacinta (2003) – Mandarin Chinês, Lisboa – Contextos Romanos. *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora, 10 a 12 de novembro de 2000. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, Museu Municipal de Arqueologia, ARQA – Associação de Arqueologia e Proteção do Património da Amadora, pp. 127-146.

BUGALHÃO, Jacinta (2009) – Lisboa islâmica: uma realidade em construção. *Xelb 9. Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve: O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de*

estudo. Homeagem a José Luís de Matos (23, 24 e 25 de outubro de 2008). Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 377–391.

BUGALHÃO, Jacinta (2017) – O eixo viário ocidental de Olisipo. In FERNANDES, Lúcia; BUGALHÃO, Jacinta; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *Debaixo dos nossos pés: Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: EGEAC, pp. 120-123.

BUGALHÃO, Jacinta (2021) – Um *balnea* da baixa de Felicitas Iulia Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 95-102.

BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana; SOUSA, Elisa; DUARTE, Cidália (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: DGPC, pp. 243–275.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001) – O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*, 7, *Campo Arqueológico de Mértola*, pp. 111–146.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João (2003) – Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Arqueologia Medieval* 9. Porto: Edições Afrontamento, pp. 129-191.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10:1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 317-343.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João; FOLGADO, Deolinda; GONZÁLEZ TINTURÉ, Antónia; MORENO-GARCÍA, Marta; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieval*, 10. Porto: Edições Afrontamento, pp. 113-134.

CABAÇO, Nelson; SARRAZOLA, Alexandre; SILVA, Rodrigo Banha da; CARVALHO, Liliana Matias de; LOURENÇO, Marina (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal. 2017- Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2011) – Estela Funerária do Largo Contador-Mor em Lisboa. Fichero Epigráfico (Suplemento de «*Conimbriga*»), 91, n.º 410. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CAESSA, A.; MARQUES, A.; SILVA, R. B. da. (2018a) – Lisboa: uma cidade, várias centralidades. In BERNARDES, João Pedro; ETCHVARNE, Carlos; LOPES, Maria Conceição; COSTA, Carlos, eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Universidade do Algarve, pp. 50-68.

CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; MOTA, Nuno (2018b) – Uma Mesquita no Arrabalde Ocidental de al-Ūsbūna. In ANDRADE, Amélia Aguiar de; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; PRATA, Sara, coord. – *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*.

Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 521–536.

CAL (2020) – Ficha de Sítio/Achado/Equipamento - Calçada da Cruz da Pedra. Disponível em [www: https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/55---lisboa-romana-calcada-da-cruz-da-pedra.pdf](https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/55---lisboa-romana-calcada-da-cruz-da-pedra.pdf)

CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco (2005) – A ocupação islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa). *Revista portuguesa de arqueologia*, 8:2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 459–470.

CAMPOS, Manoel Joaquim de (1904) – Nova lápide funerária dos subúrbios de Olisipo. *O Arqueólogo Português*. I Série, 9. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 59-60.

CAPDEVILA MONTES, Enrique; MÍNGUEZ GARCÍA, María del Carmen (2016) – Introducción a los Sistemas de Información Geográfica. In CAPDEVILA MONTES, Enrique; MÍNGUEZ GARCÍA, María del Carmen, coord. – *Manual de Tecnologías de la Información Geográfica aplicadas a la Arqueología*. Madrid: Comunidad de Madrid, Museo Arqueológico Regional: Ilustre Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias de la Comunidad de Madrid, pp. 21-78.

CARDOSO, Guilherme; CARDOSO, João Luís (1995) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar. In *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans da Universitat de Barcelona & Universidade Nova de Lisboa, pp. 407-414.

CARDOSO, Guilherme (2019) – Sepultura Tardo-Romana do Casal da Espinheira (Lisboa). *Al-madan: Cetro de Arqueologia de Almada*, 22:2ª série, pp. 7.

CARDOSO, Guilherme (2020) – Ficha de Sítio/ Achado/ Equipamento. Rua Cidade de Bissau, 400 A/ Sepultura Tardo-Romana do Casal da Espinheira Concelho. Disponível em [www: https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/61---lisboa-romana-word-tmpl1-casal-da-espinheira.pdf](https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/61---lisboa-romana-word-tmpl1-casal-da-espinheira.pdf)

CARITA, Hélder (1999) - *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*. Lisboa: Livros Horizonte.

CARVALHINHOS, Marina; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2017) – Indagações Arqueológicas na Muralha Antiga de Lisboa: o Lanço Oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 299–366.

CASIMIRO, Sílvia (2021) – A Criança como Barómetro Social e Biológico de Comunidades Alto Medievais: Estudo Interdisciplinar da Península de Lisboa entre os séculos III e XIII. Poster apresentado em *Early Medieval Bioanthropology 2021 - New approaches to Early Medieval funerary contexts in the Centre and North of the Iberian Peninsula*. Universidade Coimbra, CIAS-UC e Instituto de Estudos Medievais, NOVA - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Coimbra, 20-21 Maio. Disponível em: https://www.academia.edu/49330196/A_Crian%C3%A7a_como_Bar%C3%B3metro_Social_e_Biol%C3%B3gico_de_Comunidades_Alto_Medievais_Estudo_Interdisciplinar_da_Pen%C3%ADnsula_de_Lisboa_entre_os_s%C3%A9culos_III_e_XIII

CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – Enterramentos Infantis Tardo-Antigos Na Rua De S. Nicolau (Lisboa). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord. – *Arqueologia em Portugal - 150 anos* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859–863.

CASIMIRO, Sílvia; PRATA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (2016) – Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina; FARELO, Mário; MARTINS, Miguel Gomes, coord. - Lisboa *Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Coleção Estudos 15. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.

CASIMIRO, Sílvia; ALVES-CARDOSO, Francisca; SILVA, Rodrigo Banha da; ASSIS, Sandra (2017) -? Requiescat in Pace? Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na Necrópole Noroeste de Olisipo. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord. – *Arqueologia em Portugal, 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1229-1242.

CASIMIRO, Sílvia; OLIVEIRA, José Miguel MANSO, Cláudia; NETO, Nuno; REIS, JOANA; ALVES-CARDOSO, Francisca (2021a) – Núcleos Ocidentais III: Rua da Prata. Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. - *Para Além Desta Vida: a memória Funerária de Felicitas Iulia Olisipo. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio, p. 121.

CASIMIRO, Sílvia; KRUS, Alexandra; BARGÃO, André (2021b) - Fragmentos de um quotidiano rural no termo de Lisboa: Rua do Lumiar nos séculos XIII-XVI. *Jornadas Internacionais da Idade Média*, Instituto Estudos Medievais, FCSH-NOVA, Câmara Municipal Castelo de Vide, 7-9 outubro, Castelo de Vide.

CASIMIRO, Sílvia; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; ALVES-CARDOSO, Francisca (2021c) – A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. - *Para Além Desta Vida: a memória Funerária de Felicitas Iulia Olisipo. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio, pp. 180-195.

CASTILHO, Júlio de (1935) – *Lisboa Antiga. Bairros Orientais. Volume I*. Lisboa: Industriais da Câmara Municipal de Lisboa (2.^a Edição).

CASTILHO, Júlio de (1936) – *Lisboa Antiga. Bairros Orientais. Volume V*. Lisboa: Industriais da Câmara Municipal de Lisboa (2.^a Edição).

CATARINO, Helena; ARRUDA, Ana; GONÇALVES, Victor (1981) – Vale do Boto: Escavações de 1981 no complexo árabe/ medieval. *CLIO – Revista do Centro de História Universidade Lisboa*, 3. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 9-27.

CHÁVET LOZOYA, María; SÁNCHEZ GALLEGU, RUBÉN PÉREZ, Jorge Padial (2006) – Ensayo de rituales de enterramiento islámicos en Al-Andalus. *Anales de Prehistoria y Arqueologia*, 22, pp. 149–161.

COELHO, António Borges (1994) – O Domínio Germânico e Muçulmano. In MOITA, Irisalva. *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 75–88.

CONOLLY, James; LAKE, Mark (2006) – *Geographical Information Systems in Archaeology*. Cambridge University Press.

COSTA, Adelaide Pereira Millán (1996) – O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da Baixa Idade Média. In Mattoso, José, coord. – *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 177-186.

COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria Conceição; LOPES, Vera; BUGALHÃO, Jacinta; CASCALHO, João, ANDRADE, César, ROCHA, Artur (2018) – As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In BERNARDES, João Pedro; ETCHVARNE, Carlos; LOPES, Maria Conceição; COSTA, Carlos, coord. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-272.

CUESTA-GÓMEZ, Fabián; PRATA, Sara (2021) – *Se hace camino al andar*. Sepulturas rupestres y poblamiento altomedieval en el Vale de Galegos (Castelo de Vide, Portugal). In BARROCA, Mário Jorge, coord. – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 145-164.

CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998) – Vida e Morte na Época de D. Afonso Henriques. Lisboa: Hugin Editores.

CUNHA, Mélanie (2007) – As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Reflexões sobre a Antiguidade Tardia. *Vipasca, Arqueologia e História*, 2: 2ª série. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, pp. 678-685.

CURRÁS, Andrés; COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria da Conceição; DANIELSEN, Randi; BUGALHÃO, Jacinta (2021) – Landscape change and vegetation history in the city of Lisbon during Roman times and the Early Medieval period. *The Holocene*, 31:1, pp. 134-144.

DÉDERIX, Sylviane (2014) – Funerary Landscapes and GIS Applications: A review. – *3rd ARCH_RNT Proceedings Archaeological Research and New Technologies* University of the Peloponnese, pp. 21–30.

DE MAN, Adriaan; SILVA, Rodrigo Banha da (2016) – Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina; FARELO, Mário; MARTINS, Miguel Gomes, coord. – *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Coleção Estudos 15. Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais, pp. 57–65.

DIAS, Manuela Alves; GASPARG, Catarina Isabel Sousa (2006) – *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DIMAS, Filipa; CASIMIRO, Sílvia (2021a) – *Arqueologia da Morte entre os séculos III e XIII na cidade de Lisboa*. Poster apresentado em Early Medieval Bioanthropology 2021 - New approaches to Early Medieval funerary contexts in the Centre and North of the Iberian Peninsula. Universidade de Coimbra, CIAS-UC e Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa. Coimbra, 20-21 maio. Disponível em: [https://www.academia.edu/55061778/Arqueologia da Morte entre os s%C3%A9culos III e XIII na cidade de Lisboa](https://www.academia.edu/55061778/Arqueologia_da_Morte_entre_os_s%C3%A9culos_III_e_XIII_na_cidade_de_Lisboa)

DIMAS, Filipa; CASIMIRO, Sílvia (2021b) – *Espaços Funerários Medievais: Uma Análise Espacial do Concelho de Lisboa entre os séculos V e XIII*. Poster apresentado no III Encontro de Arqueologia de Lisboa – Arqueologia na Cidade. Lisboa, Teatro Aberto, 18 e 19 de Novembro. Disponível em:

DIOGO, António Manuel Dias (1997) – Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conímbriga»)*, 56, n.º 261. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1995) - Inscrição dedicada a um possível natural de Útica, proveniente de Lisboa. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conímbriga»)*, 49, n.º 222. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1999) – Um fragmento de epígrafe romana proveniente das Termas dos Cássios, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conímbriga»)*, 61, n.º 279. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (2000a) – Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). *Arqueologia & História*, 52. *Estudos de Lisboa – Séculos XV a XIX. I Colóquio Temático. 6 e 7 de novembro de 1998*. Comissão de Estudos Olisiponenses. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 231-254.

DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (2000b) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3:1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 181-196.

DJINDJIAN, François (1998) – GIS usage worldwide archaeology. *Archeologia e calcolatori* 9, pp.19-30.

DUARTE, Cidália (2001) – Sepultura tardo-romana do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Descrição antropológica. In BUGALHÃO, Jacinta, coord. - *A indústria romana de transformação e conserve de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 162-165.

DUARTE, Vitória Armanda (2015) – *De Scallabis a Chantirene: análise paleoantropológica de duas amostras paleocristãs dos séculos IV e VI da necrópole da Avenida*. Dissertação de Mestrado em apresentada à Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José D' (2009) – As Termas dos Cássios em Lisboa – Ficção ou Realidade?. In GORGES, Jean-Gérard; ENCARNAÇÃO, José d'Encarnação; NOGALES BASARRATE, Trinidad; CARVALHO, António, coord. – *Lusitânia Romana – Entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 481-493.

ENCARNAÇÃO, José D'; LEITÃO, Manuela; LEITÃO, VASCO (2015) – Inscrições de Olisipo identificadas na “Cerca Velha”. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conímbriga»)*, 131, n.º 584-550.

FABIÃO, Carlos (2009) – O Ocidente na Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummiun* de Justiano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da casa do governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4. Lisboa: Era – Arqueologia, pp. 25–50.

FABIÃO, Carlos (2021) – Felicitas Iulia Olisipo, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico. In FABIÃO, Carlos, coord. - *A morfologia urbana. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 14–27.

FAGUNDES, João (1994) – A Sé. In MOITA, Irisalva, coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 115-128.

FARELO, Mário (2006) – O direito de padroado na Lisboa Medieval. *Promontoria*, 4. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, pp. 267-289.

FARELO, Mário (2008) – *A Oligarquia Camarária de Lisboa (1325-1433)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FERREIRA, Fernando Ribeiro Eduardo Rodrigues (1983) – Escavações do Ossário de S. Vicente de Fora - seu relacionamento com a história de Lisboa. *Lisboa - Revista Municipal*, 2ª Série, 4:2. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 5–36.

FERREIRA, Fernando Ribeiro Eduardo Rodrigues (1985) – O mosteiro afonsino de S. Vicente de Fora – subsídios para a reconstituição da sua fisionomia. *Lisboa - Revista Municipal*, 2ª Série, 12:2. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 3–12.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2001) – Os silos medievais de São Vicente de Fora. *Arqueologia e História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 49-66.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2005a) – Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de Investigação. *Portvgalia*. Revista do Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, XXVI. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património – Faculdade e Letras da Universidade do Porto, pp. 149–173.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MACIAS, Santiago (2011) – Islamic and Christian Medieval Archaeology. In MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; BRANCO, Maria João, eds. - *The Historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, pp. 153-177.

FERNANDES, Lília; CAESSA, Ana (2006) – O *proscaenium* do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitetónicos escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 58. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 83-102.

FERNANDES, Lília (2007a) – Teatro Romano de Lisboa. Os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-madan*, 2ª Série, 15. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 28-39.

FERNANDES, Lília; FERNANDES, Paulo Almeida (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17. Lisboa: DGPC, pp. 225-243.

FERNANDES, Lília; FERNANDES, Paulo Almeida (2021a) – *A Capital Urbana de um Município de Cidadãos Romanos. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio.

FERNANDES, Lília; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2011) – A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em Olisipo: o núcleo da Rua

dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 14. Lisboa: DGPC, pp. 239-261.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002) – O sítio da Sé de Lisboa antes da Reconquista. *Artis. Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. 1:1. Lisboa: Instituto de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 57–87.

FERNANDES, Paulo Almeida (2003) – O contributo de D. Fernando de Almeida para o estudo da alta Idade Média em Portugal. *Arqueologia e História*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 55. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 205–213.

FERNANDES, Paulo Almeida (2005b) – Visigótico ou Moçárabe? O núcleo da Alta Idade Média. In ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 264–298.

FERNANDES, Paulo Almeida (2007b) – Os moçárabes de Lisboa e a sua importância para a evolução das comunidades cristãs sob domínio islâmico. In KRUS, Luís; OLIVEIRA, Luís Filipe Simões Dias de; FONTES, João Luís, coord. – *Lisboa Medieval - Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 71–83.

FERNANDES, Paulo Almeida (2020) – O fim de um tempo: o princípio de outro. Felicitas Iulia Olisipo entre romanos, bárbaros e cristãos. In GUERRA, Amílcar; FREITAS, Maria Conceição; CACHÃO, Mário, coord. - *O território e a memória. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 141–155.

FERNANDES, Paulo Almeida (2018) – Sinais de vitalidade cristã sob domínio islâmico: a diocese moçárabe (711/714-1147). – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 61-86.

FERNANDES, Paulo Almeida; FERNANDES, Lúdia (2021b) – Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In FERNANDES, Lúdia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. – *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 215–245.

FERNANDES, Pedro; NETO, Nuno (2021) – Rua de Santa Marta 32-34: Estrutura Funerária Romana. In Silva, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 100-104.

FIALHO, Manuel (2018) – O sistema viário da Lisboa Medieval. In SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel, coord. – *Meios, vias e trajetos ...entrar e sair de Lisboa. Fragmentos de Arqueologia de 2*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Direção Municipal de Cultura, Departamento de Património Cultural, Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa, Secção de Arqueologia, pp. 135-145.

FILIFE, Iola; Fabião, Carlos (2006) – Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação. *Arqueologia & História*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 58-59. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 103-118.

FILIFE, Vanessa; NETO, Nuno; HENRIQUES, José Pedro; BRITO, Sara; TOSO, Alice; CASIMIRO, Sílvia; GRANJA, Raquel; INOCÊNCIO, Joana; FERRO, Sónia (2020) – Espaços

de uma cidade: novos dados sobre a necrópole islâmica de Lisboa Oriental. – *Comunicação apresentada nas Jornadas Internacionais: Terra, Pedras e Cacos do Garb Al-Andalus*. Palmela. 23 a 25 de janeiro.

FILIPE, Vanessa; TOSO, Alice; INOCÊNCIO, Joana (2017) – Perspectivas Arqueobiológicas sobre a Necrópole Islâmica de Alfama. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de nov. de 2015)*. Lisboa: CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento do Património Cultural, Direção Municipal da Cultura, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 339–347.

FILIPE, Vanessa; SANTOS, Raquel (2017) – As termas romanas às portas de Alfama. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de nov. de 2015)*. Lisboa: CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento do Património Cultural, Direção Municipal da Cultura, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 246-253.

FILIPE, Vanessa; SANTOS, Raquel (2021) – Banhos termais na Rua da Adiça, Alfama. In FERNANDES, Lúdia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *A capital urbana de um município de cidadãos romanos: espaço(s) de representação de cidadania. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 81-85.

FILIPE, Victor; CALADO, Marco; GUERRA, Sandra; VALONGO, António; LEÓNIDAS, João; RAMOS, Romão; ROCHA, Margarida; COSTA, Jacinta (2015) – A cerâmica de importação no arrabalde ocidental de Luxbuna (Lisboa). Dados preliminares da intervenção realizada no Hotel de Santa Justa. In GONÇALVES, Maria José.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana, coord. - *Actas do X Congresso de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Silves – Mértola, 22-27 outubro 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 711–718.

FILIPE, Victor; CALADO, Marco; FIGUEIREDO, Margarida (2013) – Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa) do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares Victor. *Al Madan*, 2ª Série, 17:2. Almada – Centro de Arqueologia de Almada, pp. 6-12.

FILIPE, Victor; LEITÃO, Manuela; LEITÃO, Vasco; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; RIBEIRO, Ricardo (2021) – As muralhas de Felicitas Iulia Olisipo. In FABIÃO, Carlos, coord. - *A morfologia urbana. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 47–71.

FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina; FARELO, Mário; MARTINS, Miguel Gomes (2016) – *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais.

GARCIA, José Manuel (2014) – A representação dos Conventos de Lisboa a cerca de 1567 na primeira planta da cidade. *Revista de História de Arte*, 11. Lisboa: Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL, pp. 35-49.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2001) – Resultados Preliminares das Escavações Arqueológicas no Castelo de S. Jorge. *Arqueologia Medieval*, 7. *Colóquio Lisboa, Encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos* (1997). Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 95–102.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2016) – Ocupação Medieval na Sé de Lisboa. In FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina; FARELO, Mário; MARTINS, Miguel Gomes, coord. – *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes. Coleção Estudos 15*. Lisboa: IEM - Instituto Estudos Medievais, pp.113–128.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2021) – As Ruas da Sé de Lisboa. Lisboa Romana. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. – *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 105-109.

GASPAR, Sara (2016) – *Nutrição e Stresse. Estudo dos Indicadores de Stresse e a sua Relação com o Contexto Nutricional da Coleção Osteológica Não-Identificada do Castelo de São Jorge (Século XI)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nova de Lisboa.

GIESTAL, Carlos Dantas (1998) – *Sistema de Informação Geográfica para a Arqueologia Urbana: O caso de Bracara Augusta*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.

GILLINGS, Mark; HACIGÜZELLER, Piraye; LOCK, Gary (2020) – Archaeology and Spatial Analysis. *Archaeological Spatial Analysis*. pp. 1–16.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra (2003) - O Castelo de S. Jorge na transição do mundo islâmico para o cristão. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, coord. – *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Mil Anos de Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*. Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, pp. 393-404.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra (2013) – O Castelo de S. Jorge na transição do mundo islâmico para o cristão. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, coord. – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séc. VI-XVI)*. Lisboa: Edições Colibri & Campo Arqueológico de Mértola, pp. 393–404.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; GUERRA, Sandra; CALÉ, Henrique; RIBEIRO, Susana; PINTO, Paula; VALONGO, António; PIMENTA, João (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa - Continuidades e Rupturas. In BARROCA, Mário Jorge; FERNANDES, Isabel Cristina, coord.– *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Palmela/Porto: Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras do porto, pp. 221–236.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; VALONGO, António; PINTO, Paula; MENDES, Henrique; RIBEIRO, Susana; GUERRA, Sandra (2003) – Castelo de São Jorge - balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património - Estudos*. 4. Lisboa: IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico, pp. 214–223.

GOMES, Ana; SEQUEIRA, Maria José (2001) – Continuidades e discontinuidades na arquitetura doméstica do período após a conquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. *Arqueologia Medieval*, 7. *Colóquio Lisboa, Encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos* (1997). Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 103–110.

GONÇALVES, Célia (2014) – *Modelos Preditivos de Ocupação do Território no Mesolítico entre os Vales do Tejo e do Sado*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

GONÇALVES, David; DUARTE, Cidália; COSTA, Cláudia; MURALHA, João; CAMPANACHO, Vanessa; COSTA, Ana Maria; ANGELUCCI, Diego Ercole (2010) – The Roman cremation burials of Encosta de Sant’Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13. Lisboa: DGPC, pp. 124-144.

GONZAGA, Ana Raquel (2018) – *Arqueologia da Morte no Gharb “português”: almocavares e outros registos funerários*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

GOUVEIA, Mário de (2007) – O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (séc. X-XI). In KRUS, Luís; OLIVEIRA, Luís Filipe; FONTES, João Luís, coord. – *Lisboa Medieval – os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 338-399.

GRILO, Carolina; FABIÃO, Carlos; BUGALHÃO, Jacinta (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Narc), Lisboa. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord. – *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.

GUEDES, César (2021) – As Sepulturas Escavadas na Rocha entre os Rios Távora e Cabrum. Tipologias Implantação e as Leituras Possíveis do Território. In BARROCA, Mário Jorge, coord. – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 179 – 207.

GUERRA, Amílcar (2006) – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9:2. Lisboa: DGPC, p. 271-297.

GUERRA, Amílcar (2015) – Uma consagração aos Deuses Bons proveniente de Lisboa (Olisipo) (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conimbriga»)*, 128, nº 541.

GUIMARÃES, Raquel; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do século III d. C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, coord. – *Arqueologia em Portugal – 150 anos. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1279-1292.

HACKWITZ, Kim von; LINDHOLM, Karl-John (2015) – *Landscapes of mortuary practices*. – K. von Hackwitz (Hrsg.), *Ancient Death Ways. Proceedings of the workshop on archaeology and mortuary practices (Uppsala 2015)*.

JORGE, Ana Maria C. M. (2018) – Os prelados de Lisboa na época visigoda (476-711/714). In FONTES, João Inglês; GOUVEIA, António Camões; ANDRADE, Maria Filomena; FARELO, Mário, coord. – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 51–60.

KRUS, Luís; OLIVEIRA, Luís Filipe; FONTES, João Luís (2007) – *Lisboa Medieval: Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte.

LEITÃO, Manuela (2014) – Muralhas de Lisboa. *Rossio - Estudos de Lisboa*, 3. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 66-79.

LEITÃO, Vasco (2020) – Ficha de Sítio/ Achado/ Equipamento - Campo das Cebolas, 11-23/ Escadinhas do Marquês do Lavradio, 17. Disponível em [www: https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/96---lisboa-romana-word-tmpl1-campo-das-cebolas.pdf](https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/96---lisboa-romana-word-tmpl1-campo-das-cebolas.pdf)

LEME, Margarida (2016) – O património dos hospitais medievais na Lisboa manuelina. FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina; FARELO, Mário; MARTINS, Miguel Gomes, coord. - *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Coleção Estudos 15. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, pp. 393-438.

LIBERATO, Marco (2012) – Novos dados sobre a paisagem urbana da Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão. *Medievalista* [Online], 11. Disponível em: <http://journals.openedition.org/medievalista/803>; DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.803>

LOJA, S; FERREIRA, M; BANITZ, R; CASIMIRO, Sílvia; SILVA, R B; ALVES-CARDOSO, Francisca (2018) – Fazer sentido de ossos humanos dispersos através da paleopatologia. Um estudo de caso de cronologia romana identificado na Tapada da Ajuda, Lisboa (Portugal). *VI Jornadas de Paleopatologia, GEEvH & CIAS, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra*. Dezembro, pp. 13–14. Disponível em www.researchgate.net/publication/329628968_FAZER_SENTIDO_DE_OSSOS_HUMANOS_DISPERSOS_ATRAVES_DA_PALEOPATOLOGIA Um estudo de caso de cronologia romana identificado na Tapada da Ajuda Lisboa Portugal Alteracoes na coluna vertebral

LOJA, Sílvia; QUARESMA, José Carlos; CABAÇO, Nelson; LOURENÇO, Marinha; CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da; ALVES-CARDOSO, Francisca (2020) – O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. – *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1360.

LOPES, David (1895) – Cousas arabico-portuguesas. *O Arqueólogo Português*. Série 1: I. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 204-210.

LOPES, Rodrigo Jorge Ferreira da Silva (2016) – *Análise de Perfil Biológico de Séries Osteológicas das Necrópoles de Casal de S. Brás e da Serra de Carnaxide*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2010) – *Arqueología del mundo funerario en la Península Ibérica (siglos V - X)*. Colección Biblioteca Básica 3. Madrid: La Ergástula.

LOURINHO, Inês; SILVA, Manuel Fialho (2019) – Lisboa nas vésperas da conquista: da política à topografia. In FERNANDES, Isabel Cristina F.; BRANCO, Maria João v., coord. – *Da Conquista de Lisboa à Conquista de Alcácer (1147-1217). Definições e Dinâmicas de um território de fronteira* Lisboa: Edições Colibri, pp. 167–188.

MACIAS, Santiago (1992) – A basílica paleocristã e as necrópoles paleocristã e islâmica de Mértola: aspectos e problemas. In EDIZIONI DEL GIRASOLE, ed. – *XXXIX Corso di Cultura Sull' Arte Ravennate Bizantina. Ravenna, 6-12 aprile* Ravenna: Edizioni del Girasole, pp. 401–434.

MAGALHÃES, Manuela Raposo; CORTEZ, Nuno; CONCEIÇÃO, José Manuel; RAICHANDE, Sofia (2003) – Complexidade da paisagem metropolitana. *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa* Área Metropolitana de Lisboa. Lisboa: Área Metropolitana de Lisboa, pp. 69–89.

MURTINHO, Vítor; MAIA, Joana (2015) (Re)construir o construído: a Praça Nova do Castelo de S. Jorge em Lisboa. In *Metallica*, 37, pp. 18-25.

MAIO, Daniela Filipa Silva (2018) – *Ocupação Paleolítica no Barlavento Algarvio: Modelos Preditivos com Recurso aos SIG*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

MARQUES, António de Oliveira (1988a) – Lisboa Medieval: Uma visão de conjunto. In MARQUES, António de Oliveira, coord.– *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 13–42.

MARQUES, António de Oliveira (1988b) – A persistência do elemento muçulmano na história de Portugal após a «Reconquista». O exemplo da cidade de Lisboa. In MARQUES, António de Oliveira, coord.– *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 13–42.

MARQUES, António Henrique R de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar (1990) – *Atlas de cidades medievais portuguesas, vol. I: séculos XII-XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica (1ª ed.).

MARTÍN VISO, Iñaki (2012) – Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos: De la necrópolis a la parroquia en el centro de la península Ibérica. *Reti Medievali Rivista*. 13:2, pp. 3–45.

MARTÍN VISO, Iñaki (2014) – El espacio del más acá: las geografías funerarias entre la Alta y Plena Edad Media. In LÓPEZ OJEDA, Esther, ed. – *De La Tierra al Cielo. Ubi Sunt Qui Ante Nos In Hoc Mundo Fuere? XXIV Semana de Estudios Medievales. Nájera, del 29 de Julio al 2 de Agosto de 2013* Logroño: instituto de estudios riojanos, pp. 75–140.

MATOS, José Luís de (1994) - As escavações no interior dos Claustros da Sé de Lisboa e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa. In Moita, Irisalva, coord. - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 81-87.

MATOS, José Luís de (1999) – *Lisboa Islâmica*. Instituto Camões.

MATOS, José Luís de (2001) – Lisboa islâmica. *Arqueologia Medieval*, 7. *Colóquio Lisboa, Encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos* (1997). Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 79-88.

MATOS, José Luís de (2015) – *Lisboa na civilização islâmica*. Academia das Ciências de Lisboa.

MATOS, Pedro; CATARINO, Helena (2021) – Sepulturas, Topónimos e Habitats: Elementos para a Compreensão do Povoamento Alto-Medieval no Município de Santa Comba Dão (Viseu). In BARROCA, Mário Jorge, coord. – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 273-290.

MATTOSO, J. (1996) – *O Reino dos mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. (1.ª ed.)

MATTOSO, José (1997a) – A Época Sueva e Visigótica. In MATTOSO, José, ed. – *História de Portugal. Primeiro Volume. Antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 275–322.

MATTOSO, José (1997b) – Portugal no Reino Asturiano-Leonês. In MATTOSO, José, ed. – *História de Portugal. Primeiro Volume. Antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 393–496.

MEIRA, Catarina (2015) – As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais (Séculos VI e VII). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MENDONÇA, João Lapo (2016) – A importância da água subterrânea no concelho de Lisboa em situação de crise extrema. Technical Report.

MOREIRA, António Montes (2018) – Potâmio e a Diocese de Lisboa na época romana (séc. III-IV). – In FONTES, João Inglês; GOUVEIA, António Camões; ANDRADE, Maria Filomena; FARELO, Mário, coord. – *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 27–51.

MOITA, Irisalva (1994) – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

MOTA, Nuno (2017) – Casa da Severa, memórias arqueológicas de um espaço (Largo da Severa, n.º 2, Mouraria, Lisboa). In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 387-412.

MOTA, Nuno; CARVALHINHOS, Marina; MIRANDA, Pedro (2018) – A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; PRATA, Sara, coord. – *Espaços e poderes na Europa urbana medieval* Castelo de Vide: IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 495–520.

MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2021) – A estrutura urbana da cidade portuária. In FABIÃO, Carlos, coord. - *A morfologia urbana. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 28–47.

Museu Nacional de Arqueologia (1994) - Lisboa Subterrânea. Catálogo da exposição apresentada no Museu Nacional de Arqueologia pela Sociedade de Lisboa, de 26 de fevereiro a 31 de dezembro de 1994. Lisboa: Sociedade de Lisboa. Milão: Electa.

NASCIMENTO, A. A (2018) – *A Conquista de Lisboa aos Mouros (De Expugnatione Lyxbonensi)*. Relato de um Cruzado. Lisboa: Vega (3ª ed.).

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; MATA, Vanessa (2015) – A Cerca Fernandina: das Portas de Sta. Catarina ao Postigo do Duque – Lisboa. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 286-297.

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; RIBEIRO, Ricardo Ávila; VIEIRA, Vasco Noronha (2021) – A *Domus* romana dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa). In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 11-121.

NOZES, Cristina (2019) – Ficha de sítio/ Achado/ Equipamento - Poço de Cortes. Disponível em [www: https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/50---lisboa-romana-word-tmpl1-poco-de-cortes.pdf](https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/50---lisboa-romana-word-tmpl1-poco-de-cortes.pdf)

NÚCLEO CIENTÍFICO DE ESTUDOS MEDIEVAIS, Instituto de Estudos Medievais (2002) – *A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Edições Colibri.

NUNES, Maria Margarida Ataíde (2010) – *A Morte em Lisboa na Idade Média - Contributo Arqueológico (Séculos XII a XV)*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

OLIVEIRA, Filipe Santos; VIEIRA, Vasco Alexandre Correia Noronha (2013) - A evolução de um contexto habitacional de Idade Moderna, no Beco das Barrelas, Alfama. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1033-1040.

OLIVEIRA, Filipe; MIGUEZ, João; FURTADO, Catarina; COSTA, Cláudia (2017) – Caracterização da ocupação tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 158-168, Lisboa. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, coord. – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1567-1580.

OLIVEIRA, José Miguel; MANSO, Cláudia; CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da; SEABRA, Ana (2021) – Núcleos Ocidentais III: Rua de São Nicolau e Corpus Christi: discretas evidências da Antiguidade Tardia. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. - *Para Além Desta Vida: a memória Funerária de Felicitas Iulia Olisipo. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio, pp. 120.

OLIVEIRA, Ana Maria da (2021) – Sepulturas Escavadas na Rocha da Região de Bragança: Contributo para o Estudo do Povoamento Medieval. In BARROCA, Mário Jorge, coord. – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 313-336.

ORENGO, Hector (2015) – Open-Source GIS and Geospatial Software in Archaeology: Towards their Integration into Everyday Archaeological Practice. In WILSON, Andrew T.; EDWARDS, Ben, coord. – *Open-Source Archaeology: Ethics and Practice*. Poland: De Gruyter Open, pp. 64-82.

OSÓRIO, Marcos (2013) – Introdução aos SIG em Arqueologia através do programa Quantum GIS. In OSÓRIO, Marcos, eds. - *Aplicações SIG em Arqueologia no território nacional*. Seminário SIG em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 2-13.

OSÓRIO, Marcos (2013b) – *Aplicações SIG Em Arqueologia No Território Nacional*. Seminário SIG em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OSÓRIO, Marcos (2014) – Potencialidades e fragilidades de algumas metodologias SIG aplicadas ao estudo do Passado. In OSÓRIO, Marcos, eds. - *Experiências SIG na Arqueologia Portuguesa*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 1-20.

OSÓRIO, Marcos (2014b) – *Experiências SIG na Arqueologia Portuguesa*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O’SULLIVAN, Deirdre (2013) – Burial of the Christian Dead in the Later Middle Ages. In STUTZ, Liv Nilsson & TARLOW, Sarah, eds. – *The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial*. Oxford University Press, pp. 259–280.

PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J. L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M.A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P.; FALÉ, P. (2006) – *Notícia Explicativa da Folha 34-D Lisboa*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.

PEDROSO, Sérgio; CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da; CARDOSO, Francisca Alves (2020) – Um Espaço Funerário Conventual do século XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão – Textos*. Lisboa e Porto: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1705-1717.

PEREIRA, Ana Ramos (2003) – Diversidade do meio físico e recursos naturais. *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Área Metropolitana de Lisboa, pp. 47-65.

PEREIRA, Carlos Samuel Pires (2018) – *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia. Suplemento 9. O Arqueólogo Português*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PÉREZ, Jesus Acero (2021) – A Gestão dos Resíduos na Lisboa Romana. In Fabião, Carlos, coord. - *A morfologia urbana. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 103-125.

PETERSEN, Andrew (2021) – The Archaeology of Death and Burial in the Islamic World. In STUTZ, Liv Nilsson & TARLOW, Sarah, eds. – *The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial*. Oxford University Press, pp. 241-258.

PIMENTA, João (2005) – As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa) (Trabalhos de Arqueologia 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

PINA, Isabel Castro (1996) – Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV. In MATTOSO, José, eds. – *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 125-164.

PIRES, Hélio (2017) – *Os Vikings em Portugal e na Galiza. As Incursões Nórdicas Medievais no Ocidente Ibérico*. Sintra: Zéfiro.

PONCE, Mónica; OLIVEIRA, Filipa; NUNES, Tiago; PINTO, Marina; LOURENÇO, Marina (2017) – O sítio dos Lagares (Lisboa) - Um Espaço Pluricultu(r)al. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. - *Arqueologia em Portugal. 2017. Estado da Questão*, pp. 1703-1714.

PRADALIÉ, Gérard (1975) – *Lisboa da Reconquista ao fim do século XIII*. Lisboa: Edições Pala.

PRATA, Sara (2012) – *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa.

PINHEIRO, Helena; SANTOS, Helena; REBELO, Paulo (2017) – Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César;

MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal, 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1293-1304.

QUINTEIRA, Catarina; ENCARNANÇA, José D' (2009) – Pedestal ao divino Augusto, de Olisipo, reencontrado. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis (SEBarc)*. Barcelona: Universitat de Barcelona. VIII, pp. 143-146.

QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2011) – Dove sono i visigoti? Cimiteri e villaggi nella Spagna centrale nei secoli VI e VII. *Archeologia e storia delle migrazioni. Europa, Italia, Mediterraneo fra tarda età romana e alto medioevo. Atti del Convegno internazionale di studi Cimitile-Santa Maria Capua Vetera, 17-18 giugno 2010*. January 2011, pp. 157-179.

REAL, Manuel Luís (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no Occidente Peninsular. *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans da Universitat de Barcelona & Universidade Nova de Lisboa, pp. 17-68.

REAL, Manuel Luís (1998) – Os Moçárabes do Gharb português. In TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, coord. - *Portugal islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 35-36.

REAL, Manuel Luís (2000) – Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. In CABALLERO, Luis; MATEOS, Pedro, coord. - *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media (Mérida, abril de 1999)*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 21-75.

REAL, Manuel Luís (2015) – Os moçárabes entre a convivência e a intolerância: resistências, apostasias, dissimulações e ambiguidades. In AYALA MARTÍNEZ, Carlos de; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, coord. – *Cristãos contra Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Bases ideológicas e doutrinárias de um confronto (séculos X-XIV). Cristãos contra Musulmanes en la Edad Media Peninsular. Bases ideológicas y doctrinales de una confrontación (siglos X-XIV)*. Lisboa: Edições Colibri, Universidade Autónoma de Madrid, pp. 29-64.

REBELO, Paulo; PEÇA, Pedro (2021) – Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: Dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In ANTUNES, Ana Sofia; NOZES, Cristina; CARVALHINHOS, Marina; LEITÃO, VASCO, coord. – *II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 253-263.

REI, António (2001) – As portas da cerca de Lisboa no período islâmico. *Arqueologia e história. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 35-43.

RIBEIRO, Ricardo Ávila Ribeiro; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; ROCHA, Miguel (2017) – Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de novembro de 2015)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 223-245.

ROCHA, ARTUR Jorge Ferreira; RERESAS, Jéssica Levy; MIGUEZ, João Nuno; INOCÊNCIO, Joana Rosa Correia (2013) – Edifício sede do Banco de Portugal em Lisboa.

Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord. - *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.

RODRIGUES, Maria João Madeira (1975) – Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora. In ALMEIDA, D. Fernando de, coord. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Lisboa, V, Segundo Tomo*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, pp. 165-175.

RODRIGUES, Andreia Filipa Moreira (2020) – A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e cerâmica medieval islâmica. In Arnaud, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal 2020. Estado da Questão*. Lisboa e Porto: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1559–1569.

RODRIGUES, Jorge (2016) – A Sé de Lisboa, de Panteão Régio de D. Afonso IV a necrópole de enterramentos privilegiados no final da Idade Média. In MELO, Joana Ramôa; AFONSO, Luís Urbano, coord. – *O Fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*. Lisboa: ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 33-52.

SALOMÉ, Rita; CALADO, Marco (2012) – Um pequeno conjunto cerâmico de Época Medieval da rua de São Mamede (Lisboa). *Al-Mandan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, II, 1, pp. 23-30.

SANTOS, Joaquim Manuel Rodrigues dos (2020) – As vistas da “Acrópole de Lisboa”. Análise das representações iconográficas do Castelo de São Jorge e Real Paço da Alcáçova nas imagens panorâmicas de Lisboa tomadas a partir do rio Tejo. IN CARITA, Hélder; GARCIA, José Manuel, coord. – *A Imagem de Lisboa: O Tejo e as Leis Zenonianas da Vista do Mar*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 122-145.

SANTOS, Maria Helena Ribeiro dos (2015) – Ficha de Casa Religiosa – Convento Corpus Christi. *Projecto Lx Conventos – Base de Dados*. Disponível em [www: http://lxconventos.cm-lisboa.pt/base-de-dados/](http://lxconventos.cm-lisboa.pt/base-de-dados/)

SANTOS, Pedro José Leitão da Silva Santos (2006) – *Aplicações de Sistemas de Informação Geográfica em Arqueologia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa.

SARRAZOLA, A.; MACEDO, M. L. (2013) - A rua do Passadiço nos *suburbia* de *Olisipo*. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9. Lisboa: Era-Arqueologia, pp. 73-77.

SARRAZOLA, A. (2014) – Rua do Passadiço, 26. Olisipo e o seu termo. *Estudos de Lisboa*, 3. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses, pp.28-33.

SCIANNA, Andrea; VILLA, Benedetto (2011) – GIS Applications in archaeology. *Archeologia e Calcolatori*, 22, pp. 337-363.

SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a terra sigillata. *Revista portuguesa de arqueologia*. 6:2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 401–414.

SERAFIM, Inês Joana Batista (2017) – *Análise biocultural de indivíduos exumados do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra.

SEQUEIRA, Célia Maria Alves Gonçalves (2009) – *Modelos Preditivos de SIG na Localização de Sítios Arqueológicos de Cronologia Mesolítica no Vale do Tejo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

SIDARUS, Adel; REI, António (2001) – Lisboa e o seu termo segundo os geógrafos árabes. *Arqueologia Medieval*, 7. *Colóquio Lisboa, Encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos* (1997). Lisboa: Edições Afrontamento, pp. 37-72.

SILVA, Augusto Vieira da (1943) – *As Freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1944a) – *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa romana*. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1944b) - Uma estação lusitano-romana no sítio de Poço do Cortes. *Revista Municipal* 20 e 21. 1º e 2º trimestre. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 37-41.

SILVA, Augusto Vieira da (1950) – *Plantas topográficas de Lisboa*. Publicações comemorativas do VIII centenário da tomada de Lisboa aos mouros. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1987a) – *A cerca moura de Lisboa: estudo histórico descritivo*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa (3.ª ed).

SILVA, Augusto Vieira da (1987b) – *A Cerca Fernandina de Lisboa. Volume I*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa (3.ª ed).

SILVA, Augusto Vieira da (1987c) – *As Muralhas da Ribeira de Lisboa. Volume I*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa (3.ª ed).

SILVA, Carlos Guardado da (2008a) – *Lisboa Medieval. A organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, Manuel Fialho (2017) – *Mutação Urbana Na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SILVA, Rodrigo Banha da (1997) – As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo. In BARROS, Luís Manuel B.V.; HENRIQUES, Fernando J. Robles, coord. – *Atas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana* (Almada, 20 a 23 de fevereiro de 1997). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.

SILVA, Rodrigo Banha da (1999) – O urbanismo de Olisipo: a zona ribeirinha. – *II Colóquio Temático. Lisboa Ribeirinha. Actas das Sessões*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43–67.

SILVA, Rodrigo Banha da (2005) – “*Marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a. C. – séc. II d. C.). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho.

SILVA, Rodrigo Banha da (2008b) – O Contexto [913] da I.A.U. do Largo do Chafariz de Dentro: Um Contributo para o Conhecimento da Actividade Oleira na Área de Alfama (Lisboa) durante o Período Islâmico. Disponível em [www: https://www.academia.edu/3992330/O_contexto_913_da_IAU_do_Largo_do_Chafariz_de_Dentro_Alfama](https://www.academia.edu/3992330/O_contexto_913_da_IAU_do_Largo_do_Chafariz_de_Dentro_Alfama)

SILVA, Rodrigo Banha da (2009) – A ocupação do período da dominação islâmica na Praça da Figueira (Lisboa). – *Actas do Congresso Afonso Henriques e a sua época*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 136–147.

SILVA, Rodrigo Banha da (2011) – *Olisipo*. In REMOLÀ VALLVERDÚ, Josep Anton & ACERO PÉREZ, Jesús, eds. – *La Gestión de los Residuos Urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006) In Memoriam. Anejos de Aespa LX Mérida: Instituto Arqueología Mérida. Archivo Español de Arqueología*, pp. 203–212.

SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira – Arqueologia*, 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu Municipal, pp. 74-87.

SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia*, II. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu Municipal, pp. 40-62.

SILVA, Rodrigo Banha da (2015a) – Duas Terracotas Femininas Romanas Do Palácio Dos Condes De Penafiel (Lisboa). *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*, 5. Lisboa, pp. 1–6.

SILVA, Rodrigo Banha da (2015b) – Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/Largo das Portas do Sol (Lisboa): As evidências do período romano. *Cira-Arqueologia III – Atas – Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu Municipal, pp. 178-199.

SILVA, Rodrigo Banha da; DE MAN, Adriaan (2015) – Palácio dos Condes de Penafiel. A significant late antique context from Lisbon. In *Actas do X Congresso Internacional. A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Mértola e Silves: Campo Arqueológico de Mértola*, pp. 455–460.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018a) – A «Via Norte» de Olisipo: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viários e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In SENNA-MARTINEZ; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel, coord. - *Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/ Direção Municipal de Cultura, Departamento de Património Cultural, Centro de Arqueologia de Lisboa e Sociedade de Geografia de Lisboa, Secção de Arqueologia, pp. 73-86.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018b) – O Convento de São Domingos, em Lisboa, e a leitura arqueológica das suas hortas, entre os séculos XIII e XV. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; Prata, Sara, coord. - *Espaços e poderes na Europa Urbana Medieval*. Coleção e estudos,18. Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 553-570.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018c) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de Olisipo. *Cira-Arqueologia*, 6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu Municipal, pp. 179-198.

SILVA, Rodrigo Banha da (2021a) – As inscrições funerárias da Necrópole NO de Olisipo. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 105-116.

SILVA, Rodrigo Banha da (2021b) - Espaços funerários: de Felicitas Iulia Olisipo a Olisipona. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 25-31.

SILVA, Rodrigo Banha da (2021c) - Alfama. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 25-31.

SILVA, Rodrigo Banha da (2021d) – Núcleos Ocidentais I: Palácio dos Condes de Penafiel In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 117-119.

SILVA, Rodrigo Banha da; CASIMIRO, Sílvia (2013) – A Fase V na Praça da Figueira (Lisboa): Na periferia de Olisipo nos séculos V a VIII. Poster apresentado na VIII Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitânia. Mangualde, 10-11 de Maio de 2013. Disponível em [www:](http://www.researchgate.net/publication/268151199_A_Fase_V_na_Praça_da_Figueira_Lisboa_na_periferia_de_Olisipo_entre_a_2_metade_do_Sec_IV_e_o_SecVIII-Mangualde_VIII_Mesa_Redonda_sobre_a_Lusitania_Romana_entre_Romanos_e_Barbaros_Portugal)

[https://www.researchgate.net/publication/268151199_A_Fase_V_na_Praça_da_Figueira Lisboa na periferia de Olisipo entre a 2 metade do Sec IV e o SecVIII-Mangualde VIII Mesa Redonda sobre a Lusitania Romana entre Romanos e Barbaros Portugal](https://www.researchgate.net/publication/268151199_A_Fase_V_na_Praça_da_Figueira_Lisboa_na_periferia_de_Olisipo_entre_a_2_metade_do_Sec_IV_e_o_SecVIII-Mangualde_VIII_Mesa_Redonda_sobre_a_Lusitania_Romana_entre_Romanos_e_Barbaros_Portugal)

SILVA, Rodrigo Banha; CASIMIRO, Sílvia; ALVES-CARDOSO, Francisca (2021a) – Praça da Figueira. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 44-66.

SILVA, Rodrigo Banha; ALVES-CARDOSO, Francisca; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; CASIMIRO, Sílvia; LOURENÇO, Marina; GRANJA, Raquel; GARCIA, Susana; DUARTE, Cidália (2021b) – Práticas e Rituais Funerários em Olisipo entre os séculos I a VI d.C. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 128-138.

SILVA, Rodrigo Banha da; DE MAN, Adriaan (2015) – Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In GONÇALVES, Maria Jose; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana, coord. - *A Cerâmica Medieval do Mediterrâneo*. Actas do X Congresso Internacional (22 a 27 de outubro de 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 455-460.

SILVA, Rodrigo Banha da; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011) – O bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa). In GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; TENTE, Catarina, coord. – *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa, Algarve: Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve, pp. 17-25.

SILVÉRIO, Sofia Alexandra Domingues (2014) – *Arqueologia da Arquitetura – Contributo para o estudo da Sé de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ŠMEJDA, Ladislav; TUREK, Jan (2004) – *Spatial Analysis of Funerary Areas*. University of West Bohemia, Department of Archaeology. Plzeň: Vydavatelství a nakladatelství Aleš Čeněk.

SORIANO CASTRO, Patricio (2006) – Propuestas metodológicas en informática para la investigación arqueológica funeraria. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 17, pp. 47–66.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998) – Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 1, Número 2, pp. 191- 218.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002) – Sepulturas medievais do distrito de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5:1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 239-258.

TENTE, Catarina (2018) – Os últimos 30 anos da Arqueologia Medieval portuguesa (1987-2017). In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, coord. – *Treinta años de Arqueologia Medieval en España* Oxford: Archaeopress, pp. 49–94.

TENTE, Catarina; CARVALHO, António Faustino (2015) – *Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspectivas*. In QUIRÓS-CASTILLO, Juan António, coord. – *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII. Documentos de Arqueología Medieval*; 8) Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 125-44.

TENTE, Catarina; CORDERO RUIZ, Tomas; VELOSO, João Luís (2021) – Sepulturas escavadas na rocha na Beira Interior durante a Alta Idade Média. Sociedades e paisagens rurais. In BARROCA, Mário Jorge, coord. – *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica: Atas do Congresso Internacional*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 473-488.

TERESA, Casal M.^a; LEÓN, Alberto; LÓPEZ, Rosa; VALDIVIESO, Ana; J. SORIANO, Patricio (2006) – Espacio y usos funerarios en la Qurtuba Islámica. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 17, pp. 257–290.

TORRES BALBÁS, Leopoldo (1970) – Los Cementerios. – *Ciudades hispanomusulmanas. Tomo I* Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores/Instituto Hispano-Arabe De Cultura, pp. 235–434.

TORRES, Cláudio (1995) – Lisboa Muçulmana. Um Espaço Urbano e o seu Território. – In JORGE, Vítor Oliveira Manuel, coord. - *Actas VII - 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de outubro de 1993)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 427–434.

TORRES, Cláudio (1997) – O Garb-al-Andaluz. In MATTOSO, José, coord. – *História de Portugal. Primeiro Volume. Antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 329–384.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1996) – Ritos funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola. In MATTOSO, José, coord. - *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 11-44.

TOSO, Alice; GASPAR, Sara; BANHA DA SILVA, Rodrigo; GARCIA, Susana J.; ALEXANDER, Michelle (2019) – High status diet and health in Medieval Lisbon: a combined isotopic and osteological analysis of the Islamic population from São Jorge Castle, Portugal. *Archaeological and Anthropological Sciences*. 11:8, pp. 3699–3716.

TOSO, Alice; Schifano, Simona; Oxborough, Charlotte; McGrath, Krista; Spindler, Luke; Castro, Anabela; Evangelista, Lucy; Filipe, Vanessa; Gonçalves, Maria João; Marques, Antonio; Mendes da Silva, Inês; Santos, Raquel; Valente, Maria João; McCleery, Iona;

Alexander, Michelle (2021) - Beyond faith: Biomolecular evidence for changing urban economies in multi-faith medieval Portugal. *American Journal of Physical Anthropology*.

TRINDADE, Laura (2019) – A Reconquista e a cristianização da paisagem urbana portuguesa. In AYALA MARTÍNEZ, Carlos de, FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira & PALACIOS ONTALVA, J. Santiago, eds. – *La Reconquista Ideología y justificación de la guerra santa peninsular* Madrid-Lisboa: Ediciones Colibrí y La Ergástula, pp. 123–140.

VALE, Ana; FERNANDES, Lúdia; LOUREIRO, Carlos Cabral (2021) – O Circo de Felicitas Iulia Olisipo: um monumento lúdico romano. In FERNANDES, Lúdia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 53-67.

VALONGO, António (2021) – A ocupação romana na Rua Vítor Cordon 29-33, Rua do Ferragial 6-10A. In FERNANDES, Lúdia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. - *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 129-131.

VARGAS, José Manuel (2002) – As freguesias de Lisboa e do seu termo na Idade Média. *Olisipo. Grupo Amigos de Lisboa*, II série, 17. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-66.

VAQUERIZO GIL, Desiderio (2007) – La muerte en la Hispania romana. Ideología y prácticas. Enfermedad, muerte y cultura en las sociedades del pasado. Importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos. Volumen I. *Actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología – I Encuentro hispano-luso de Paleopatología* (Cáceres 16-19 de Noviembre de 2005), pp. 135-158).

VASCONCELOS, José Leite de (1895) – Inscrição christã de Mertola. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, I. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 7-9.

VASCONCELOS, José Leite de (1896) – Sepultura de pedra. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, II. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 248.

VIEIRA, Vasco Noronha; NETO, Nuno; CASIMIRO, Sílvia; FRAZÃO, Victor (2021) – Rua do Paraíso. Os Monumentos Funerários: um *Columbário* de Olisipo. In SILVA, Rodrigo Banha, coord. - *Para Além Desta Vida. Lisboa Romana, Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio, pp. 124-127.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2009) – Sepulturas, huertos y radiocarbono (siglos VIII-XIII D. C.). El processod de islamización en el medio rural del centro peninsular y otras cuestiones. *Stud. Hist. H.^a mediev*, 27, pp. 97.-118.

WHEATLEY, David; GILLINGS, Mark (2002) – Chapter one - Archaeology, Space and GIS. – *Spatial Technology and Archaeology* New York: Taylor & Francis, pp. 1–18.